

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ALEXANDRE BOSQUETTI KUNSLER

**A VIDA EM DEVIR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA:
ETNOGRAFIA DE UMA SOBREVIVÊNCIA**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ALEXANDRE BOSQUETTI KUNSLER

A Vida em Devir como forma de Resistência:

Etnografia de uma Sobrevivência

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre

2018

Ficha Catalográfica

K96v Kunsler, Alexandre Bosquetti

A Vida em Devir como forma de Resistência : Etnografia de uma Sobrevivência / Alexandre Bosquetti Kunsler . – 2018.

146 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro.

1. Desejo. 2. Processos de Subjetivação. 3. Agência. 4. Estado Tóxico. I. Ribeiro, Fernanda Bittencourt. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

ALEXANDRE BOSQUETTI KUNSLER

A Vida em Devir como forma de Resistência:

Etnografia de uma Sobrevivência

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Aprovada em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Profa. Dra. Patrice Schuch

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

Prof. Dra. Lúcia Helena Alves Muller

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Em especial agradeço as duas mulheres que nutrem de carinho minha existência. À *Dona Tereza*, pelo amor incondicional, fonte de inspiração e admiração, tua luta cotidiana me permite sonhar. À *Débora*, companheira de vida, cúmplice de meus desejos, obrigado por colorir meus dias.

Aos colegas trabalhadores do POD Socioeducativo *Vladimir Motta, Guilherme Rodrigues, Nathaniel Raimundo, Ismael Hanel e Vitória Cherfên, Iara Coeli e Maria Cecília Tonello* pela amizade, pela singularidade de nossos encontros e pelas experimentações de um fazer artesanal engajado voltado à sociodução.

À equipe da Casa da Juventude Guajuviras *Ana Laura Quadros, Lucila da Rosa, Dinah Castro, Grazy Liz, Suélen Acosta, Gabriela Silveira* pela parceria e intensidade do trabalho realizado no ano de 2016. Carinho estendido aos demais trabalhadores dos Territórios de Paz do município de Canoas/RS, especialmente a parceira *Bruna Koerich*.

Aos companheiros e amigos dos coletivos *Bloco da Laje e Turucutá* pelos encontros de criação artística, por alimentarem meu corpo com carnaval e por produzirem em mim a inspiração necessária de ousar no encontro da ciência com a arte.

Aos ex-colegas de graduação e mestrado em Ciências Sociais da PUCRS, por nossas produtivas discussões teóricas e políticas, por nossas festas e brincadeiras e pela celebração de nossa amizade.

À minha orientadora *Fernanda Bittencourt Ribeiro* pela sensibilidade, engajamento e confiança, por acreditar mais uma vez em nosso encontro e por permitir que eu desse voz aos afetos produzidos nesta pesquisa.

Às professoras *Gislei Lazzarotto, Patrice Schuch e Lúcia Muller* por terem aceito compor a banca de avaliação deste trabalho.

Ao bando de jovens “*vida loka*” que em algum momento cruzaram minha trajetória dentro do POD e nas ruas de Porto Alegre. A partir de nossas trocas e experiências parte deste trabalho se tornou possível.

Ao meu pai *Seu Osvaldo (in memoriam)* que estaria muito orgulhoso neste momento.

Por fim, agradeço a *Xirú* pela intensidade de nosso encontro, pelo comprometimento em me ajudar a realizar esta pesquisa, por compartilhar a potência de sua vida estremecendo minhas escassas certezas e por me fazer acreditar que o afeto é o cimento da existência.

Xirú me ensinou que se a vida é um sopro, resta-nos torná-la ventania.

RESUMO

Como resultado de uma etnografia realizada ao longo de três anos a presente dissertação procura problematizar os contornos da produção desejante no contemporâneo por meio dos processos de subjetivação que emergem no encontro de um jovem com um conjunto de políticas públicas de reinserção social, educação e saúde. As referidas políticas foram acionadas de modo a afirmar sua cidadania constituindo novas possibilidades de vida depois do incidente violento que marcaria profundamente esta trajetória. A possibilidade de acompanhar a resistência deste jovem em seus encontros com as margens do Estado, caracterizada por uma intensa circulação institucional, permitiu cartografar seus agenciamentos na composição de territórios existenciais relacionados às diferentes maneiras com que as políticas públicas se colocaram frente ao seu modo de vida. Desta relação destaca-se a presença de um *Estado Tóxico* produtor de relações *envenenadas* que, ao romper com as garantias cidadãs, posiciona os sujeitos como *vítimas do governo*, criando as condições sociais e subjetivas para a formação do território do *crime*.

Palavras-Chave: Desejo – Processos de Subjetivação – Agência – Estado Tóxico

ABSTRACT

Based on an ethnography, carried out over three years, this work seeks to problematize the contours of the contemporary production of desire through the processes of subjectivation that emerge in the encounter of a young person with a set of public policies of social reinsertion, education, and health. These policies were triggered in order to affirm citizenship, constituting new life possibilities after the violent incident that would deeply mark this young man's trajectory. The possibility of accompanying this resistance in his meetings with the margins of the state, characterized by an intense institutional movement, allowed mapping their assemblages in the composition of existential territories related to the different ways in which the public policies are put before ways of life. Thus, this "*Toxic State*" produces *poisoned relationships*, that when the guarantees of citizenship are broken, subjects are positioned as *victims of the government*, creating the social and subjective conditions for the formation of the territory of the *crime*.

Keywords: Desire – Processes of Subjectivation – Agency – Toxic State

SUMÁRIO

Prólogo

Cena de Ruptura: Rasgar e remendar	12
Cena de Captura: Em todo o escrever sobre a vida, há um inscrever-se sob ela mesma. Dando texto a um corpo	15
Cena de Reencontro: Capitães de Areia, Pixotes, Falcões e...	25

Introdução: Tramas e Encontros Teóricos

<i>Dos modos de pensar</i>	30
<i>O desejo como inspiração</i>	34
<i>Subjetivações estatais</i>	37
<i>Devires em movimento</i>	43
<i>Entre métodos e afetos</i>	48

Capítulo 1: “Eu Sou o Crime”

<i>Cartografia de uma vida</i>	59
<i>Dias de POD: Relatos de meus encontros com Xirú</i>	71

Capítulo 2: “Seu, eu pareço uma vítima?”

<i>Os temas e a vida</i>	87
<i>As formaturas e a vida</i>	90

Capítulo 3: “Seu, o governo tá me levando pro crime”

<i>Circulação e Veneno</i>	101
----------------------------------	-----

Capítulo 4: Das linhas aos confrontos

<i>Governar, matar ou moralizar?</i>	112
<i>Estado Venenoso</i>	116

Conclusão: a vida em devir

<i>Sobre Viver</i>	133
--------------------------	-----

Bibliografia

141

LISTA DE SIGLAS

FASE/RS – Fundação de Atendimento Sócio - Educativo do Estado do Rio Grande do Sul

CSE – Comunidade Socioeducativa

MSE – Medida Socioeducativa

DECA – Departamento Estadual da Criança e do Adolescente

CIPCS – Centro de Internação Provisória Carlos Santos

CASE – Centro de Atendimento Socioeducativo

POA 1 – Centro de Atendimento Socioeducativo Regional de Porto Alegre 1

POD – Programa de Oportunidades e Direitos

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

ICPAE – Internação Com Possibilidade de Atividade Externa

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

CAPS I – Centro de Atenção Psicossocial Infantil

EPA – Escola Porto Alegre

MNPR – Movimento Nacional da População de Rua

BPC – Benefício de Prestação Continuada

SUS – Sistema Único de Saúde

CREAS – Centro de Referência Especializado e Assistência Social

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É no nível de cada tentativa que se avalia a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle.

Gilles Deleuze

A vida vaza, se estende, produz excessos. Não há como pacificar a existência. E o que se busca ignorar, controlar, capturar, pode, num revés, saltar para fora e surpreender os que se arvoraram a governar inclusive o que restar do resto.

Não existe vida pura!

Hypomnemata 171 - NU-SOL

Este trabalho é uma homenagem aos inconscientes que protestam.

*Voa Xirú,
obrigado por abrir o livro de sua vida.*

PRÓLOGO

CENA DE RUPTURA: *Rasgar e Remendar*

E assim continuamos nossa caminhada, eu demitido, ele impedido de retornar para a instituição, informalmente expulso. Ambos por decisões políticas. O corte de recursos em programas sociais exigiu o desligamento de determinados trabalhadores. Escolhas foram feitas. A acusação de tráfico nos arredores da instituição revestiu um desejo antigo. Era o pretexto que faltava. Aqueles que não suportavam sua presença, que nunca entenderam o trabalho realizado, que não perceberam tudo que já havia acontecido, eles aparentemente conseguiram. No entanto, nossos encontros produziram potências de vida. Isso é irreversível. Neste processo me constitui como educador e como antropólogo, ele, por sua vez, deixou de ser um egresso da Fase e coadjuvante da política pública para se tornar Xirú. O que fazer daqui pra frente? Realmente não sei. Só sei que a cada vez que vejo aquele jovem andando pela rua ainda me emociono. Valorizo cada encontro como se fosse o último. Na iminência do fim de uma vida. Da constante luta contra as limitações de um corpo que carrega o peso de sua trajetória, de tragédias e glórias, num conflito insistente com sua metade. Reincorporando o próprio corpo. Agora, depois de quase dois anos de convivência

vamos nos desinstitucionalizar, nossas tentativas de deixar o cotidiano mais prazeroso podem sair da clandestinidade, podemos estabelecer novas alianças. Infelizmente vai doer, principalmente para ele, sobretudo porque ali um território foi constituído, uma existência ganhou sentido. Mas quais eram os limites da Política Pública? Acho importante virar a página, guardar as boas lembranças e abrir um novo capítulo, afinal de contas temos a rua para continuar estudando e fazendo os temas de espanhol e sociologia. Existe toda uma cidade para ser explorada. Experimentar novos espaços! Este seu modo de ser me mobiliza pela sua singularidade, por seus saberes vividos e pela sensibilidade de se deixar afetar por mim. E eu por ele. Poderia nomear esta experiência como o acompanhamento da reinserção social de um jovem egresso da FASE/RS, reduzindo assim a profundidade de um encontro que transbordou fronteiras. Prefiro chamá-la de acompanhamento de uma vida que resiste, da etnografia de uma sobrevivência. A intensidade que habita aquele pequeno corpo, transborda, machuca, comove. Vocês ainda não fazem ideia.

Diário de Vida 16-04-15

A apresentação deste primeiro fragmento, aqui chamado de “*rasgar e remendar*”, descreve um momento de profunda indignação, mas também de esperança e de abertura para o novo. Este excerto etnográfico relata de forma crua o dia do problemático rompimento do vínculo entre uma política pública e Xirú, um jovem em acompanhamento psicossocial. A RUPTURA que determinou o fim de um processo socioeducativo e afetivo complexo, de reconstrução da vida deste jovem dentro de um programa de “*reinserção social*” depois de tantas internações para cumprimento de medidas socioeducativas, manifestou uma tendência regular na trajetória de vida de Xirú no que diz respeito ao seu encontro com as mais diversas políticas e programas sociais voltados para a “*promoção da cidadania*” de “*jovens em situação de vulnerabilidade social*” e em “*conflito com a lei*”. Seus encontros com o Estado manifestam o confronto entre seu modo de vida e os repertórios morais presentes na execução deste conjunto de políticas públicas. Moralidades que acionavam determinadas intervenções com o objetivo de modular seu corpo e

subjetividade, e que também implicavam num conjunto de condições específicas para que o jovem pudesse acessar uma série de direitos e garantias básicas. Um espectro moral vinculado a sua história, sobretudo naquelas experiências relacionadas ao *mundo do crime* produzia uma desconfiança permanente sobre suas ações. Ao mesmo tempo, a ruptura com a política pública em questão se transformou numa oportunidade singular para acompanhar a trajetória deste sujeito para além do espaço institucional que operava o programa de acompanhamento de egressos. Depois de quase três anos de vinculação (dos quais dois deles com a minha presença como educador) chegava a hora de produzir novas alianças e encarar novos desafios fora da política pública.

CENA DE CAPTURA: *Em todo o escrever sobre a vida, há um inscrever-se sob ela mesma: Dando texto a um corpo*

Moral da noite, cuidar de uns carros e tentar a sorte... Na região central de Porto Alegre, o Cine Theatro Ypiranga organizava uma de suas tradicionais festas direcionadas para o público LGBT. A esta altura da noite já havia um grande movimento de jovens pela região da boate. Uma fila de carros se formava congestionando o trânsito do entorno. Em meio a movimentação o menino perseguia e orientava os carros a estacionarem nas ruas laterais da festa. Corria tentando convencer os motoristas de que sua vaga era mais segura do que as dos outros flanelinhas. "Bem cuidado Seu!". Ao sair do veículo o menino informou que metade do pagamento se dava no ato. Naquele momento o motorista justificou que não possuía os 5 reais para acertar a conta, mas que ao final da festa com o dinheiro trocado pagaria pelo serviço. A noite passou e o jovem correu de um lado para o outro. Correu em busca de cigarros, moedas e outros carros. Ao final da festa, em diferentes momentos, os proprietários dos carros saíam e se dirigiam para os seus automóveis. Nestes instantes a atenção deveria ser redobrada. O menino dispara quando avista o rapaz que lhe devia os 10 reais. Aproxima-se do carro e questiona, "Tá me devendo 10 real aí Seu". O rapaz responde que possui apenas uma nota de 50 reais, nada menos do que isto. O menino diz, "Vâmo faze assim ó, tu me dá os 50 e eu troco pra ti ali no bar da esquina". O rapaz aceitou, deu os 50 reais para o menino e ficou esperando... Com os 50 reais em mãos já era possível garantir o resto da noite. Próxima parada? Vila dos Papeleiros. O menino atravessou a Avenida Farrapos e avançou em direção à Rua Voluntários da Pátria, região popularmente conhecida como "Cracolândia". O ambiente é tenso. Corpos espalhados pela madrugada. Entulho e lixo pelas calçadas. Um cigarro é aceso. O corpo do menino ganha velocidade e cruza com os corpos de mulheres na esquina. Ele provoca. Elas reagem. Uma pedra é arremessada. "Moleque filho da puta". Numa sequência ininterrupta prédios centenários abrigam motéis baratos. Tantos outros se encontram abandonados e parcialmente destruídos. Há uma discreta movimentação dentro de um deles. A escuridão absoluta é interrompida pela claridade de um isqueiro que insistentemente ilumina a face de um homem. Sentado no chão com as costas apoiadas na parede, levantava a lata de refrigerante amassada à

altura da boca, posicionava a chama na parte superior e aspirava a fumaça produzida na queima da pedra. O menino observa a cena e antes de sair grita, "POLÍCIA!". Corre entre gargalhadas. Segue seu caminho até a "boca". No trajeto cruza com homens e mulheres enrolados em cobertores arrastados pelo chão. Muitos daqueles corpos também parecem abandonados àquela altura da noite. Entra em um bar. O dono do estabelecimento conhece o menino que há meses circula pela região, entre idas e vindas. Sentado atrás do balcão ergue o corpo e indaga. "Vai querer o quê?". Ele responde, "Me dá uma carteira de cigarro, um refri e um pastel". Enquanto o proprietário providencia os pedidos, o menino observa o bar. O ambiente é mal iluminado por lâmpadas fracas, possui uma mesa de sinuca no centro e algumas cadeiras ao redor. No fundo do bar três homens bebem cerveja e escutam música. Um deles movimenta um objeto na cintura. Os 50 reais saem do bolso e pousam no balcão. Ao sair do bar para na calçada. Come, bebe e fuma. Guarda a lata de refrigerante. Só resta andar mais uma quadra. Atravessa a rua e se aproxima da entrada da Vila. Um grupo de jovens observa a movimentação de todos que se aproximam. A segurança está reforçada. Nos últimos tempos a Vila dos Papeiros vêm sendo alvo de intensas disputas. Hoje a área está limpa. Apenas negócios. O menino toma o rumo do centro da cidade. Neste trajeto entra num dos prédios abandonados.

O Viaduto da Conceição acolhe muitos daqueles que não tem para onde ir. Seu corpo precisa descansar. Uma viatura da polícia passa em baixa velocidade, ela também compõe a paisagem noturna. Ainda é possível escutar a música dos bares ao redor. Meninas servem as bebidas e acendem os cigarros. Dois homens brigam na parada de ônibus. Ao lado do banheiro público outras pessoas procuram abrigo. O menino encontra dois pedaços de papelão e um lugar isolado para poder deitar. Retira a faca da cintura e a esconde entre os papelões. Deita e fecha apenas um dos olhos.

Num complexo encadeamento de experiências o menino conjugou simultaneamente os verbos brincar, pedir, trabalhar, roubar, todos juntos, misturados. No período em que seus vínculos familiares estavam completamente fragilizados o moleque intempestivo assumiu o imprevisível como uma condição de vida. Sua foto figurava na página de desaparecidos de um dos jornais de maior circulação da cidade. A ilusão de uma liberdade ilimitada produzida nas ruas se confrontava com todo um repertório de perigos e violências. Desta forma, ao buscar proteção nas ruas acabava mais exposto.

Escapava da polícia, da guarda municipal, dos conselheiros tutelares, das assistentes sociais, dos contras e das dívidas. Também provocava, encarava, partia pra cima, não aceitava. Sempre caiu atirando. Resistia atacando. Vivendo a intensidade das vidas curtas. Habitava as margens do centro. Este menino se inscreve numa tradição de longa data, em uma genealogia de pixotes, de sujeitos jovens que habitam os centros urbanos vindos das mais distantes periferias em busca de recursos, experiências e sentidos.

Habitar o centro da cidade nessa intensidade é absolutamente arriscado. Não é possível fugir e se esconder o tempo todo. As forças de captura eram acionadas constantemente por moradores, pedestres e comerciantes incomodados com a sua presença. Entre perseguições. Encurralado acabava preso. Algemado entrou na viatura da Brigada Militar. Questionado pelo policial respondeu, “A droga é minha Seu. Sou di menor”. Foi conduzido para o DECA (Delegacia da Criança e do Adolescente) de onde sua mãe recebia a ligação informando que o jovem estava sendo encaminhado para uma unidade da FASE/RS (Fundação de Atendimento Socioeducativo). Sua adolescência se deu nesse movimento, alternando períodos de intensa circulação pelas ruas com outros de aprisionamento em instituições de privação de liberdade. Estava prestes a cumprir mais uma medida socioeducativa em regime fechado. Era reincidente.

Sujeito de mais uma intervenção política, sua vida entrava novamente nos cálculos estatais. Um conjunto de procedimentos técnicos incidiriam diretamente sobre seu corpo e subjetividade. No retorno para a FASE/RS foi encaminhado para o CIPCS (Centro de Internação Provisória Carlos Santos) onde aguardava a definição de sua situação jurídica. Ao ser conduzido pelos monitores recebeu orientações sobre o funcionamento da casa, procedimento realizado com todos os jovens que dão entrada na unidade, mesmo que reincidentes. Passou a noite no “isolamento” aguardando a manhã do dia seguinte para ser levado para o “convívio” junto dos outros adolescentes. Recebeu dos monitores o desprezado uniforme da instituição. Para não se submeter a experiência humilhante de ser visto cotidianamente com o uniforme azul da FASE/RS, deveria aguardar o primeiro dia de visitas contando que sua mãe trouxesse algumas mudas de roupa. “Puxar uma cadeia” de uniforme poderia revelar o fato de que o jovem não possui, ou possui de maneira precária, uma rede de relações fora da unidade. Seriam estes os “caidinhos” ou “sofridos” que muitas vezes recebem

“apoios” dos demais internos mediante ressarcimentos materiais, morais e corporais, ou que dependem do que a instituição fornece para as suas necessidades básicas individuais.

Logo cedo, após o café da manhã, foi algemado. Transferido para o “brete” de número 3, dividiria o espaço com mais cinco jovens “infratores”. Uma hora diária de pátio, ducha de 8 minutos e quatro refeições. Todas as atividades com horários determinados, coordenadas pela equipe técnica e executadas pelo corpo de agentes socioeducativos. Nestas circunstâncias sua margem de manobra era radicalmente reduzida. No entanto, as técnicas institucionais que até agora incidiram sobre suas ações desde a entrada no CIPCS seriam em breve sobrepostas por outro conjunto de orientações sobre sua conduta. Mesmo sendo esta uma unidade de internação provisória onde os adolescentes permanecem por um período máximo de 90 dias ali se reproduzem práticas consolidadas nos outros CASE (Centros de Atendimento Socioeducativos).

Um novo campo de forças se instaura. Ao se fechar a porta de ferro do “brete” o adolescente internado a mais tempo toma a frente da situação, “Qualé a tua “mão” menor?”, o menino responde desconfiado, “Cai por tráfico”. Prossegue, “Qual é a tua Vila? E o teu embolamento?”, ele diz, “Sou da Zona Norte, mas faço a mão no Centro, não trafico pra ninguém, faço a minha sozinho, só por dinheiro”. O diálogo segue “E tu já puxou cadeia, cupinxa?”, sua resposta é firme, “Aqui no CS já puxei força de vez, sempre de malandro, mas já embalei pro POA 1”. Em meio a um grupo de jovens primários, com pouca experiência no crime, o menino apresentou uma narrativa consistente. No entanto, muito do que é proferido nestas primeiras interações precisa ser atualizado e validado no convívio diário. Existe a necessidade de estabelecer um equilíbrio naquilo que é dito frente os outros, principalmente porque, havendo um grande fluxo de entradas e saídas de jovens de diferentes regiões e facções no CIPCS, os encontros são quase inevitáveis. Sendo assim, a trajetória narrada por cada jovem pode ser questionada a partir da versão de um “contra”, de um desafeto, ou até mesmo de “conterrâneo”. A partir daquele momento sua “caminhada” entraria nas considerações dos outros, seu “proceder”, sua moral seria avaliada. Era um sujeito entre estratégias. Neste momento o jovem voltou sua atenção para si mesmo na produção de uma narrativa equilibrada, na composição de um sujeito nem “boca

braba” ou “vida loka” demais, nem “humilde” demais. A partir de então, neste mundo de incertezas, era necessário “proteger a mente” e saber “dar um psicológico”. Assim buscou seu lugar no crime.

Enquanto era observado pelos outros internos o menino se manteve frio. O diálogo continuava, “Tá na mão menor. No caso é o seguinte ó, teu lugar é ali”. Recém chegado o menino respondeu, “Serenó Sangue”. Acomodou seu colchão num canto da cela, sentou e ficou calado.

O segundo cenário, “*Dando texto a um corpo*”, emerge como a montagem de um complexo mosaico que situa a experiência de um menino “*sem nome*” em diferentes espaços da cidade de Porto Alegre na primeira década dos anos 2000. Escrito a partir de fragmentos narrados ao longo de oficinas socioeducativas realizadas dentro e fora da instituição que executa o programa de reinserção social POD Socioeducativo¹, durante o período em que atuei como educador social, sobretudo a partir de uma atividade chamada “*Conhecendo a Cidade*”, reconstruo parte da trajetória deste menino apontando para minha inscrição sobre sua vida. Na realização da referida oficina socioeducativa teve início a investigação da história de Xirú, de sua circulação pela cidade e pelas políticas públicas. Num segundo movimento, o roteiro produzido nesta oficina operou como guia a partir de onde reescrevíamos suas histórias em nossos deslocamentos pela cidade.

¹ O governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Lei nº 13.122, de 9 de janeiro de 2009, criou o Programa RS Socioeducativo, no âmbito da Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social (RIO GRANDE DO SUL, 2009). A Lei nº 14.228, de 15 de abril de 2013, teve inserido em seu texto o artigo 1º-A, dispondo que a iniciativa passaria a se chamar Programa de Oportunidades e Direitos RS Socioeducativo (RIO GRANDE DO SUL, 2013). O POD RS Socioeducativo é executado por instituições do terceiro setor, com expertise em formação profissional de jovens vulneráveis socialmente, (...) ambas de Porto Alegre. Voltado a adolescentes e jovens adultos, com idades entre 12 e 21 anos, egressos da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (Fase), em virtude da progressão da medida socioeducativa para o meio aberto ou da sua extinção, o Programa possui os seus alicerces no incentivo às medidas socioeducativas em meio aberto e na inserção social no mundo do trabalho com o acompanhamento dos egressos. O POD RS Socioeducativo busca garantir os direitos dos adolescentes em conflito com a lei, através da escolarização, da formação profissional, da inserção no mercado de trabalho, da inclusão em políticas públicas direcionadas aos grupos mais vulneráveis e do acompanhamento psicossocial, tanto do jovem quanto da sua família. (ROLIM; BRAGA; WINKELMANN, 2017).

A dinâmica da atividade era operacionalizada da seguinte forma: a imagem de algum espaço público da região central de Porto Alegre era apresentada para Xirú, na sequência eu perguntava a ele se reconhecia aquele determinado cenário, caso conhecesse, pedia para narrar alguma experiência que tivesse vivido naquele local. No caso de não conhecer eu o convidava para visitá-lo em nossa próxima atividade externa, buscando assim produzir uma história em conjunto naquele cenário da cidade. O fato de Xirú ter permanecido por longos períodos habitando as ruas do centro o fez reconhecer rapidamente todas as figuras apresentadas. A partir deste movimento o jovem narrava pequenas histórias fraturadas de acontecimentos vividos na rua. Os relatos desconcertantes de suas aventuras apontaram para as condições de escrita desta cena.

Tive contato com a história de um sujeito que passou grande parte de sua trajetória exposto as mais diversas estratégias de governo e de capturas políticas. De uma existência insurgente que percorreu as interfaces das tecnologias, saberes e práticas contemporâneas constituídas para gerenciar determinados modos de vida. Seu percurso se deu no *entre*, num processo constante de frequentes institucionalizações e desinstitucionalizações. Na manutenção deste corpo incidiram os mais variados investimentos biopolíticos, parte deles inclinados a prolongar sua existência enquanto que outros estavam determinados em eliminar a potência que permaneceu latente. Na gestão dos seus fragmentos, não faltaram políticas, aliás, elas até sobraram. A gestão de uma vida fragmentada por fragmentos de política.

O personagem principal desta trama habitou as mais diferentes políticas públicas e projetos sociais existentes para crianças e adolescentes na cidade de Porto Alegre na última década. *Entre políticas*. Todas elas endereçadas a ordenar uma suposta precariedade governável e passível de correções morais. Assim ele foi crescendo até chegar a maioridade, sendo conduzido de um espaço para o outro, de um serviço para o outro, fugindo sempre que possível. Suas fugas o conduziam para as ruas do centro da cidade e suas adjacências, era lá onde fazia a sua viração² (GREGORI,

² Segundo Gregori a “*Viração*” é um termo empregado coloquialmente para designar o ato de conquistar recursos para a sobrevivência. Mais usualmente é referido às atividades de trabalhar, dar um jeito, driblar o desemprego etc. Os meninos de rua se viram, o que significa em muitos casos, se tornarem pedintes ou ladrões ou prostitutas ou “biscateiros” ou, ainda, se comportarem como menores carentes nos escritórios de assistência social. Para eles, a viração contém em si algo mais do que a mera sobrevivência, embora seja seu instrumento. Há uma tentativa de manipu-

2000 p.31). Havia a necessidade de construir alianças e conexões nos territórios por onde circulava. Saber onde é possível ganhar dinheiro, definir o modo de ganhar esse dinheiro, encontrar lugares para dormir e descansar, para comer, usar drogas e fazer sexo. Se fazer visível em determinadas circunstâncias e passar despercebido em outras. Ressignificar o espaço da cidade era necessário. Em Porto Alegre, o menino alegre produziu um outro porto.

Permanecer junto aos bandos de “*meninos de rua*” nunca foi sua principal estratégia de proteção, acreditava que as pequenas composições eram mais seguras e confiáveis. A fragilidade das articulações e dos contratos exigiam uma desconfiança constante, sobretudo nas relações entre os jovens e desses com a polícia. As linhas mais frágeis não resistiam as tensões da rua. Precisava negociar sua permanência nos espaços públicos, praças, calçadas e esquinas. Disputava violentamente os semáforos na região da rodoviária. Da mesma forma, as calçadas em frente aos bancos localizados nas principais avenidas se tornavam pontos estratégicos concorridos na aquisição de algum dinheiro. O *menor*³ disputava o território com outros menores. Todos estes espaços urbanos, assim como os banheiros públicos, viadutos, prédios abandonados, eram redefinidos nas suas práticas cotidianas de sobrevivência. Era um *Capitão da Areia*⁴. Ao lado da Usina do Gasômetro, junto ao embarque de passageiros,

lar recursos simbólicos e “identificatórios” para dialogar, comunicar e se posicionar, o que implica a adoção de várias posições de forma não excludente (...). Neste sentido, é uma noção que sugere, mais do que movimento - que é dinâmico e constante -, uma comunicação persistente e permanente com a cidade e seus vários personagens” (GREGORI, 2000).

³ Adota-se, a partir do ECA, a doutrina da Proteção Integral como novo paradigma no tratamento de crianças e adolescentes no país, em contraste evidente com a Doutrina de Situação Irregular vigente até então. Rizzini (1997) lembra que o Estatuto representa o fim, ao menos legal, da dicotomização da infância, fruto das diretrizes estabelecidas pela doutrina da Situação Irregular. Segundo a autora, até sua promulgação tínhamos de um lado a “criança”, mantida sob os cuidados da família, e do outro, o “menor”, certo segmento da infância pobre, definido como “abandonado” e “delinquente” e, por esta razão, mantido sob a tutela vigilante do Estado e como objeto de leis e medidas repressivas. Esta diferença se faz sentir especialmente no caso da institucionalização de crianças e adolescentes, pois, mesmo nos casos de “atos infracionais”, o recurso à privação de liberdade é sujeito aos princípios de brevidade e excepcionalidade, e nenhum adolescente pode ser privado de sua liberdade sem o devido processo legal. Isto representa um enorme avanço quando lembramos que as antigas FEBEMs (Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor) acolhiam crianças e adolescentes indiscriminadamente, independente de sua idade ou dos motivos para sua institucionalização (DASSI, 2010).

⁴ Na obra *Capitães de Areia* Jorge Amado narra com sensibilidade a emocionante história de um grupo de crianças que habitam um trapiche abandonado numa praia de Salvador na década de 1930 cometendo pequenos delitos nas ruas da cidade para sobreviver.

era do ponto mais alto que realizava seus saltos mortais nas águas escuras do Lago Guaíba.

Nos fluxos do Centro o menino também experienciou o trabalho. Aprendeu a cuidar de carros na Rua dos Andradas em frente à Casa de Cultura Mário Quintana. Num desses dias foi abordado por um fotógrafo que perguntou, *“Posso tirar uma foto sua?”*. Estava sujo, com fome e sem dinheiro. Nessa circunstância disse, *“Vêm 10 (reais) na minha mão Seu”*. Do alto de seus 15 anos de idade o menino posou para a foto em frente a um dos principais símbolos da cidade de Porto Alegre, ao lado dos sacos de lixo dispensados pela casa do poeta. Cabelos compridos e duros, unhas compridas e escuras, roupas velhas e tênis surrados. Olhos afiados e um buraco no estômago. O enquadramento da foto apresentava um contraste insuperável. Poesia trágica.

Na organização deste registro textual os trânsitos e as experimentações de um corpo começam a ganhar relevos e densidades. Diferentemente das CENAS DE CAPTURA e DE REENCONTRO, onde eu e Xirú habitamos o presente dos fatos etnográficos, daquilo que vivíamos em ato, a montagem desta CENA DE CAPTURA ocorre na articulação dos fragmentos obtidos na referida oficina socioeducativa, o que se aproxima da experiência descrita por Silva e Milito (1995) em sua etnografia com *“meninos de rua”* na cidade do Rio de Janeiro. Segundo os autores, as frases por vezes desconexas narradas pelos seus interlocutores decorrem também da própria forma como as informações são conseguidas. Para eles, *“esse menino que confia a desconfiar raramente expõe situações claras e lineares. Seus depoimentos são fragmentados (...). Uma linguagem a traduzir a própria fragmentação de sua existência na rua”* (SILVA e MILITO, 1995, p.73). Desta forma, pretendo afirmar que o texto desta CENA foi produzido no movimento de amarração e sobreposição de alguns traços cotidianos desta vida, o que manifesta um caráter textual fortemente ficcional. Para tanto, recorro aos efeitos alegóricos e surrealistas da etnografia discutidos na obra de James Clifford (2002).

Segundo o autor, o uso da *“alegoria”* no texto etnográfico denota uma prática na qual uma ficção narrativa se refere continuamente a outro padrão de ideias ou eventos, sendo ela uma representação que interpreta a si mesma. Qualquer história possui assim uma propensão a gerar uma outra história na mente de seu leitor, a

repetir ou desalojar uma história anterior. Alegorias são metáforas expandidas entendidas como padrões de associações que apontam para significados adicionais (teóricos, estéticos e morais), ela incita-nos a dizer não que *“isso representa, ou simboliza aquilo”*, mas que *“isso é uma história sobre aquilo”* (CLIFFORD, 2002). Na montagem da alegoria etnográfica aqui apresentada procurei também fundamentar meu empreendimento textual a partir da noção de *“surrealismo expandido”* de Clifford (2002), como aquela atitude que circunscreve uma estética que valoriza os fragmentos, que funciona para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base nos domínios do exótico e do inconsciente. Tal postura compreende as fronteiras da arte e da ciência como ideológicas e mutáveis, sendo que a própria história intelectual está envolvida nestas mudanças. De acordo com o autor, *“definições mutáveis de arte ou de ciência devem provocar novas unidades retrospectivas, novos tipos ideais para a descrição histórica”* (CLIFFORD, 2002). A atitude dos surrealistas, embora comparável àquela do pesquisador no campo, ao tentar tornar compreensível o não familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho. O contraste é gerado por um jogo contínuo entre o familiar e o estranho, do qual a etnografia e o surrealismo são os dois operadores. Emerge daí uma atitude prática marcada pelo excesso, pela contestação, pelo embaralhamento de ordens acompanhado de uma oferta textual exótica, de um sincretismo ficcional. É neste sentido que organizo a CENA DE CAPTURA, justapondo temporalidades, deslocando realidades culturais e colando os fragmentos de uma vida em meio às políticas públicas de modo a provocar a irrupção da alteridade e do inesperado. Nas palavras de Clifford (2002), a etnografia como *“collage”* deixaria manifesto os procedimentos construtivistas do conhecimento etnográfico, *“ela seria uma montagem contendo outras vozes além da do etnógrafo, (...) de dados não totalmente integrados na organização do trabalho”* (CLIFFORD, 2002).

Na organização deste arranjo textual pretendi captar os movimentos de uma vida jovem. De temporalidades que se misturam em sua narrativa. Neste trânsito *entre políticas* o menino atravessava fronteiras físicas e morais. Seu corpo escorria pelas ruas da cidade. Nesse correr seus fluxos eram capturados e codificados pela ação dos mais diversos agentes estatais, tornava-se um *“menino em situação de rua”*, um *“jovem em conflito com a lei”*, um *“usuário de substância psicoativa”*, tornava-se um sujeito alvo

de intervenções e discursos. Circulava em meio a políticas de proteção e punição com naturalidade. Ao longo de um mesmo dia era alvo de diferentes abordagens. Pela manhã era acordado por educadores sociais e caracterizado como um jovem “*abandonado*”, antes de dormir era emparedado por policiais e chamado de “*traficante*”. Do cuidado à agressão em um piscar de olhos. O nomadismo empreendido pelo jovem era sistematicamente combatido pelas políticas sedentárias do Estado. Circulando resistia às CAPTURAS.

CENA DE REENCONTRO: *Capitães de Areia, Pixotes, Falcões e...*

Era o meu segundo dia de trabalho como educador social naquela política pública. A urgência em encontrar alguma atividade remunerada me conduziu para entrevistas em diferentes projetos sociais espalhados pelas periferias da cidade e, na impossibilidade de atuar como cientista social recém formado, a função de educador social se colocou como uma das poucas alternativas. Naquele junho de 2013 eu não tinha a menor ideia de onde estava pisando. Não conhecia a política pública em questão, nem a instituição que a executava, o que fazia um educador social e muito menos quem era o público alvo das intervenções. Havia a necessidade de aprender muitas coisas simultaneamente. Por isso o segundo dia foi tão emblemático. Nele realizei a leitura do projeto que sustenta e sistematiza a execução das atividades, tive contato com princípios que orientam o trabalho da instituição, das regras que organizam o seu cotidiano, além de receber as primeiras orientações referentes ao fazer do educador social. Ainda faltava conhecer os sujeitos que habitavam a política. No dia 11 de junho a equipe técnica organizou uma festinha em comemoração ao aniversário de uma das jovens acompanhadas pelo programa. Ao entrar na sala me deparei com a assistente social enchendo balões e com a pedagoga organizando a mesa. Havia um bolo e algumas garrafas de refrigerante. Passados alguns minutos, os jovens que aquele dia estavam presentes na instituição adentraram a sala. Eu estava ansioso em conhecê-los. Neste dia tive contato com Mortadela, Felipinho, Cândido e a aniversariante Paula. Cumprimentei todos e fui apresentado como o novo educador social do programa. Não sabia muito bem como me portar frente aos colegas de equipe e aos jovens. Os três meninos me observavam atentamente. Olhares desconfiados. Seus gestos eram curtos e precisos. Assim como eles permaneci atento a todos os movimentos e diálogos. Eles vestiam roupas parecidas, usavam tênis e bonés da Nike, bermudas e camisetas de marcas diversas, correntes de prata. Falavam num tom de voz muito baixo, pouco se ouvia. Passados alguns minutos a porta é aberta. Uma das psicólogas entra conduzindo pelo braço aquele que começa a se tornar o protagonista desta história, um menino. Ele anda com dificuldade e segura com firmeza a mão que guia o seu andar. Minha curiosidade se colocava sobre aquele frágil e pequeno corpo. O boné enterrado na cabeça impede que eu veja seus olhos. Ambos atravessam a sala e param

exatamente a minha frente. Xirú levanta a cabeça, me observa atentamente, volta-se para a psicóloga e dispara de forma discreta (mas não o suficiente para driblar minha audição), “Ô Dona, de que unidade é esse cara? Do CSE?” (Comunidade Socioeducativa, unidade da FASE/RS reservada para jovens adultos de perfil agravado e reincidentes). Visivelmente surpreendida a psicóloga olha para Xirú e responde, “Como assim Xirú! Claro que não! Esse cara é o novo educador do POD”. Ele me encara novamente, fico desconcertado, mas tento não demonstrar. O cumprimento com um sorriso discreto e com um breve aceno de mão, economia de gestos. Um olhar profundo me captura. Logo em seguida ele se desloca e senta em um dos cantos da sala. Pega um dos pratos de bolo dispostos sobre a mesa e apoia em seu colo, recebe um copo de guaraná que é colocado ao seu lado, no chão. Permanece com uma das mãos no bolso do casaco enquanto come. Observei atentamente toda esta cena, embora tenha me dispersado em meio a tantas outras. A figura daquele jovem dissolveu-se frente a tantas novidades. Neste dia a celebração de um aniversário tornou-se o principal acontecimento do trabalho. Havia doces, psicólogos, refrigerantes, educadores. Trabalho, sentidos e afetos eram produzidos. Cantamos o tradicional “Parabéns”, tiramos fotos e ouvimos música. Pequenas negociações ganhavam corpo no espaço. Cada um dos profissionais que compõe a equipe técnica aproveitava a oportunidade para se aproximar dos jovens buscando saber as últimas notícias do final de semana. Logo percebi que Motta, o outro educador social da equipe, tinha uma relação muito próxima com os meninos. O diálogo que ele estabelecia com os jovens dava-se em outros termos, tinha outro formato e outro conteúdo. Sabia sentir o “clima” de cada um. Era muitas vezes requisitado por eles para conversar. Depois de pouco mais de uma hora os meninos começaram a pedir insistentemente para assinar a lista de chamada e receber as passagens de ônibus. Queria “saltar de cena”. Motta os acompanhou até a sala da equipe onde os jovens assinaram a lista e retiraram suas passagens. Recusaram o almoço fornecido no refeitório da instituição e que também faz parte dos benefícios concedidos pelo programa. Estavam com pressa, o dia estava apenas começando. Ao meio dia em ponto uma sirene industrial anunciou o intervalo para o almoço. Reencontro Motta no pátio da instituição. Senti que ele, assim como os meninos, também me observava atentamente. Ele diz, “Tudo certo meu. Já falei com os guris. Eles foram com a tua cara”. Surpreso, perguntei, “Como assim meu?”. Motta

explicou, “Os guris saíram da atividade falando em ti, disseram que tu parece “sereno”. Que agora tu é o novo “Seu”, mas que tem jeito de malandro, que parece playboy, mas tem jeito de maconheiro”. Fiquei surpreso e não soube mais o que pensar. Acho que fiquei feliz.

Diário de Vida 11-06-13

A terceira e última CENA, *“Capitães de Areia, Pixotes, Falcões e...”*, além de marcar minha entrada no campo – inicialmente de trabalho na função de educador social e posteriormente de pesquisa como antropólogo – e todos os desafios e sensibilidades envolvidos neste processo, destaca, sobretudo, a emergência de Xirú, personagem construído ao longo da participação de um jovem no programa de acompanhamento de egressos. É ele o menino *“sem nome”* descrito em seus deslocamentos ao longo do segundo fragmento. Desta forma, afirmo que Xirú passa a existir como a expressão do agenciamento entre um jovem e uma política pública de reinserção social para egressos do sistema socioeducativo chamada Programa de Oportunidades e Direitos Socioeducativo (POD Socioeducativo, ou, ao longo do texto, simplesmente, POD). Logo, Xirú não existia antes de sua participação no POD, havia um menino *“dimenor”* descrito através de uma série de documentos jurídico-médico-assistenciais e representado com uma tarja preta sobre os olhos.

O ano de 2013, além de marcar nosso primeiro encontro, marcava a segunda passagem do jovem pelo programa. Ele havia estado ali em 2009 na época com 15 anos de idade. Permaneceu vinculado por 4 meses e depois desapareceu. Passados 4 anos o POD seria a única alternativa de reconstrução de sua vida. O corpo ágil e indócil havia se transformado violentamente neste período. Era fevereiro de 2012 quando evadiu de sua terceira internação na FASE. Faltando alguns meses para o término do cumprimento de sua medida socioeducativa com possibilidade de atividade externa (ICPAE), modalidade em que o adolescente retorna para a casa de seus responsáveis aos finais de semana, aproveitou a oportunidade e não retornou para a instituição. Linha de fuga. Ainda que provisória, uma liberdade. Estava novamente nas ruas da Zona Norte de Porto Alegre. Movimento que o conduziu diretamente para a linha de

frente do comércio de drogas. O *Pixote* dava lugar ao *Falcão*. A faca substituída pelo revólver. Em meio ao fluxo da “*boca*”, no dia 17 daquele mês completou mais um ano de vida, o décimo oitavo. Alguns diriam que estava no “*lucro*”. Não lembra exatamente se houve algum tipo de comemoração, apenas que vivia intensamente aquela rotina de trabalho desgastante. No consumo elevado de cocaína procurava equilíbrio e a atenção necessária para o desempenho de suas atividades. Mas no dia 26 de fevereiro de 2012 seu corpo chegou ao limite. De tão cansado não percebeu a aproximação do sujeito que apertou o gatilho. Era um caçador de *Falcões*. Assim como ele jovem e negro. Seria mais um episódio de acerto de contas entre grupos que disputam pontos de comércio de drogas na periferia da cidade. Foram três disparos efetuados pelas costas. Um dos tiros atravessou o crânio de Xirú. O projétil de calibre 32 penetrou por trás da orelha direita saindo acima do olho esquerdo. A linha traçada percorreu uma diagonal por dentro de sua cabeça. Sua vida por um fio.

Foi encaminhado às pressas para o Hospital Cristo Redentor. Chegando lá sua mãe foi informada que o jovem dificilmente sobreviveria. “*São menos de 5% de chances*” diria um médico. Passando alguns dias em estado de coma induzido na UTI, após diversas cirurgias para preservação da massa encefálica, a estabilidade precária foi impulsionada por uma melhora do quadro clínico geral. Seus sinais vitais demonstravam uma surpreendente reação. Biologicamente seu corpo resistia, mas em que condições? Este incidente mudaria radicalmente os rumos de sua vida.

Com 19 anos de idade, já em 2013, o jovem apresentava uma paralisia em todo o lado esquerdo do corpo. Braço e perna não respondiam aos estímulos. O olho e o ouvido de aspecto aparentemente saudável, não funcionavam. No lado oposto de sua cabeça, o olho de tom avermelhado denunciava uma infecção permanente. Uma secreção constante saía deste olho, assim como do ouvido direito. Possuía metade da capacidade auditiva e visual neste lado. Metade da metade. Esta era sua nova realidade física. Seu retorno ao POD se deu no início de 2013, período em que ainda não conseguia caminhar, em que técnicos e educadores se deslocavam de carro até a casa de sua família na zona norte da cidade trazendo-o até o POD, na zona sul. Ali participava de algumas atividades, conversava com a psicóloga e com os educadores, encontrava antigos companheiros de FASE. Circulava pela cidade, sentia-se vivo novamente, embora muito envergonhado com o novo aspecto de seu corpo. Também

sentia raiva. Certo dia, para surpresa de todos, após desentendimentos com sua mãe saiu de casa e foi diretamente para o POD. Ficou em pé, caminhou do jeito que pode, tomou dois ônibus e atravessou a cidade. Procurou o POD acreditando que naquele território havia a possibilidade de ampliar sua vida. Um REENCONTRO com a política. Em meio a tantos fios rompidos, ali uma linha permanecia.

Introdução: Tramas e Encontros Teóricos

Dos modos de pensar

A apresentação dos três cenários descritos acima destaca a conformação de diferentes campos de força decisivos na produção desta dissertação. Aparentemente desconexos, ou melhor, propositalmente arranjados ao modo de um rizoma⁵, com entradas múltiplas, temporalidades desalinhadas, expondo diferentes arranjos de poder e desejo, assim como os personagens imersos nas tramas sociais, explico a composição de um texto a partir de fragmentos de uma vida vivida em meio a políticas públicas estatais. Procuo transitar por este conjunto de temporalidades e espacialidades dispersas seguindo as diferentes velocidades empreendidas pelos fragmentos da vida de Xirú. Assim, meu pensamento seu viu provocado a construir paisagens também fragmentadas, o que de alguma forma reflete a implicação de um modo de vida com um modo de pensar. A montagem desta escrita, além de manifestar como este menino viveu em meio a uma série de políticas públicas, entre rupturas, capturas e reencontros, retrata a forma que encontrei para constituir uma possibilidade de pensamento sobre uma experiência de vida tão complexa. Neste sentido, dialogo com a afirmação de Strathern quando diz que *“as ideias não podem, afinal, divorciar-se de relacionamentos”* (STRATHERN, p.85).

Sobre o terreno inicial destas três cenas apresento o objetivo geral e orientador desta dissertação: **tendo a produção desejante no contemporâneo como paisagem de fundo, pretendo acompanhar como diferentes políticas públicas atuam em processos de subjetivação de modo a constituir novas possibilidades de vida na trajetória de um jovem.** Neste sentido, aponto para a relação entre um conjunto de tecnologias de governo (FOUCAULT, 2008) caracterizadas aqui como políticas públicas de educação,

⁵ Resumamos os principais caracteres de um rizoma [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidias. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto [...]. Oposto a uma estrutura, [...], o rizoma é feito somente de linhas. [...] O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura picada. [...], o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] unicamente definido por uma circulação de estados [...] todo tipo de "devires". (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32)

saúde e assistência, centralizando os repertórios morais postos em jogo no acesso a estas políticas, com a existência de um jovem que resiste às capturas estatais tensionando e afirmando sua vida. É na interface da relação Desejo - Estado - Subjetivação que procuro compreender a formação dos agenciamentos coletivos do desejo na produção e expansão da vida de um menino aqui chamado de Xirú. Acredito que ao explicitar a composição deste complexo enredamento “*entre políticas*” mobilizado por gramáticas dos direitos, repertórios morais e pelo controle de determinados fluxos de vida é possível perceber os modos como o Estado se apresenta na gestão da existência deste jovem, assim como das resistências e agenciamentos produzidos por ele em meio a estes processos.

Para tanto, meu campo etnográfico tem como ponto de partida uma tecnologia de governo chamada POD Socioeducativo (ROLIM, BRAGA, WINKELMAN 2017), programa de reinserção social para jovens egressos da Fundação de Atendimento Socioeducativo (FASE/RS), nas suas intervenções cotidianas realizadas junto a vida de Xirú. Sendo assim, este não é um trabalho que trata da problematização de uma política pública, mas da trajetória de uma vida jovem “*entre políticas*”, visto que o POD Socioeducativo se apresenta nesta trama como apenas um dos espaços privilegiados de enquadramento e gestão desta vida em conflito com as normas. Espaço central, pois foi nesta política pública que conheci aquele que anima e dá vida a esta pesquisa. Cenário de intervenções, de tentativas de controle, mas também de negociações, provocações, resistências e de algumas criações de vida. Espaço onde ao longo de quase três anos Xirú empreendeu uma (re)construção narrativa de suas experiências nos trânsitos e capturas institucionais, nos fluxos e movimentos da rua. Neste sentido, o POD Socioeducativo também foi espaço de criação de uma *vida por vir*.

Ao mesmo tempo, é importante afirmar que o programa se constituiu como um *território* produtor de pontes que conduziam Xirú na direção de outros serviços públicos e instituições alinhadas na rede de promoção e garantia de direitos do município de Porto Alegre. Sendo assim, esta dissertação transitou acompanhando os movimentos de Xirú em contextos institucionais diversos, guardando de cada um deles a singularidade do encontro entre um jovem que tenta reconstruir sua vida e determinadas política públicas.

O início da minha atuação profissional na função de educador social coincidiu com período em que Xirú adquiriu condições físicas mínimas para retornar à escola, sendo esta uma das condições centrais para permanência junto ao POD. A importância deste reencontro se deu pelo fato do jovem haver interrompido sua trajetória escolar a mais de 6 anos, embora tenha tentado reaproximações no período em que habitou às ruas, naqueles em que permaneceu em abrigos sob tutela do Estado e, por fim, durante suas internações na FASE. Tentativas marcadas por incidentes que produziam a necessidade de voltar a circular por outros espaços da cidade abandonando a escola. Já no decurso de 2013, mediante o interesse do jovem, a equipe técnica do POD viabilizou o retorno de Xirú aos estudos numa instituição formal de ensino matriculando-o na 4ª série da modalidade EJA Noturno em uma escola localizada na periferia da zona norte, próxima a sua casa. Ali se deu o recomeço. Acompanhei parte deste *percurso educativo* iniciado nesta escola de ensino fundamental e posteriormente em outras instituições de ensino regular durante os 3 anos de duração desta etnografia. Realizei visitas às escolas, participei de reuniões com as direções, acompanhei Xirú na entrega de documentos, no recebimento das avaliações e até mesmo nas tão comemoradas formaturas. Em razão destes encontros pude provocar e experimentar ao lado do jovem os limites morais operados no cotidiano das instituições de ensino, as modalidades de acolhimento e aprendizagem desenvolvidas, assim como da potência do encontro *entre* uma política de acompanhamento e reinserção psicossocial com diferentes escolas da rede de ensino público municipal e estadual.

Em outras oportunidades, inicialmente vinculadas às atividades do POD, circulei com Xirú *entre* serviços de saúde, acompanhando-o na marcação e realização de exames, em consultas realizadas em unidades básicas de saúde, na busca por atendimento de emergência em grandes hospitais. Procuramos ainda acessar serviços gratuitos de fisioterapia e nos desdobramos para tentar garantir os medicamentos necessários indicados para seus tratamentos de saúde.

Ao conectar os inúmeros pontos desta rede, evidencio aqui a importância que nossos deslocamentos pela cidade assumiram na composição da textura subjetiva que dá conteúdo as experiências de vida deste jovem e, por consequência, para a produção deste texto. Foi a partir das atividades socioeducativas e dos passeios mensais

realizados pelo POD em espaços públicos da cidade que pude estabelecer um contato direto com a intensidade que suas experiências de vida evocam junto às ruas, praças, viadutos e marquises do centro de Porto Alegre. Por meio de nossos deslocamentos, Xirú recuperava memórias de sua relação com estes espaços, me apresentava seus itinerários, suas rotas de fuga, os lugares onde costumava comer, descansar e fumar crack em segurança. Da radicalidade daquilo que viveu e dos efeitos que ainda permanecem. Em cada canto do centro havia uma história a ser contada.

Ao final de cada lembrança voltávamos a circular pelas ruas e a ficar expostos aos fluxos do espaço urbano, sujeitos a abordagens policiais, aos encontros indesejáveis com antigos desafetos, ao acaso de encontros com desconhecidos. Na imprevisibilidade das andanças fui percebendo que os desafios que Xirú enfrenta ao longo do dia eram maiores do que eu podia imaginar. Já não se limitavam tão somente às capturas institucionais. Após o incidente do tiro, movimentar-se pela cidade tornou-se uma missão arriscada. Durante um mesmo dia são incontáveis às vezes em que ele é quase atropelado por não perceber a aproximação de um carro, em que perde o equilíbrio ao tropeçar em alguma irregularidade na calçada ou quando esbarra em alguma pessoa apressada e cai. Momentos de fúria e de tensão. Nada que uma parada para um cigarro não alivie.

Mesmo com a nossa desvinculação do POD e com a conseqüente dissolução institucional dos lugares de educador e educando, apostamos na possibilidade de aprofundar uma relação de aliança promovendo a construção de outros circuitos de convivência e de produção de vida pela cidade. A esta altura eu já estava absolutamente mergulhado em sua história. Continuávamos a percorrer serviços de saúde, assistência e a fazer os temas escolares sem a preocupação de justificar todas as atividades para a coordenação do programa. Operávamos fora da institucionalidade do POD. Isto aumentou profundamente nossa margem de manobra pela cidade. Neste período de ruptura estabeleceram-se as condições para que novas experiências pudessem ser vividas. Frequentamos sessões de cinema, shows de rap, desfiles de escolas de samba e uma série de eventos culturais gratuitos realizados na região central de Porto Alegre.

A partir desta contextualização inicial e diante da complexidade deste cenário itinerante procurei estabelecer um elo próprio na realização deste estudo a partir de

um olhar que atravessa diferentes fronteiras teóricas, metodológicas e morais. Neste deslocamento entre fronteiras determinados movimentos são constituintes das engrenagens centrais da reflexão aqui proposta, sendo o principal deles a minha aproximação com a potência dos conceitos associados paradigma de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O desejo como inspiração

Na construção de um referencial analítico voltado para a problematização de um processo de resistência empreendido por uma vida que teima em se expandir, em movimentos de expansão atravessados por mediações institucionais regulatórias e morais, busquei referência e inspiração na perspectiva afirmativa e produtiva do desejo apresentada por Deleuze e Guattari na obra *O Anti Édipo* (2011). Uma das contribuições centrais dos autores neste texto, em sua fecunda discussão com a psicanálise, é a afirmação de uma concepção construtivista do desejo, como atividade de constante produção, destacando o regime da “*fábrica*” como modelo de expressão do inconsciente contemporâneo. Ao ser conduzido para o lado da produção há uma importante ruptura com a tradição psicanalítica que concebe o desejo nos termos do teatro e da representação, visto que, segundo o par de autores, o desejo não é a representação de um objeto ausente, ao contrário ele é pura atividade produtiva de realidade, é o exercício de uma experimentação incessante.

“Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão. O ser objetivo do desejo é o Real em si mesmo” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.43).

Tomar por referência a noção de que “*a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas (...) que o campo social é*

imediatamente percorrido pelo desejo, que é seu produto historicamente determinado...” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 46), significa afirmar o desejo como uma formação coletiva, como elemento central de produção que permeia todo o campo social. Ao sustentar a referida *“coextensão entre o campo social e o desejo”* (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 47), é importante reconhecer que não há uma diferença de natureza que reservaria ao desejo uma forma de existência particular, uma realidade mental ou psíquica que se oporia à realidade material da produção social. Existe, por outro lado, a presença de certos aspectos concernentes a uma distinção de regime de operação visto que na produção social, aquilo que os autores definem por *“máquinas técnicas”* (estado, mídia, religião, capital) só funcionam na condição de estarem organizadas, visto a sua função de codificar os fluxos do desejo, inscrevê-los, registrá-los, fazendo com que nenhum fluxo corra sem ser canalizado e regulado. Tarefa repressiva realizada pela produção social. Ao contrário disto, as *“máquinas da produção desejante”*, categoria fundamental da economia do desejo, não param de se desarranjar enquanto realizam cortes e conexões nos fluxos contínuos do desejo. Elas constituem o conteúdo inconsciente das *“máquinas técnicas”* e, ao mesmo tempo em que as mantêm, podem contestá-las e produzir resistências a elas.

Problematizar os contornos da produção desejante por meio dos processos de subjetivação que emergem no encontro de Xirú com uma política pública de reinserção social para jovens egressos do sistema socioeducativo, mas também com a escola, com os equipamentos de saúde e com os espaços públicos da cidade de Porto Alegre situa a presente dissertação dentro do campo dos estudos em micropolíticas. Neste sentido, procuro estabelecer diálogos com um conjunto de trabalhos que tem acompanhado a relação de populações e sujeitos situados às margens da cidadania com diferentes instâncias e equipamentos estatais dispostos na gestão de vidas abjetas e precárias (RUI, 2014; BIONDI, 2010; LEMÕES, 2017; BIEHL, 2005, 2008; MALART, 2014, LYRA, 2013; GREGORI, 2000).

A escolha por esta abordagem na *“analítica das formações do desejo no campo social”* (GUATTARI e ROLNIK, 2013), ainda que priorize os detalhes dos processos de produção de subjetividades, aquilo que os autores estabelecem como regime molecular, diz respeito ao modo como este plano se cruza com o nível das diferenças sociais macropolíticas. Sendo assim, nesta lógica não há uma oposição distintiva entre

estas dimensões, ao contrário, há uma correlação e atravessamento mútuo. De acordo com Guattari e Rolnik (2013), existem múltiplos processos de subjetivação que flutuam constantemente segundo a formação dos agenciamentos e “*é nesses agenciamentos que convém apreciar o que são as articulações entre os diferentes níveis de subjetivação e os diferentes níveis de relação de forças molares (macropolíticas)*” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.155).

É necessário considerar que, inscritas no plano de organização macropolítica, o conjunto das políticas públicas é configurado a partir de grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, que se caracterizam por uma forma relativamente estável e por um modo de funcionamento reprodutor, a partir de regimes fortemente territorializados que reduzem o campo de experimentação do desejo a uma divisão preestabelecida. Esse é o polo estratificado dos agenciamentos considerados molares e instituídos. Por outro lado, a maneira como a potência de vida investe e participa da reprodução ou da resistência a esses agenciamentos sociais depende de agenciamentos locais, moleculares, nos quais a potência é apanhada, seja porque se limita a modelar sua existência segundo os códigos em vigor, seja por que procede à elaboração involuntária e tateante de agenciamentos próprios que decodificam ou fazem fugir o agenciamento estratificado, desenvolvendo novas experimentações (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Nessa composição ocorre a transformação dos territórios fixados, inventando por meio de movimentos instituintes outros modos de *estar nas* e de *produzir com as* políticas públicas.

Ao longo do período em que acompanhei Xirú pude perceber que, mesmo sendo capturado, subjetivado e confrontado pelos dispositivos de poder, sobretudo em seus atravessamentos estatais (físicos e discursivos), mobilizados através de políticas públicas que investiam diretamente sobre a “*gestão de sua conduta*” (FOUCAULT, 2008), o jovem produzia rupturas “*possíveis*” nestes dispositivos, criava diferentes formas de habitá-los, traçando distintos agenciamentos e planos de composição na produção de seu cotidiano. Neste caminho, Guattari e Rolnik (2013) nos mostram que os processos de subjetivação ocorrem continuamente na relação dos sujeitos com o mundo, na transformação de afetos em signos. Os agenciamentos que se fundam nessa relação, que se originam nos encontros que surgem na vida, se enredam nos regimes de signos para produzir os desejos, de modo que “*a*

subjetividade é produzida por agenciamentos coletivos de enunciação” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.33).

Nesse sentido, é necessário levar em conta que a trajetória de vida que pude acompanhar, de um jovem negro, pobre, periférico, deficiente físico e egresso do sistema socioeducativo, foi constituída a partir de intervenções e enunciados que posicionaram esta existência sobre os signos da vulnerabilidade e da carência, do crime e do controle. Para tanto, os modos de subjetivação estatais que se estabeleceram sobre esta vida se dinamizam através de capturas de diferentes ordens. Mas afinal de contas, de que processos de captura e subjetivação estamos falando?

Subjetivações estatais

Xirú desponta como uma preocupação de Estado antes de completar 10 anos de idade. Neste período teve seus primeiros encontros com as estruturas estatais da assistência social. Seus fluxos começavam a ser monitorados e o menino figurava nos cálculos das políticas de proteção à infância. Não tardou para que este monitoramento avançasse na direção de sua família, recaindo sobre a figura de sua mãe uma suposta incapacidade de assegurar os cuidados necessários ao desenvolvimento do menino, assim como de garantir a construção dos *limites* esperados na gestão desta vida, realidade comum àquelas apresentadas em etnografias com “*meninos de rua*” (MILITO e SILVA, 1995; GREGORI, 2000). O aprofundamento deste cenário reforçou a concepção de uma suposta necessidade de intervenção estatal sobre esta dinâmica familiar. Estas primeiras intervenções são os sinais iniciais de um movimento que se estabelece de forma permanente no interior desta família e que teve por desdobramento final o afastamento de Xirú do convívio familiar. Desta forma, teve início o percurso de *judicialização* desta trajetória, expresso a partir da suposta incapacidade da mãe em proporcionar um *espaço protetivo*, se apresentando como um dos primeiros e mais profundos processos de subjetivação que marcam a experiência de Xirú. Isto se confirma de forma mais precisa com a decisão judicial que determinou o acolhimento institucional do jovem na rede de abrigagem do município de Porto Alegre.

O processo de *judicialização* que desponta na formação de um *sujeito a ser protegido*, e que através de uma série de medidas *jurídico protetivas* passa a acompanhar o jovem em diferentes momentos de sua trajetória redefinindo os limites de suas relações familiares, comunitárias e com o Estado, opera inscrevendo Xirú numa segunda dinâmica, intimamente ligada a primeira, sendo por mim nomeada como processo de *institucionalização*. A partir da formalização do afastamento do meio familiar e da consequente responsabilização estatal pela condução dessa vida, o menino passa a habitar territórios institucionais estatais que se propõe a atuar na *proteção e garantia de direitos de crianças e adolescentes*. Já conhecendo os códigos e as dinâmicas de convivência dos espaços por onde transitava, a tríade casa - vila - centro da cidade, o menino passa a conviver a partir de então dentro de uma instituição que lhe impõe um conjunto de novas regras de conduta na gestão de seu cotidiano. No abrigo passou a conviver com jovens que possuíam histórias parecidas com a sua, o que não garantia empatia e nem uma convivência tranquila. As antigas abordagens sociais feitas semanalmente nas ruas cederam espaço a um convívio permanente com novos educadores e psicólogos. Sua rotina se transformou profundamente. A lógica do abrigo impedia a sua circulação. Horários específicos definiam o que era feito a cada momento. Era necessário voltar à escola. Era necessário frequentar o serviço de saúde mental. Era necessário tomar todas as medicações.

O percurso institucional a que o jovem foi submetido, traduzido aqui como processo de *institucionalização*, teve início num abrigo da rede de proteção à criança e ao adolescente e se estendeu por diferentes períodos de sua vida mobilizando outras instituições e intervenções. Com o passar do tempo, a partir de múltiplas vivências experimentadas por Xirú, uma complexa dinâmica se estabeleceu entre o conjunto de classificações que repousaram sobre o jovem e as intervenções institucionais ditas *necessárias* para cada contexto. A relação de Xirú com o Estado se desdobrou num intenso e conturbado processo de *circulação institucional*. Tal circulação foi marcada pelo deslocamento das classificações que promoviam o enquadramento moral de Xirú do polo *“vítima a ser protegida”* para o de *“agressor a ser punido”*, fazendo com que, obviamente, os tipos de intervenções institucionais sobre seu corpo e subjetividade fossem alteradas. O movimento das categorias que enquadram suas práticas traz à

cena novos procedimentos. O menino que vagava pelas ruas pedindo esmolas se transforma no adolescente que comete crimes. Assim, novas determinações judiciais convocam novas instituições e estratégias para o controle desta vida.

Ao lado dos processos de *judicialização* e *institucionalização* que envolveram esta trajetória, uma terceira captura se instaurou ainda no período em que o menino habitava o abrigo. A medida judicial que determinou o acolhimento institucional foi a mesma que orientou o seu acompanhamento psiquiátrico na rede de saúde mental do município. Instalou-se neste arranjo um modo de subjetivação estatal chamado aqui de processo de *medicalização*. Apresento este fenômeno como a terceira dinâmica que acompanha e delimita as margens da trajetória deste jovem. É evidente que como antropólogo e educador não possuo condições técnicas de avaliar a necessidade ou não de uma prescrição medicamentosa, no entanto, tenho condições de afirmar que Xirú não possuiu qualquer tipo de avaliação ou diagnóstico que indicasse o uso dos fármacos ao qual foi submetido. Diferentes substâncias eram ministradas ao longo de seus períodos de institucionalização, sobretudo, naqueles momentos em que seu comportamento causava transtornos. Medicamentos que estimulavam o sono e controlavam a agressividade eram os mais comuns, eles o acompanharam inicialmente no abrigo e depois pelos diferentes serviços por onde circulou.

Ao situar os movimentos destes *aparelhos de captura* (DELEUZE; GUATARRI, 1997) em seus modos de subjetivação e controle não pretendo adentrar profundamente nos detalhes e repercussões destes três processos, *judicialização*, *institucionalização* e *medicalização*. Ainda assim, considero de fundamental importância referi-los, pois reconheço a centralidade que assumem na composição de campos de forças produtores de enquadramentos múltiplos, embora nunca totalizantes e definitivos, sobre a vida do jovem. Trata-se de uma compreensão de como as instituições e seus discursos nos atravessam, o que pressupõe a necessidade de uma certa concepção de sujeito e da formação dos processos de subjetivação. Para Deleuze, a partir da leitura de Foucault acerca do diagrama da subjetivação, o sujeito é modulado pelos sistemas de saber-poder, pelos sistemas institucional e social, pois “*a relação consigo não permanecerá como zona reservada e guardada do homem livre, independente de todo o sistema institucional e social*” (DELEUZE, 1988, p.110). A produção de subjetividades, desta forma, não se confunde com certos entendimentos

que a definem como aquilo que há de mais interno ao indivíduo, confundindo-se com a individualidade ou interioridade psicológica. Ao contrário disto, na medida em que a relação do sujeito consigo entra nos esquemas de saber-poder, é necessário considerar os processos históricos dos fatos e acontecimentos que acompanham a vida, as conexões múltiplas que estabelecem e as relações de forças. Noção de subjetividade que, de acordo com Perbart,

“pode então ser definida como uma modalidade de inflexão de forças do Fora, através do qual cria-se um interior. Interior que encerra dentro de si nada mais que o Fora com suas partículas desaceleradas segundo um ritmo próprio e uma velocidade específica. A subjetividade não será uma interioridade fechada sobre si mesma e contraposta à margem que lhe é exterior, feito uma capsula hermética flutuando num fora indeterminado. Ela será uma inflexão do próprio Fora, uma dobra do Fora” (PERBART, 1989, p.135).

Muitos são os elementos que constituem e formam os modos de subjetivação, não possuindo uma origem, nem término, mas apenas um meio, puro processo que deve ser acompanhado pelas conexões que vão se engendrando. Emerge aqui uma subjetividade construída nos encontros, através do acoplamento de fluxos que avançam à medida que são cortados em agenciamentos maquínicos de produção. Para Engelman (2006), o desejo é, nesta configuração, *“o fluxo agenciador dos encontros, que potencializa e é potencializado pelo outro, se produz à medida que produz o outro”*. (ENGELMAN, 2006).

Para além de um encadeamento sequencial estático, interessa perceber aqui que os referidos processos de subjetivação apresentaram um profundo enredamento em suas dinâmicas. A sequência das diferentes capturas a que Xirú foi alvo mostra um tipo de complementariedade entre poderes que potencializou os efeitos de cada intervenção, o que nos remete de forma precisa às estratégias de saber-poder descritas ao longo das análises de Foucault (2002). Juízes, técnicos sociais e psiquiatras definiam em diferentes momentos os rumos adequados para a vida do menino. Enquadramentos estatais heterogêneos e até mesmo conflitantes fomentaram modos a partir do qual Xirú produzia versões de si (interiorizando o lado de fora) e do mundo (exteriorizando o lado de dentro) (DELEUZE, 1988). Desta forma, necessito reiterar que

ao problematizar a triangulação Desejo - Estado - Subjetivação, a partir do encontro de um jovem com políticas públicas, em seus agenciamentos e resistências, trato de processos de formação de uma vida em condições radicalmente concretas. Afirmo isto, pois o jovem que acompanhei em seus trânsitos pela cidade possui um corpo mutilado pela violência urbana, muitas cicatrizes e uma marca de tiro na cabeça, elementos de um realismo à brasileira.

Diante da triangulação referida, considerando a importância relacionada aos enquadramentos produzidos pelos aparelhos de captura, procuro ficar atento às saídas inventivas do desejo, aos movimentos criativos de uma vida que teima em se expandir. Centrado nas composições que ampliam as possibilidades de uma resistência *entre políticas*, ou seja, nos encontros de Xirú com as políticas públicas, pretendo aqui dar consistência aos agenciamentos efetuados pelo jovem em meio a estes processos. Para tanto, a noção de agenciamento aqui proposta (DELEUZE; GUATTARI, 1997) pode ser definida como “*todo o conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo – selecionados, organizados e estratificados - de maneira a convergir (consistência) artificialmente e naturalmente*” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.88). Nesta concepção, os agenciamentos se movimentam combinando elementos heterogêneos, fazendo surgir composições de vida sempre novas e que não se resumem a nenhum dos elementos isolados que o compõem. De acordo com Escóssia e Kastrup (2005),

“agenciar é estar no meio, sobre uma linha de encontro de dois mundos. Agenciar-se com alguém, com um animal, com uma coisa – uma máquina, por exemplo – não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você e nem no outro, mas entre os dois, neste espaço tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela” (ESCÓSSIA, KASTRUP, 2005, p. 303).

É no encontro de um jovem com uma política de reinserção social, na tentativa reconstrução desta vida, que Xirú emerge como a expressão de um agenciamento coletivo. A trajetória do jovem, assim como a produtividade discursiva que a acompanha produzindo *versões de si e do mundo*, encontra em sua narrativa pontos de consistência quando, por exemplo, afirmava em diferentes circunstâncias que “*não tem jeito Seu, eu SOU o crime...*”. A profundidade deste discurso narrado em nossos

primeiros contatos e repetido ao longo de outras situações conforma uma enunciação de vida constituída de forma coletiva. Entendo que, enquanto Xirú pronunciava essas palavras, diferentes campos de forças e processos de subjetivação (saberes, poderes, moralidades) afirmavam isto junto a ele. Foram vários os movimentos e as linhas que lhe ajudaram a formar esta enunciação. Argumentos alinhados numa polifonia institucional.

Nesse sentido, de acordo com Barros e Passos (2012), *“o sujeito é ele próprio um agenciamento de enunciação, isto é, ele se constitui num plano de consistência por agenciamentos, ele só existe em face de certas engrenagens”* (BARROS; PASSOS, 2012, p. 168). A ênfase coletiva na formação dos agenciamentos de enunciação se dá a partir de um plano de fluxos heterogêneos e múltiplos que se cruzam incessantemente em nós e fora de nós mobilizando populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos e acontecimentos, possibilitando infinitas montagens. A enunciação neste caso acaba ela mesma determinada por agenciamentos concretos (BARROS; PASSOS, 2012, p. 168).

Entre possíveis composições de vida, narrativas relacionadas ao crime significavam esta existência. Contudo, é bem verdade que diferentes misturas também foram produzidas ao longo do tempo, dado que Xirú, à medida que era enquadrado em determinadas classificações estatais, redefinia seus usos e sentidos produzindo novas combinações na busca de *“afirmar uma imagem específica”* (BEHAR, 2009) como criação possível. Ao problematizar o agenciamento efetuado pelo jovem a partir de seu encontro com uma série de políticas públicas, importa saber aqui se este arranjo *“libera os fluxos, as intensidades, as correntes de energia que são a matéria prima das multiplicidades intensivas ou, se ao contrário, ele as prende, as captura, as congela”* (TADEU, 2004).

No caso da pesquisa em foco, me interessa saber como as políticas públicas se relacionaram com a enunciação *“eu SOU o crime”*. Reforçaram esta afirmação ou a problematizaram permitindo passar novas composições de vida? De outro lado, como foi o reencontro de Xirú com o Estado depois do episódio que transformou sua vida? O atravessamento das políticas públicas foi capaz de produzir que efeitos em sua trajetória? Novas montagens surgiram destes encontros? Através de linhas de subjetivação que corriam de ambos os sentidos, posso afirmar que Xirú foi

transformado por estas tecnologias de poder na mesma medida em que provocou profundas transformações por onde passou, afinal havia ali um *desejo de vida* em curso (BIEHL, 2011).

Devires em movimento

A definição afirmativa do desejo aqui apresentada é estratégica na construção desta dissertação e busca marcar uma postura ativa em relação ao processo de vida que acompanhei. A partir disto, a ideia de apresentar os movimentos da vida de um jovem *entre políticas* diz respeito às possibilidades da produção desejante no seu encontro com as referidas políticas públicas. Circunstâncias em que a vida deste jovem era sufocada pelos regimes de poder, mas também onde agenciamentos imprevisíveis produziam novas possibilidades de futuro. Onde a produção de sua existência se confrontava com uma série de tecnologias de governo dispostas sobre a gestão biopolítica do controle de corpos e subjetividades de sujeitos situados às margens da cidadania. No entanto, mesmo sob este enquadramento biopolítico haviam fluxos de vida que sempre escapavam neste processo, afinal *“o desejo é sempre o modo de construção de algo”* (GUATTARI ; ROLNIK, 2013, p. 261).

Na tentativa de estabelecer uma articulação entre meus interesses de pesquisa e os conceitos de desejo, micropolítica e agenciamento não pretendo realizar aqui uma antropologia propriamente deleuzo-guattariana, quanto menos um detalhado inventário sobre a provocante tese do inconsciente maquínico desenvolvida por estes autores. Procuo cruzar esta fronteira teórica embarcando na obra do antropólogo João Biehl (2005, 2008, 2011), buscando nele uma possibilidade de conexão entre o potencial dos conceitos apresentados por Deleuze e Guattari e o corpo de uma antropologia fundada na densidade do trabalho de campo com pessoas.

A Antropologia do Devir proposta por Biehl (2008) se funda na resposta a seguinte pergunta *“o que está além do Biopoder?”*. O autor responde a questão recorrendo a uma reflexão apresentada por Gilles Deleuze no artigo intitulado *“Desejo e Prazer”* onde o filósofo questiona a eficácia do caráter normatizador e constituinte dos dispositivos de poder referidos por Michel Foucault nas obras *“Vigiar e Punir”* e

“História da Sexualidade”. Ao contrário de Foucault, Deleuze afirma, *“ênfatiso a primazia do desejo sobre o poder, as operações destes guardam para mim um efeito repressivo, pois esmagam não o desejo como um dado natural, mas as pontas dos agenciamentos do desejo”* (DELEUZE, 1994, p. 4). O autor considera que *“o primeiro dado de uma sociedade é que nela tudo foge, tudo se desterritorializa (...) as linhas de fuga é que são primeiras”* (idem). Neste sentido, na medida em que o desejo agencia o campo social, são os dispositivos de poder que se acham produzidos pelos agenciamentos dos fluxos do desejo. Os aparelhos de captura seriam o resultado de determinados cortes e agenciamentos operados sobre estes fluxos possibilitando na história do ocidente a própria formação de uma máquina estatal centralizada e territorializada.

Podemos afirmar que o interesse de Biehl pela obra de Deleuze se alinha àquilo que Tadeu (2004) refere como *“movimento mesmo, o fluxo, a corrente, a torrente de vida que, microscopicamente, molecularmente, mas de forma não menos real, não menos concreta, percorre e atravessa (...) o mundo real”* (TADEU, 2004, p.16). Nesta direção, Biehl anima uma perspectiva antropológica de inspiração deleuzeana que enfatiza o *“desejo e o modo humilde, marginal e “minoritário” com que ele abre frestas em campos institucionais rígidos e/ou reificados, as quais se tornam o motor de um devir”* (BIEHL, 2008, p. 421). Seguindo a proposta do antropólogo uma etnografia atenta aos *“devires humanos”* nos permitiria reconhecer as microdinâmicas de vidas que instituem novas maneiras de pensar e estabelecer relações, criando rasgos e aberturas nas macrorrealidades biopolíticas que constroem trajetórias. Biehl reconhece que os sistemas que capturam os sujeitos nunca são absolutos e que, por serem sociais, são mais complexos, mais confusos do que imaginamos. Em suas palavras,

“os campos sociais sempre estão vazando, eles são líquidos, e as infraestruturas também, elas não são tão perfeitas assim, há vazamentos e a política também acontece ao redor dos vazamentos. O poder, como eu mencionei anteriormente, muitas vezes é um epifenômeno desses vazamentos sociais” (BIEHL, 2008).

Sendo assim, os sistemas estatais estão sempre sendo refeitos a partir de sua interação com realidades, com contextos e com a vida das pessoas. Logo, resumir a analítica antropológica unicamente aos sistemas e estruturas não permitiria compreender aquilo que permeia e anima uma ciência feita junto às pessoas, os afetos e as relações. O desenvolvimento de uma escrita etnográfica apoiada neste horizonte reserva um lugar especial para a singularidade da trajetória de um jovem imerso na densidade de tramas relacionais e sociopolíticas específicas. Vivendo parte considerável de sua vida entre as aberturas e vazamentos de campos sociais múltiplos, Xirú produziu escapes, resistências e alianças pelas instituições e serviços por onde passou. Neste sentido, o intuito de realizar uma pesquisa que compreenda estas dinâmicas se vincula à questão antropológica que, segundo Schuch (2016), orienta as reflexões de Biehl na direção de entender *“como certas tecnologias, sistemas de valores e fatores políticos e econômicos se articulam na formação de novas subjetividades”* (SCHUCH, 2016).

Trata-se de privilegiar os processos de formação de sujeitos realizados através de seus acoplamentos com tecnologias morais e políticas que se tornam visíveis nas próprias produções subjetivas sempre inacabadas. Podemos entender que a analítica das subjetividades nos dá acesso tanto às encruzilhadas colocadas por diversas tecnologias de poder quando às escolhas dos sujeitos que são realizadas constantemente. É desafiando a metafísica das políticas de intervenção e seus efeitos determinísticos sobre os sujeitos, problematizando as capturas e resistências em ato, que a etnografia complexifica constantemente as tentativas de homogeneizar ou de circunscrever as pessoas, o campo social e teórico, trazendo à luz o dinamismo e a incompletude da política e da cidadania em construção.

Entendo que a singularidade de Xirú é atravessada pela multiplicidade dos acontecimentos do campo social. Sua subjetividade em processo revela uma obra em aberto, expressa um modo de existência a ser *“corrigido”* pelo Estado. O jovem experimentou com sua própria vida de forma surpreendente, abrindo caminhos e esboçando movimentos. A política de acompanhamento tensionava para que ele construísse uma nova maneira de se relacionar com a vida. Deveria aceitar determinados enquadramentos, transformar radicalmente suas condutas. Seguindo determinados protocolos sua existência se tornaria previsível e segura. Ele, ao

contrário, exigia que o aceitássemos em seu tempo, ao seu modo. Desafiava suas próprias possibilidades físicas e sociais, buscando estabelecer sentidos para sua nova realidade. Era um sujeito em transição habitando possibilidades.

Em meio a este cenário procurei seguir as orientações de Biehl (2008) quando afirma que cabe ao antropólogo “*demarcar territórios não mapeados e acompanhar as pessoas através deles. (...) Uma receptividade ao que é surpreendente e o uso de categorias que são importantes na experiência humana podem tornar nossa ciência mais realista e possivelmente melhor*” (BIEHL, 2008, p.268). Ao longo de meu registro etnográfico pude mapear a composição de territórios existenciais (ROLNIK, 2011), daquilo que produziu sentido e sofrimento na vida de Xirú, além de acompanhar toda a sorte de dúvidas que habitavam seus principais dilemas.

No fluxo *entre políticas*, percebi o modo como Xirú operava uma complexa *bricolagem de vida* (BIEHL, 2011) a partir do uso das categorias e classificações produzidas pelas linhas de segmentaridade dura (DELEUZE; PARNET, 1998) que caracterizam o regime biopolítico contemporâneo. Circulando em meio a universos institucionais e a rua, manipulava as categorias e definições que recaiam sobre si de modo a flexibilizá-las na composição de suas relações cotidianas. Neste movimento, o jovem criava espaços por entre as classificações e aparatos de controle estatal desfazendo formas de subjetivação e territorializações de poder indesejadas. Na tentativa de redefinir este emaranhado de linhas Xirú manifestava a potência e a singularidade de seus agenciamentos. Criava pequenas possibilidades de liberdade e resistência. Linhas de fuga. Marcas ambivalentes, contraditórias e contestatórias. Afirmava sua existência de forma provocativa. Processos emergentes que explicitavam o cruzamento entre subjetividades, tecnologias de governo, economias morais e linhas de fuga.

Em oposição às estabilizações superficiais e reducionistas que situam sujeitos dentro de esquemas sociais pré-estabelecidos e homogeneizados, caso frequente nas discussões que articulam juventude, periferia e violência, uma antropologia sensível aos arranjos humanos insiste na complexidade de sujeitos etnográficos que desafiam categorias de análise desgastadas. Do caminho trilhado por Biehl (2016), reforço a necessária seriedade em relação aos saberes das pessoas e as teorizações que elas mesmas produzem sobre suas vidas e condições. Saberes estes forjados ao longo do

tempo e das relações que os diferentes grupos e sujeitos estabelecem com estruturas sociais, com instituições e com outros sujeitos.

Esta postura característica dos trabalhos etnográficos permite que eu explore a partir da inserção de Xirú em múltiplos contextos institucionais, mas também nos demais circuitos por onde transita, duas categorias frequentemente mobilizadas por ele em suas interações. Inicialmente forjadas a partir de suas experimentações e vivências relacionadas ao *mundo do crime* elas são recuperadas, articuladas e utilizadas por Xirú como formas de reflexão crítica e de reação ao que chama de “*governo*”. São as categorias “*vítima*” e “*veneno*”. Nos cálculos do jovem elas assumem a seguinte fórmula, “*são necessárias doses de veneno para não se tornar uma vítima dos vagabundos e do governo*”.

A presença das categorias “*veneno*” e “*vítima*” pode ser referida a três diferentes momentos do acompanhamento psicossocial e da produção etnográfica que realizei com o jovem. O primeiro deles remete ao início de nossa trajetória, o que compreende principalmente ao primeiro ano da realização do trabalho de campo. Período em que Xirú retorna ao POD e aprende a conviver com a paralisia que compromete todo o lado esquerdo do seu corpo. Momento em que buscava recolher os fragmentos dispersos de sua existência, onde procurava recompor uma identidade e dar sentido a sua vida. Neste aspecto suas experiências relacionadas ao mundo do crime foram essenciais na afirmação da enunciação, “*Eu SOU o crime*”. Sobrevivendo a um incidente que produziu limitações profundas em seu corpo havia a necessidade de afirmar o seu “*veneno*”.

Num segundo momento, referente ao segundo ano de pesquisa, período em que Xirú participava de cursos de formação profissional no POD, realizava tratamentos de saúde, frequentava a escola, ou seja, acessava e permanecia integrado junto destas políticas estatais, quando a gramática dos direitos adquiria materialidade e reduzia o seu “*veneno*”, ele disparou a seguinte pergunta enquanto se deslocava para mais um dia de aula “*Seu, eu pareço uma vítima?*”.

Por fim, o terceiro e último momento de articulação destas categorias afirma sua crítica ao “*governo*”. Ela coincide com o terceiro ano do trabalho de campo, período em que Xirú é afastado destas políticas a partir de um conjunto de avaliações morais relacionadas ao seu passado e sua conduta. Um processo de produção de

cidadania em ato acaba interrompido. Estávamos sentados na escadaria em frente à prefeitura no centro da cidade depois de um longo dia de peregrinação por escolas atrás de uma vaga para sua matrícula, quando Xirú declara, “*Seu, o governo tá me levando pro crime*”. Frente a todas as dificuldades que enfrentava neste período, sobretudo aquelas relacionadas a escassez de recursos simbólicos e econômicos, quando via suas potências diminuídas, o jovem percebia o fortalecimento de um velho conhecido campo de forças fomentando o aumento do seu “*veneno*”. Durante todo o período em que produzi meu acompanhamento etnográfico o “*crime*” sempre se apresentou como uma instituição permanentemente disposta a recebê-lo, a ressignificar sua existência, sobretudo nos períodos em que as políticas públicas estatais se retiravam de cena.

Entre métodos e afetos

A presente dissertação emerge como o resultado do acompanhamento da vida de um jovem realizado entre os anos de 2013 e 2016. A intensidade das experiências vividas ao longo destes três anos mobilizou os afetos necessários para a produção de uma pesquisa engajada no cruzamento de dimensões profissionais, éticas e políticas. Foi a partir de minha vinculação profissional na função de educador social junto ao POD Socioeducativo que conheci o protagonista desta trama. Ali também se criaram as condições iniciais para a problematização dos processos de subjetivação e das capturas institucionais que incidiram na reconstrução da vida de Xirú. Condições estas que me posicionavam num lugar de fronteira, entre pesquisa e intervenção, afinal de contas, ocupando a posição de educador me transformava num dos privilegiados operadores dos processos de subjetivação que procurava investigar.

Dado este contexto, não pretendo aqui apontar os limites e as impossibilidades que permeiam tal tipo de atravessamento na produção do saber científico alinhado aos princípios da *neutralidade* e *objetividade*. Ao contrário disto, procuro explorar os desafios e a potência do encontro entre o fazer antropológico e a socioeducação comprometidos com a situação do sujeito participante da pesquisa. Manifesto assim o desejo de produzir uma dissertação a partir do engajamento e do compromisso de

trabalhadores que pesquisam, militam e problematizam as práticas dos espaços onde atuam. É na experimentação deste encontro que pretendo afirmar a perspectiva de uma pesquisa-intervenção voltada para a produção de novas subjetivações e orientada por uma ética dos afetos.

Assumi a posição de educador num dos momentos mais delicados da vida de Xirú. Ele havia passado quase um ano inteiro hospitalizado. Inicialmente no Hospital Cristo Redentor onde permaneceu meses algemado na cama e, depois, na enfermaria da FASE/RS para onde retornou em cumprimento de medida socioeducativa provocada por sua fuga. Com a extinção desta medida, ainda sem poder caminhar e executar tarefas básicas, o jovem finalmente retornou para a casa de sua família. Paralelamente a este retorno a equipe do POD reestabelecia um acompanhamento possível a estas circunstâncias. Visitas semanais eram realizadas em sua casa. Quinzenalmente ele era levado de carro até a instituição para almoçar e passar o dia. Neste período também houveram inúmeros encaminhamentos junto a Previdência Social e clínicas de fisioterapia. Seu retorno para o POD foi encarado como um grande desafio. Desafio para ambos. Xirú era desafiado a reconstruir sua vida a partir de uma história e de um corpo fragmentados e o POD, por sua vez, a realizar um acompanhamento psicossocial em diálogo com a singularidade deste jovem. A favor deste processo foram decisivos os profundos vínculos afetivos que Xirú desenvolveu com os técnicos e educadores mais próximos durante sua fase de recuperação. E foi justamente para o lugar de um deles que fui contratado. Nada de novo, afinal de contas existe uma intensa rotatividade de profissionais, sobretudo de educadores sociais, em meio a rede que configura as políticas públicas para crianças e adolescentes.

Meus primeiros contatos com Xirú são anteriores ao interesse de realizar esta pesquisa. Havia um desafio profissional em jogo. Para me tornar um educador social precisava mergulhar num conjunto de legislações e regulações institucionais. No entanto, o maior desafio a ser enfrentado se referia a minha capacidade em desenvolver *relações de confiança* com os jovens participantes do programa, todos eles marcados pela recente experiência de institucionalização. Era necessário educar olhos e ouvidos, sensibilizá-los para captar a teia de códigos linguísticos, corporais e morais manipulada pelos adolescentes. Nesta tarefa, a prática do antropólogo nutria o fazer o educador. Ao longo de todo o primeiro mês de atuação, enquanto Motta

tomava a frente na execução das atividades diárias eu observava atentamente as reações do grupo. Percebi que dificilmente algum jovem falava abertamente de sua vida, a exposição era mínima. Também ficou claro que uma das maiores dificuldades da função era organizar um conjunto de atividades que conseguisse mobilizar o interesse dos jovens. Alguns deles demonstravam indiferença pelas atividades, outros pareciam participar em consideração aos educadores. Neste contexto, Xirú figurava como um sujeito que experimentava o POD de uma maneira muito particular. Sem condições físicas de participar de determinadas atividades esportivas, se recusava a permanecer sentado dentro de uma sala ouvindo a “moral” dos educadores. Muitas vezes chegava à instituição sem ter feito nenhuma refeição, aguardava a chegada de algum conhecido, circulava intensamente pelo pátio durante as oficinas e, depois do almoço, partia com o grande grupo do POD rumo ao centro da cidade.

Àquela altura ele já era considerado um dos jovens mais *problemáticos* vinculados ao programa, exigia uma atenção especial que o cotidiano das atividades não permitia. Percebendo que sua presença na instituição mobilizava grande parte da equipe, busquei me aproximar de forma cuidadosa. Nas conversas informais que tínhamos desde o momento em que Xirú chegava à instituição, em outras com a participação dos demais membros da equipe técnica, durante a distribuição do lanche, no repasse das passagens e na hora do almoço, a história daquele sujeito de corpo frágil começava a ser narrada de forma intensa.

Considero que meus contatos com Xirú, inicialmente marcados por desconfianças e conflitos, acabaram tornando-se aquilo que Deleuze (1968, p. 180), problematizando as reflexões de Spinoza, chama de “*bons encontros*”. Inspirado pela obra deste filósofo, sobretudo em seu texto *Ética* (SPINOZA, 2015), destaco a dimensão dos afetos que se desenvolveram ao longo de nossos encontros. O processo de afetação que teve início numa relação de trabalho entre um educador e um jovem no contexto peculiar de uma política pública de reinserção social, avançou na busca de novos modos de expressão. Em meio às expressões possíveis, diferentes linhas de subjetivação em curso atuaram na formação de um agenciamento coletivo produtor desta pesquisa de mestrado.

Durante nossos encontros fui convidado a conhecer seu modo de vida. Fiquei surpreso com a velocidade com que vivenciou experiências limite. Registrar parte

destas intensidades poderia me ajudar a entender a maneira como este jovem conduzia sua existência em meio às políticas públicas. No entanto, percebi que a velocidade de seu passado se confrontava com a lentidão do presente. O corpo não acompanhava mais os pensamentos, mas, ainda assim, naquela lentidão havia muita potência. Isto me levou a pensar que não bastava apenas mergulhar nesse passado, existia a necessidade de acompanhar as intensidades *instituintes* daquele modo de vida no presente. Mais do que conhecer, fui provocado a produzir vida *com* Xirú. De acordo com Deleuze (2002),

“um modo é uma relação complexa entre velocidade e lentidão, no corpo, mas também no pensamento, e é um poder de afetar e de ser afetado, do corpo ou do pensamento. Concretamente, se definirmos os corpos e os pensamentos como poderes de afetar e ser afetado, muitas coisas mudam. Definiremos um animal, ou um homem, não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos de que ele é capaz. Capacidade de afetos, com um limiar máximo e um limiar mínimo, é uma noção frequente no pensamento de Espinoza” (DELEUZE, 2002, p.128-9).

Por meio das atividades do POD conheci a complexidade de suas experiências. Falava de maneira fragmentada das vezes em que foi preso, internado para desintoxicação, do período em que morou nas ruas. Desta forma, fui envolvido numa complexa trama subjetiva. A intensidade de sua resistência revelava uma singular *potência de vida*. Segundo Deleuze (2008, p.87) “*os existentes não se definem por sua essência, senão pela potência*”. Carregando as marcas irreversíveis da violência urbana no corpo Xirú lutava contra a morte social buscando possibilidades de reconhecimento e maneiras de resistir, “às vezes retrabalhando e sublimando aflições e constrangimentos” (BIEHL, 2011, p. 274). Seu passado acabava sendo revirado através de minhas perguntas e talvez algumas coisas dali ainda o machucassem. Silêncios profundos narravam os acontecimentos marcados em sua pele. Sem tatuagens ostentava várias marcas pelo corpo. Um mapa de cicatrizes. Acredito ter sido merecedor destes relatos pelo fato de também ter-lhe afetado com meu modo de ser. Mas em meio a tantos jovens num programa de reinserção social porque contar logo a

história de Xirú? Penso hoje, inspirado por Sidney Mintz (1984), que na verdade não fui eu quem o escolheu para falar, foi Xirú quem me escolheu para contar de sua vida.

A antropóloga Favret-Saada (1990) explora o surgimento livre deste jogo de afetos na produção de suas etnografias entendendo que ali reside um conjunto de referências que escapa aos esquemas de comunicação etnográfica verbal, voluntária e intencional, daquilo que a autora aponta como um tipo de comunicação “pobre”. Refere que em meio a aventura de se deixar afetar em campo ocorre a produção de materiais que possuem uma densidade particular. Ao conceder um estatuto epistemológico para as situações de comunicação involuntária e não intencional a autora traça uma perspectiva que desvia da busca pela aprendizagem de um determinado sistema de representações sociais nativas, investindo na intensidade afetiva que acompanha os eventos da realidade, fazendo justiça àquilo que nos afeta na experiência de campo. Inspirado nesta perspectiva, Lemões (2017) problematiza a conexão entre afecção e ética em antropologia afirmando que,

“em específicos universos de pesquisa, permitir-se afetar pelas mesmas forças que afetam os sujeitos de pesquisa é assumir, também, compromissos éticos e políticos que extrapolam angustias e impasses individuais do pesquisador. Por isso, entendo que a centralidade reflexiva dada à *afecção* é uma operação que amarra respeito e valorização da experiência alheia, abertura de canais afetivos de comunicação, posicionamento ético e político ao longo da pesquisa etnográfica. Além do mais, sem me reposicionar e ser reposicionado pelos outros, acredito que não conseguiria visualizar toda a potencialidade do que antes, para mim, relacionava-se à reprodução de práticas institucionais” (LEMÕES, 2017, p.38).

Para o autor, ser afetado é permitir atingir-se pelas intensidades, sentimentos, revoltas e desejos que animam sujeitos engajados, é no limite desprender-se da constante posição analítica em campo para assumir lugares múltiplos nos quais nossos interlocutores nos chamam a existir (LEMÕES, 2017). Neste sentido, foi a postura *humilde e engajada* que assumi na posição de educador do POD que permitiu a formação de uma relação de *aliança* com Xirú, vinculação esta que se aprofundou a partir da minha demissão e de seu desligamento do programa. Foi só a partir desta *aliança* e dos *afetos* que a sustentam que uma pesquisa foi possível.

Na articulação de um processo metodológico capaz de acompanhar os movimentos de uma vida *entre políticas*, de um corpo e de uma subjetividade em permanente deslocamento, busquei produzir um texto etnográfico sobre a vida de Xirú em conexão com o paradigma cartográfico das subjetividades (BIEHL, 2008; GOLDMAN, 2003; MEJÍA, 2015). Buscando dar privilégio às vidas concretas, Biehl (2005, 2008) propõe a *“etnografia de uma única pessoa”* como possibilidade de abertura para formas analíticas que centralizem a agência do sujeito. Nesta direção, concordo com a perspectiva desenvolvida por Aydos (2016), quando afirma que a trajetória de vida que acompanhou, o caso de um menino chamado Tomás, não é nem *“exemplar”* e nem *“representativa”* de um universo específico de pessoas. Seguindo a direção crítica da autora, não pretendo apresentar aqui uma *“história dentro da história”* (MINTZ, 1984, p.55), mas acompanhar a realidade de Xirú em *“experimento com a vida”* (DAS, 2016, p.16), percorrendo com ele caminhos em meio a inúmeras políticas públicas problematizando seus efeitos de subjetivação. Neste sentido, atento para as realidades locais resultantes de formas particulares de governo das pessoas e, concebendo as políticas públicas como *“tecnologias produtoras de sujeitos e relações sociais”* (AYDOS, 2016), pretendo entender como Xirú se relaciona com diferentes instituições, como é capaz de agir sobre elas e a partir delas na produção de uma vida resistente. Nesse sentido, João Biehl (2008) entende que

“acompanhar a trajetória de uma única pessoa nos ajuda a capturar a lógica das infra-estruturas cotidianas que fazem com que certas vidas ganhem forma e outras sejam impossibilitadas. Também nos ajuda a iluminar a agência humana em contextos de crise nos quais o quadro clínico e a realidade político-econômica se confunde, bem como a apreciar este estranho processo subjetivo que faz com que o abandonado, apesar de tudo, continue antecipando uma outra chance de vida.” (BIEHL, 2008, p. 416).

Durante três anos de acompanhamento com Xirú procurei registrar a composição criativa de seus agenciamentos realizando uma *“cartografia de territórios existenciais reais e/ou em vias de existir”* (GOLDMAN, 2008, p.3). Frente a todo o tipo de desafios impostos por seu passado, provocamos as possibilidades de futuro em seus enredamentos com as políticas públicas. Eram tentativas de reapropriação da

vida por meio de processos de singularização que exigiam a *“utilização diferente de elementos preexistentes, de comportamento ou de representação, para construir uma outra superfície de vida ou um outro espaço afetivo, para dispor de um outro território existencial”* (GUATTARI, 1986). Neste caso, a reaproximação de Xirú se dava com instituições e espaços bem conhecidos como a escola, o POD, as ruas e praças do centro da cidade de Porto Alegre. Nosso desafio era estar em lugares diferentes mas também estar diferente nos lugares que já estivemos para movimentar as relações que subjetivam Xirú e as pessoas com que ele se relaciona nestes percursos institucionais.

Na concepção cartográfica da subjetividade o material que a compõe se encontra no próprio processo do devir, *“naqueles esforços individuais e coletivos de afrouxar e relativizar, na medida do possível, os marcadores e controles e violências estruturais, alcançando assim uma imanência, o poder do impessoal, uma vida”* (BIEHL, 2008, p.422). Segundo o autor,

“(...) podemos estudar a subjetividade como aquilo que excede e escapa, o que não pode ser fixado por uma norma ou numa forma. A subjetividade está entre formas dadas e a sua temporalidade é a do entrementes. Sintomas e lapsos não estão aí para serem somente interpretados. Trata-se de identificar as suas trajetórias e verificar se estas trajetórias também podem ser indicadores de um novo universo de referência que, potencializado, talvez possa adquirir consistência suficiente e força transformadora. Ao enfatizar os potenciais criativos e antecipatórios do desejo (mesmo em contextos de enorme violência e escassez), as maneiras em que os campos sociais constantemente “escapam” e transformam (através ou a despeito de mecanismos de saber e poder), e a natureza plástica da subjetividade, Deleuze – talvez mais do que qualquer outro filósofo/teórico atualmente privilegiado por antropólogos – se empresta a inspirar esforços etnográficos abertos ao dinamismo da vida cotidiana e a literalidade e singularidade do vir-a-ser.” (BIEHL, 2008, p.422).

Segundo Schuch (2016) a abordagem empreendida por Biehl privilegia os processos de formação dos sujeitos realizados através de seus acoplamentos com tecnologias e economias morais e políticas, assim como as cartografias emergentes percorridas pelos sujeitos, que se tornam visíveis nas próprias produções subjetivas que estão *“sempre por fazer”*. Biehl (2016) afirma que uma etnografia atenta aos

“devires humanos” nos ajuda a ver os movimentos do campo, *“as microdinâmicas das vidas humanas que iluminam novas configurações de pensamento, estados afetivos e solidariedades que podem criar rasgos e aberturas, mesmo que pequenos, nas macrorrealidades sociais e políticas”*. (BIEHL, 2016).

Diferentes autores afirmam que as experiências cartográfica (BARROS e PASSOS, 2012) e etnográfica (MEJÍA, 2016) acompanham processos, mais do que representam estados de coisas; intervêm na realidade, mais do que a interpretam. Tais métodos implicam também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo. Na produção de uma etnografia de inspiração cartográfica, descrevo a ação de procedimentos micropolíticos que percorriam o cotidiano de algumas das instituições que Xirú acessava no período da pesquisa. Foi na interação cotidiana com psicólogos, assistentes sociais, educadores, e tantos outros jovens participantes das políticas públicas que parte central desta trama subjetiva foi produzida. Intervenções muitas vezes atravessadas por posturas pessoais de agentes públicos operadores das políticas. Ações que vazavam em meio as fissuras do Estado. Encontros que transbordavam a tensão de relações permeadas por redes de poder e marcadores sociais. Nestes cenários os pequenos movimentos de resistência e fuga assumiam toda a sua importância.

O espaço das *“oficinas de cidadania”*, atividades de intervenção e de tentativa de readequação dos modos de vida dos jovens, onde eram desenhados projetos de futuro fora do *crime*, onde temas relacionados ao campo dos direitos, ao mundo trabalho, ao combate à violência eram discutidos de forma às vezes moralizantes, acabou por se tornar também lugar de trocas e diálogos. Onde os princípios de informar, reformar e reeducar os jovens foram tensionados por uma necessidade ética de escuta e respeito às suas trajetórias de vida. No trabalho cotidiano estas oficinas se transformaram em importantes espaços de subjetivação para todos os envolvidos, educadores, técnicos e jovens, permitindo, além disto, a produção de parte importante do conteúdo empírico que alimenta minha pesquisa. Sobretudo naquelas atividades que realizei individualmente com Xirú como a oficina *“Conhecendo a Cidade”*.

Através delas o jovem dava pistas de um passado marcado pelo relevo das ruas e pelas grades das instituições. Das vezes que agrediu e foi agredido. De forma artesanal fui resgatando episódios e criando desenhos de uma vida. Fiz apenas um

cálculo e nele percebi que faltavam anos de vida para tantas histórias, os números não faziam sentido. Mais tempo preso do que vivo? Será possível? Na imprecisão das datas decidimos investir nas intensidades das experiências. A partir delas um modo de existência ganhou expressão e extensão. Sua conduta era desafiadora, uma maneira de se colocar frente ao mundo. O modo como pretendia reconstruir sua vida provocava tensões nas políticas. O registro moral operado no cotidiano POD se confrontava com as ambições e com a existência concreta do jovem. Disposto a ampliar seus repertórios de vida Xirú não estava sujeito a ser tornar uma “vítima” do “sistema” e a sofrer na mão do “governo”.

Mesmo vinculado ao POD, desafiava a narrativa do programa questionando as reais condições de “reinserção social” que se apresentavam para ele. Haveriam de fato oportunidades e direitos? Como as instituições, serviços públicos e demais espaços se relacionariam com seu modo de ser? Xirú mais do que qualquer outro possuía uma larga experiência nas tramas institucionais, conhecia boa parte de seus discursos e práticas, o que lhe deixava num estado de atenção permanente. O ceticismo do jovem frente a uma anunciada materialização dos direitos e das oportunidades operada pelo POD produziu em mim uma experiência similar àquela narrada por Márcio Goldman em sua etnografia sobre participação política do movimento negro em Ilhéus, estado da Bahia. Segundo o antropólogo, “*quais seriam, então, os efeitos de uma inversão de natureza – quando nossos informantes se mostram céticos e os antropólogos mais ou menos crédulos, (...) – para o estudo de instituições, valores ou processos que o antropólogo considera centrais em sua própria sociedade?*” (GOLDMAN, 2003, p. 468).

Xirú desconfiava da capacidade das políticas públicas em promover transformações substanciais na sua vida para além das relações de controle e violência a que sempre foi exposto. Ainda assim, estava agora muito mais inclinado a negociar sua adesão a elas do que em outros momentos. Por outro lado, mesmo depois da radicalidade dos incidentes que vivenciou, o *mundo do crime* continuava a habitar possibilidades concretas de dar continuidade a sua trajetória.

Da minha parte, embora nunca plenamente convencido em relação as reais possibilidades de transformação promovidas pelas politica públicas em curso, desconfiança estratégica inerente a minha formação em Ciência Sociais, toda a minha trajetória de vida relacionada a garantia de direitos através do acesso a serviços

públicos gratuitos, associada a minha militância política *à esquerda* e a formação técnica promovida pelo POD em meu período de preparação para a atuação como educador social, reforçavam em meus discursos um conjunto de narrativas relacionadas a gramática dos direitos associada a uma determinada crença sobre o papel do Estado na necessária promoção de políticas públicas ligadas a garantia de direitos sociais.

Desde uma perspectiva antropológica, a experiência de vida de Xirú, no que diz respeito aos efeitos dos diferentes modos de operação das máquinas produtoras de subjetivação *Estado* e *Crime*, se revela mais complexa e imprevisível. Ela permitiu que eu problematizasse a partir de sua trajetória a convicção que muitos de nós temos, sobretudo daqueles que atuam dentro do campo de atenção à criança e ao adolescente, nas efetivas ações de Estado para a proteção e garantia de direitos.

A partir destas considerações caminho no sentido de propor a construção de um texto que busque politizar essa trajetória de vida. As experiências compartilhadas por Xirú provocaram-me a problematizar não só os fragmentos de seu passado de internações e fugas, assim como de seu presente sob o status institucional de egresso do sistema socioeducativo, mas, sobretudo, o modo como Xirú reinventou seu cotidiano através de agenciamentos múltiplos, das possibilidades de seu *vir a ser* em seu diálogo com o *Estado* e com o *Crime*. Desejo e agência na expansão de uma vida sobrevivente.

CAPÍTULO 1 - “Eu sou o Crime”

Apresentação do capítulo

Ao longo deste capítulo apresento o texto “*Dias de POD: Relatos de meus encontros com Xirú*” onde o POD Socioeducativo emerge como o território vivo por onde o jovem redesenha a sua existência após o incidente que transformou radicalmente sua trajetória de vida. Seguindo a linha de escrita desenvolvida neste trabalho procuro narrar o funcionamento da política pública de reinserção social em seu cotidiano através do relato de um dia de trabalho no mês de dezembro de 2013 e do atravessamento de outros incidentes ocorridos no segundo semestre do mesmo ano. Ao narrar os relatos etnográficos em primeira pessoa procuro marcar minha presença como um antropólogo-educador que busca deslocar implicações institucionais totalizantes, revelando os espaços de tensão e as negociações que constituíam e animavam o programa. Desta forma, ao estabelecer um olhar desde baixo, focado nas relações que múltiplos sujeitos estabeleciam numa rotina de trabalho atravessada por diferentes regimes de poder, mas também por improvisações, instabilidades e inseguranças, pretendo explicitar como a política era produzida numa reconstrução local e diária de suas práticas (FASSIN, 2004). É neste cenário que busco centralizar a experiência vivenciada pelo protagonista desta trama.

Antes disto, no subcapítulo intitulado “*Cartografia de uma Vida*”, resgato as paisagens de um passado vivido por Xirú em meio a uma intensa circulação institucional, movimento aqui chamado de *entre políticas*. É neste momento que faço referência à discussão teórica apresentada na parte inicial deste trabalho no que diz respeito a utilização de estratégias *alegóricas* e *surrealistas* de escrita aplicadas a antropologia, sobretudo do recurso a *collage* textual, com o objetivo de costurar, organizar e dar sentido aos fragmentos dispersos narrados pelo jovem ao longo da oficina “*Conhecendo a Cidade*”, das demais atividades socioeducativas desenvolvidas dentro da instituição que executava o POD e nos espaços e serviços públicos por onde transitávamos. Sendo assim, o referido texto é o resultado de muitos encontros. No desenvolvimento da oficina “*Conhecendo a Cidade*”, além de explicitar um trânsito institucional contínuo marcado por longos períodos de privação de liberdade,

pretendo captar a densidade e os movimentos de uma trama subjetiva em constante deslocamento e transformação, confrontada por diferentes modalidades de gestão de conduta, marcada por uma diversidade de enunciações e que afirma num determinado momento de sua trajetória *“Eu SOU o Crime”*. Como fio condutor deste mapeamento institucional subjetivo, utilizo um breve relato produzido por Xirú em parceria com uma das psicólogas que o acompanhava no período de seu retorno para o POD. No texto anexado em seu prontuário digital o jovem relata de forma ordenada parte substancial de sua trajetória de circulação *entre políticas*. Utilizo este precioso documento como uma estrutura de fundo a partir do qual as narrativas fragmentadas são reunidas buscando assim trazer consistência e vitalidade para uma existência singular vivida em seus limites.

Cartografia de uma vida

“Antes disso eu não lembro... Só lembro que eu fugia de casa, não obedecia... Tudo começou quando eu mudei de casa... Aos 8 anos de idade, comecei a andar com a gurizada... Fumar cigarro, depois maconha, depois pedra... Depois comecei a andar no Centro, comecei a pedir dinheiro em sinaleira, depois ia tomar banho no Lar Dom Bosco e dormia na Casa de Acolhimento... Aos 12 comecei a traficar para poder consumir as minhas drogas, no Loteamento Santa Terezinha, mais conhecido como Vila dos Papeleiros. Aos 10 eu comecei a roubar nos mercados, a polícia me pegava levava para o Conselho Tutelar (CT) e o CT me levava pros abrigos. E eu fugia dos abrigos e ia pra FASE. Fui preso 4 vezes na FASE. Tudo por tráfico. Roubei ônibus também, a mão armada, com 15 anos, com os guri lá da Vila. Eu roubava ônibus para cheirar pó. Eu roubava dinheiro da minha mãe, liquidificador, vendia minhas roupas para comprar drogas... Roubava relógio, roupa dos meus irmãos para vender para comprar drogas... Ai tomei um tiro na cabeça e sobrevivi. Fiquei 1 ano e 3 meses numa Fazenda Terapêutica e não parei com as drogas. Fui 6 vezes internado em clínicas terapêuticas para se tratar das drogas (3 na São José, 1 na Gramado e 2 no CAPS do São Pedro). Pedia dinheiro no supermercado Zaffari na rua Cristóvão Colombo. Cuidava carro estacionado na rua do restaurante Alfredo na Ramiro Barcellos. Dormia debaixo do viaduto da Conceição próximo à rodoviária. Hoje em dia eu ando, converso com usuários de drogas mas não uso nada. Vou na Igreja. Pretendo mudar de vida estudando e fazendo curso no POD. Hoje em dia eu brigo muito em casa com meu irmão e com minha mãe.”
(Xirú).

Estamos os dois sentados na sala de atividades do POD. Ao fundo o aparelho de som permanece sintonizado na frequência de uma rádio que toca exclusivamente funks ao longo de toda a sua programação. O ambiente para a realização da oficina vai sendo preparado. Antes de iniciar a atividade Xirú chama a minha atenção para a letra do funk que naquele exato momento invade nossos ouvidos.

Charada – Mc Fire

*Vários querem saber
Nego tenta entender
Porque nós é revoltado
Nóis tá sempre bolado
O clima é tenso
Aqui aonde nós mora
São várias perguntas
E poucas respostas*

*Moleque apetitoso
Não tem palhaçada
Não rola risada
E mente que gargalha
Mesmo sem chover
Relâmpago e barulho
No ar cai trovão
Clareia estronda tudo*

*Minha vida é um livro
Se eu quiser tu não lê nada...*

Foi neste dia, e depois dele em tantos outros, que Xirú abriu o livro de sua vida para que eu acompanhasse alguns capítulos de sua trajetória institucional. *“Aí Seu, esse som ajuda a contar um pouco da minha caminhada, fala do lugar de onde o cara veio e de como tem que ser “boca braba” para ser respeitado na rua. Minha vida foi doida Seu...”*. Nesse instante Xirú parece mergulhar no emaranhado de suas memórias, permanece num silêncio profundo até que eu o interrompo com uma colocação. *“Hoje eu queria saber um pouco mais da tua vida, das coisas que tu já fez, dos lugares que passou até chegar ao POD...”*. *“Bah Seu... Tem muita coisa que já esqueci... Mas lembro*

da minha vó... que quando ela morreu fiquei muito triste e depois com raiva... Eu gostava muito dela, ela morreu de câncer e pra mim foi difícil, na época eu era pequeno e morava com a minha mãe e mais dois irmãos, os três menores ainda não tinham nascido. Meu pai não morava com a gente, na real fui conhecer ele faz pouco tempo, sabe quando tu não sente nada pela pessoa Seu? Foi assim. Depois disso eu lembro de brigar muito com meu padrasto, um dia ele me deu uma cintada na cara e me acertou com a fivela...”.

Nesse momento observo a cicatriz que Xirú possui no lado direito do rosto. “Aí ficou essa cicatriz?”, pergunto. “É isso aí Seu. Nesse tempo eu comecei a largar a escola e ficar mais na rua com a gurizada da Vila... E como eu gostava de ficar na rua. Nessa época eu já era meio acelerado. Mas ainda conseguia ir para o colégio, aprendi a ler e escrever... Aí depois eu larguei de mão, só queria ficar correndo na rua de um lado para o outro. Eu fumava crivo, baseado e cheirava cola até que a minha mãe começou a me trancar dentro de casa, senão eu saía e às vezes nem voltava. A gente morava nos prédio e ela me fechava lá dentro, aí eu acabava fumando lá mesmo, quando eu não aguentava mais ficar fechado eu dava um jeito de fugir descendo pelas janelas, escalava o prédio para ir pra rua. Lá fora eu me divertia muito, tinha a gurizada que eu fechava, tinha as gurias, as coisas que o cara vai conhecendo e experimentado. Aí eu conheci um lugar onde os viciados se juntavam para cheirar e fumar, era uma casa, tipo um vestiário do lado de um campo de futebol, tava abandonada... Tu não vai acreditar nessa Seu... Um dia eu tava nesse lugar junto com um casal que eu conhecia, eles já fumavam pedra, aí os guri da boca invadiram a casa para pegar os dois, disseram que eles tavam devendo dinheiro e que iam matar todo mundo ali. A sorte é que o patrão me reconheceu e disse para os outros que eu não tinha nada a ver com o casal, que eu era da correria mas não devia nada, aí ele falou para eu sair dali senão eles iam me matar junto... Saí correndo e nem olhei pra trás... Mas ainda ouvi os tiros Seu, a mulher tava até grávida... É assim que funciona. Eu não era envolvido com o tráfico quando deu esse rolo, eu ainda era muito novo, fazia uns furto nuns mercadinho nas Vila perto da minha casa. Depois comecei a ir de ônibus pra avenida Farrapos e pro Centro pedir dinheiro... Descobri um monte de lugar novo... Era tudo muito grande... Tinha vários lugares para pedir um troco, tinha vezes que eu ficava na rodoviária, outras ia pra frente do Restaurante Alfredo, outras na avenida

Independência onde mora muita gente com dinheiro, conheci os morador de rua, os policial, o pessoal que trabalha nas lojas, andava por tudo. Muita gente apoiava o cara, davam moedas, roupas e bastante comida, comia melhor na rua do que em casa. Uma vez uma vózinha me deu 50 reais depois que ajudei ela a carregar as compras do supermercado. Ela me deixou entrar na casa e me deu até lanche. As pessoas tinham pena de mim. Dava pra ganhar muita grana Seu, tinha dia que era 70, 80, até 120 já tirei. Era um dinheiro que eu torrava tudo na hora, não guardava nada. Comia um monte de coisa boa, xis, pastel, tomava refri toda hora, depois ia lá pra Vila dos Papeleiros compra baseado e cola... Aí comecei a passar mais tempo na Vila com os caras que conheci por lá... E foi lá que eu fumei pedra... Fumava no barranco encostado na Freeway. Quando acabava o dinheiro voltava pras esquinas. Mas não era fácil não Seu, tinha um monte de guri pedindo dinheiro também, tinha que sair no soco para garantir o teu. Um dia dei um tapão na cara do Maicon porque ele queria ficar na minha esquina, ele disse que ia falar pra irmã dele que era mulher do patrão e não sei o que... Fui crescendo nessa função.

Não pensa que é tranquilo ficar no meio de um monte de malandro... Mas aí tu vê que é um deles e que sempre rola uma confusão... Dali passei um tempo fora da Vila. Primeiro dormia em qualquer lugar do Centro, depois tu aprende que não tem como, que alguns lugares é muito perigoso. Os cara saem muito chapado dos bailes do centro e se tem um morador de rua dormindo perto do terminal dos ônibus eles podem até matar o cara, tá louco...

Nesse tempo eu comecei a roubar e a traficar... Pegava na Papeleiros, usava uma parte e vendia a outra pelo Centro. Não tem como ficar pedindo dinheiro sempre, tem hora que tu não ganha quase nada e ainda é humilhado por umas pessoas... A raiva vem assim. Eu fazia muita correria, quando ficava ruim num lugar, numa praça, eu me tocava pra outra... Nessa correria o Conselho Tutelar e o Ação Rua vinham falar comigo querendo me levar de volta pra casa. Quando a polícia tava junto com o Conselho me levavam na marra, eu tentava correr, me esconder e metia pedrada neles... Ainda mais quando eu tava loco de fissura. Eu ainda não tinha idade para cair preso, era muito novo. Uma vez me arrastaram pro Conselho e me trancaram numa sala, quando as Donas saíram para ligar para a minha mãe eu pulei uma janela e dei fuga! Fiquei pensando na cara das Donas quando viram que eu não tava mais lá!

Outras vezes eu tava muito cansado e aceitava ir, chegava no Conselho e a minha mãe tava lá, falavam um monte de coisas pra nós. Que ela tinha que cuidar de mim senão ela ia me perder e que eu devia parar de ficar na rua usando drogas tipo um bicho, que o meu lugar era em casa com a minha família. Nesse dia disseram pra ela que eu poderia ficar um tempo numa clínica (Clínica Gramado) para me ajudar a parar de usar drogas, que se eu ficasse naquela vida eu ia acabar morrendo rápido na rua. Depois me perguntaram se eu queria ir pra lá, falaram que podia ser bom pra minha saúde, que o lugar era legal e tal... Eu não quis ir e eles me levaram à força Seu... Era muito estranho ficar naquele lugar... Eu tive que usar umas roupas que eles davam e todo o dia os Seus ficavam na minha cola, não dava nem pra fumar um cigarro, tinha que fazer só as coisas que eles mandavam, tomar um monte de remédio que me deixava mais chapado ainda. Mas no fim até que era bem sereno de ficar lá, tratavam bem o cara, comia toda hora e descansava, dava pra ficar vendo uma TV... Eu achava que era meio louco, mas lá tinha uns bem pior que eu... Às vezes me dava um desespero e uma vontade de sair correndo daquele lugar, mas daí um Seu gente boa dizia pra eu segurar firme que logo eu ia ficar melhor e ia poder ir pra casa.

Quando saí dali fui pra casa da minha mãe e dei um tempo... Mas não aguentei ficar muito naquilo também Seu... Não me dava com ela e nem com os namorados dela, lá era dificuldade de rango e eu queria aquela adrenalina e liberdade da rua. Quando os guris iam me chamar eu já me tocava pra fora, já me embolava de novo, daqui a pouco já tava no centro, voltava e ia de novo... Como eu não queria mais morar com ela um juiz disse que eu ia ficar num Abrigo e que eu ia ver ela só de vez em quando, que se a nossa situação melhorasse eu iria voltar pra casa. Acho que ela gostou quando isso aconteceu. Cheguei no Abrigo e conheci os Seus e as Donas que cuidavam de lá, tinha umas Donas da cozinha que faziam um rango bom pra nós, carne todo o dia, sobremesa e Todinho, só era ruim porque tinha horário pra tudo e não podia sair sem a permissão deles. Imagina só Seu! No Abrigo tinha um monte de criança longe da família, quase todas eram vítimas, muito pequenas e umas doentes, mas tinha uns malandro morando ali, os guri roubavam as coisas de dentro da casa para vender na rua e comprar cigarro e maconha. Eu era vagabundo mas não aceitava umas correria que eles faziam, pô Seu... Roubar as carnes congeladas do Abrigo pra mim não era... Eu queria comer elas depois... Eu ia lá e pegava tudo onde eles escondiam. Tinha uns Seus

que eram “dos meu” lá dentro, me apoiavam no cigarro, levavam a gente pra passear no aeroporto, ver jogo no estádio do Grêmio, no cinema do shopping e até pintaram meu cabelo de loiro! Eu fechava com eles... Mas também não era com todos, sempre tem uns espichados que xingam o cara, que ameaçavam bater e chamar os guardas quando o cara aprontava alguma, achavam que eram chefão da casa... Não sabiam levar o cara numa conversa.

Os Seus do Abrigo disseram que eu tinha que estudar e me matricularam na Escola Ayrton Senna. Era bom porque eu podia sair pra rua. Lá tinha o projeto Escola Aberta que dava aula pras crianças dos Abrigos. No começo eu ia pra aula de Kombi, mas eu não parava quieto na sala, eu queria sair toda hora e a professora não deixava. Eu gostava de ficar no pátio jogando... Queria dar uma volta na rua... Eu até voltava se eles deixassem eu sair... Não consigo ficar em lugar fechado Seu... Isso até hoje... Só se for pra dormir... Mas eu gostava daquela escola! Aí depois que me deixaram ir sozinho pra aula, eu já não ia, pegava as passagens vendia e caminhava até o Parque da Redenção. Sumia do abrigo uns dias, dava uma de perdido e ficava curtindo no Centro, uns cupinxa me chamavam para ir na Vila deles e eu ficava lá, fazia umas correria, ia nos baile funk, conhecia tudo que é boca... Essa era a liberdade Seu! Ir aonde tu quer qualquer hora. Quando eu cansava voltava para o Abrigo e dava mais um tempo, os educadores ficavam de cara comigo, vinham dar lição de moral pro cara, outros davam graças a deus quando eu sumia... Essa era a minha rotina...

Mas teve vez que me joguei no crime, larguei Abrigo, larguei tudo, voltei pra Papeleiros e fui tocar um tráfico pra Nega Sandra, só no fluxo, ganhando dinheiro, virando madrugada na entrada da Vila, muita gente comprando, tinha dinheiro sempre, podia cheirar sem miséria! Nessa função tu conhece cara que já matou, que já foi preso um monte de vez, os chefão, aí tu vai crescendo, ganhando moral e vê os cara te considerando... Aí tu se sente Seu! Isso até eu cair não dos polícia... Quando eles me pegavam tinha uns que levavam todo o meu dinheiro, outros batiam no cara lá no postinho perto do Mercado Público... A primeira vez que fui preso na FASE foi em 2010, tinha 15, 16 anos, como eu sou pequeno parecia que tinha menos idade. Me agarraram ali na Voluntários (da Pátria) e me levaram para o DECA (Delegacia da Criança e do Adolescente). Me deixaram um tempão algemado num ferro, cheio de fome, até que bem tarde me deram uma lasanha para comer... Fiquei horas esperando a minha mãe

e o Diretor do Abrigo. Aí ela chegou, me olhou algemado e começou a chorar... Acho que foi a primeira vez que fiquei com pena dela... Senti que ela gostava de mim... E foi assim que peguei meu primeiro tráfico de menor. Fiquei no CS (Unidade Carlos Santos). A primeira vez que tu cai é foda... Tive medo Seu... O cara não sabe como o sistema funciona, não conhece ninguém, tem que cuidar para não virar vítima lá dentro, pros nego não pisar em ti. Como eu já tava na correria faz tempo já tinha umas manha e não deixei ninguém se criar em cima de mim. Tem que se afirmar lá dentro, não dá pra mostrar os dentes. Os caras vão te testar pra ver se tu tem atitude de malandro. Como eu era primário não cheguei a subir para as outras unidades, fiquei ali dividindo o brete com outros cinco menor. No começo tive que dormir num canto, depois uns vão saindo e eu subi pra jega, essa é a regra. Aí tu vai pegando o ritmo da cadeia Seu... O que pode e o que não pode fazer...

Acabei ficando pouco tempo preso e consegui fazer umas amizades com os guris da Orfanatrófia. Quando saí da FASE me mandaram de volta pro Abrigo. Mas não, fui direto mete um tráfico com eles. Lá na Papeleiros eu vendia muita pedra pra mendigos, na Orfana era mais maconha e pó para os playboy do condomínio da frente, eles chegavam lá se arrastando de medo da gente... Tu é respeitado... O gerente chegava de motão, pagando uma nota, de correntão de prata no pescoço, sempre com mulher na volta, com um revólver cromado na cinta, escoltado... Eu olhava aquilo e queria ostentar também...

Mas quando tu tá no movimento tem que ficar esperto em tudo, nunca se sabe, pode chegar uma viatura, pode chegar os contra... As gurias passavam e se riam pra mim... Bah! Eu tava ali com dinheiro, andando armado, parecia que eu tinha mais valor do que quando ficava pedindo, não me rebaixava pra ninguém! Ali arrumei uma mina e fiquei direto na casa dela. Mas não durou nada Seu, logo fui preso de novo por tráfico... E eu já era reincidente, não teve arrego. Fiquei um mês no CS e depois subi pro POA 1, puxei mais 5 mês no fechado. Lá dentro os guri da Orfana que caíram depois de mim disseram que a mina que eu tinha ficado tava grávida, que ela até achava que era meu, mas não tinha certeza...

Quando tu sobe pro POA 1 já sabe que vai ficar um tempo trancado. Lá tu não vê o céu... O pátio é uma quadra de futebol que fica do lado de dentro, é tudo coberto... Ecurão... Lá é dividido por Alas. Quando tu chega os Seus perguntam se tu é de algum

embolamento (facção) pra te separar dos contra. Pelo menos não tinha tanta gente pra ficar no brete, era no máximo 2. Foi lá que conheci vários guris que tão aqui no POD hoje, o Nainho, Lincoln, Tevez... Dividi brete com esses cara. Nós era tudo de apoio lá dentro, tocava o terror em quem vacilava, um pelo outro, eles são tipo irmão pra mim Seu. Aprendi várias caminhada com eles. Quando alguém recebia visita de parente nós dividia os refri e os rango, quando um ganhava a lili (liberdade) deixava roupas e tênis pra quem tava mais caído. Eu torcia para receber visita da minha mãe, mas ela quase não ia, dizia que tinha que cuidar dos pequenos e não sei o quê... No começo eu ficava contando os dias pra sair... Depois tu vê que não adianta, parece que demora mais pro tempo passar. Ficar brabo ou triste era pior, eu preferia ficar patifando com os meus cupinxa. Quando faltava água, cancelavam as visitas ou tinha alguma injustiça nós pedalava toda a unidade, dava chinelada nas porta de ferro, gritava, os Seus e as Donas ficavam apavorados... Se eles descobrissem quem tinha começado a “pedalação” deixavam uma semana no isolamento, sozinho Seu... Sem pátio... Sem visita...

Eu que era muito louco, acelerado desde pequeno, imagina trancado... O pessoal do Abrigo já tinha me levado umas vezes no CAPS I para falar com o psiquiatra e na FASE o psicólogo disse que eu tinha que voltar lá pra consultar... No começo eu ia algemado... Todo mundo ficava me olhando quando chegava lá, andando de cabeça baixa, esperando com a cara virada pra parede... Me sentia mais bandido ainda. Depois de um tempo peguei confiança com o Seu do transporte, ele dizia que não gostava de me levar algemado, achava aquilo errado, mas que precisava confiar em mim para me levar sem as algemas... Ele era muito sereno... Eu ia sentado no banco da frente do Uninho da FASE e ele me apoiava até um cigarrinho!

Quando tava perto da minha audiência umas Donas foram na FASE me convidar para participar do POD, disseram que era um projeto que o cara ganhava um dinheiro, podia fazer curso, tinha almoço, lanche e passagem de ônibus. Que iam ajudar o cara a sair do crime... Na audiência eu aceitei tudo que me falaram, a juíza disse que era para eu continuar indo no CAPS, que iam me matricular na EPA (Escola Porto Alegre), que eu ia voltar pra casa da minha mãe, que o Ação Rua ia me acompanhar e faria curso no POD.

Mas parece que cada vez que eu ia pra FASE saia pior... Não sei explicar... No começo eu ainda fui em tudo... Tive aula na EPA... Os educadores do Ação Rua me levaram umas vezes no CAPS... Tomava os remédios... Também me levaram no POD para ver como era... Achei sereno... Fiz vários passeios com os guris e os educadores, uma vez no Barco Cisne Branco e outra num Parque Aquático. Nesse dia fiquei com várias gurias! Depois comecei a fazer um curso de Lanches Rápidos e ganhava 220,00 reais por mês. Mas nunca larguei o crime e os corre... Quando sacava o dinheiro do POD passava direto na Orfana e pegava tudo em pó, vinha de táxi pro curso e cheirava no banheiro com os guris. Entrava na aula trincado! Teve um dia que a professora do curso saiu chorando da sala e foi pedir demissão por minha causa!

Não cheguei a largar o crime nesse tempo... Não tinha como... Eu tava com os pés dentro... Precisava de dinheiro... Eu só me via como bandido... Pra mim era aquilo, era o normal, nem pensava... Pra tu ter ideia Seu, uma vez eu saí do curso com os guri, roubamos um carro aqui na frente do POD e saímos fazendo vários assalto. O momento era só de roubar carro pra fazer assalto. Como não sabia dirigir, eu guentava a vítima com a arma na cabeça, dizia "É assalto, desce, desce...!", aí quem tava comigo ficava de piloto. Nós ia rodando e daqui a pouco achava uma vítima marcando bobeira, parava o carro e eu já descia metendo a arma. Metia celular, bolsa, carteira, tênis... Tudo. Não tinha arrego.

Foda que depois disso fui caindo na pedra de novo... Os guris tavam fumando e naquela função eu só queria ficar bem loco, só curtir... Não tava nem aí se caísse preso de novo... Até que fui pra rua de vez... Parei de ir no POD e no CAPS... Em casa já tinha feito a limpa num monte de coisa e minha mãe me correu de lá... Nesse tempo eu já tava metendo ônibus também... Entrava com pedaço de pau e até arma de brinquedo embaixo da camiseta, metendo pressão... Limpava o cobrador. Só que numa vez na hora que gritamos que era assalto o tambor da arma caiu no chão e o motora viu que era de brinquedo... Bah Seu! Nesse dia os cara me pegaram mesmo... Acho que nunca apanhei tanto na vida... Eles chegaram a descer do ônibus me dando soco e chute... Sorte que ainda não chamaram a polícia... Na real nunca fui preso por assalto, foi sempre por tráfico. Aí eu dava um tempo na Zona Norte, depois ficava um pouco no Centro, voltava... Numa dessas voltas roubei um cavalo e levei ele até a (Vila) Nazaré para vender pros carroceiros de lá, peguei uns 200 conto nele!

Quando eu ficava pelo Centro os educadores do Ação Rua me achavam dormindo embaixo do Viaduto da Conceição, aquele perto da rodoviária. Tinha vez que eu tava bem mal e eles esperavam eu acordar para falar comigo. Como eu já conhecia eles eu ficava ali para conversar. Eles me ajudavam bastante, me apoiavam num lanche, me levavam para cortar o cabelo e até para tomar banho no Lar Dom Bosco, ali na Duque de Caxias, perto da Usina do Gasômetro. Foi com eles que eu conheci o Acolhimento Noturno perto da Papeleiros, ali na Voluntários. Comecei a dormir lá depois que levei uma facada na mão brigando na rua... Lá eu podia dormir na noite e tinha janta e café pro cara... Um educador de lá dizia pra eu almoçar no Bandeirão do lado da Rodoviária, me dava 1 real todo o dia de apoio.

Lá no Acolhimento o pessoal do Ação Rua perguntou se eu aceitava ficar internado no CAPS do São Pedro pra ver se eu dava um tempo de fumar pedra. Disse que nunca Seu! São Pedro é hospício de louco e pra lá eu não ia! Que muita gente caiu lá e nunca mais saiu pra rua! Mas daí eles me explicaram que era um CAPS que fazia internação de usuário de drogas por uns dia. Pra limpa o cara. Eu disse pra eles que tinha ficado na Clínica Gramado quando era mais novo e não tinha gostado de lá... Mas daí eles me ajudaram a pensar que podia ser melhor pra mim fazer um tratamento, pra pelo menos tentar e ver se eu conseguia ficar um tempo sem pedra... Aí eu fui lá no Postão da Cruzeiro Seu... Fiz um monte de consulta, de avaliação, de reunião... Até a minha mãe eles chamaram lá para conversar... E ela foi Seu... Ainda falou pra Assistente Social que eu era "menino de rua"... Fiquei louco na hora... No fim eu fui pra ver qual era do lugar, se não gostasse já ia meter o pé. Cheguei lá e tinha um monte viciado enrolado nos cobertor, eles ficavam no pátio sentado no sol... Muito estranho Seu... Ali eu já quis vazar na hora, mas acabei ficando. Tinha umas atividade em grupo pro cara fazer e toda hora os enfermeiros falavam comigo... Vinham trazer os comprimidos que tinha que engolir na frente deles, senão já dava uma ladaia. Com o tempo fui pegando o ritmo de lá, tanto que depois dessa internação eu fui mais uma vez pra baixar minha bola, me acalmar... Entrava lá pra melhorar um pouco e voltava pras minhas correria. O Ação Rua me achava e me convidava para ir de novo... fiquei nessa um tempo.

Depois disso eu ainda fui internado mais três vezes na Clínica São José por causa do pó e da pedra. Sempre que eu tava muito magro e fraco, quando achava que tava ficando mal mesmo eu aceitava ir lá, senão tentavam me levar na marra... Aí eu já não era

criança Seu, então o tratamento pro cara já era pior... Lá dentro eu até fazia uns plano de parar de usar, porque na real eu sabia que aquilo me fazia mal, mas também era bom e eu gostava. Lá na clínica eu conheci um cupinxa chamado Marcos, ele tava internado porque derretia uma pedra direto e quase morreu várias vezes. Ele era muito sereno Seu, cuidava de carro ali na Rua dos Andradas e me chamou para ajudar ele quando a gente saísse da internação. A gente se apoiava. A minha parte da calçada era dos bares até a Casa de Cultura Mário Quintana e a dele era pro lado do Shopping Rua da Praia. Nós ficava ali direto, depois ia na Praça da Alfândega queimava um, voltava, arrumava um rango nos bares da volta, as vezes pedia dinheiro no Banrisul da esquina com a avenida Borges de Medeiros, usava os banheiros público do viaduto e dormia de valete nas marquises da 7 de Setembro. Esse era o nosso fluxo, se comunicando só pelo assovio.

Só que na rua é veneno Seu... Pra voltar a queimar pedra é um tapa... Começa tudo aquilo de novo... Fiquei numa de rasgar saco de lixo pra ter o que comer... Já não cuidava dos carros, dormia o dia todo em cima do antigo banheiro da Praça da Alfândega, pedia dinheiro e não ganhava... Fiquei tão magro que as roupas nem paravam em mim... Andava rasgado, todo fedendo...

Foi dessa vez que parei numa Comunidade Terapêutica em Novo Hamburgo, lá no meio do mato. Teve toda uma função com o juiz pra me liberar pra ir. Eu ainda era menor de idade e parece que nunca tinha ido um menor naquele lugar. Mas no final me liberaram e eu fui. Não tinha santo lá Seu... Tinha vários malandro "arrependido", outros se metendo lá pra dar um tempo também... Eu cheguei lá e posso te falar Seu, nunca me escondi atrás da bíblia como uns faziam... Eram uns demônio na rua e lá dentro choravam de tanto rezar... E no começo era só rezar, nem sei como aguentei, acho que era porque eu tava afim de largar aquela merda de pedra mesmo... Fiquei meses sem falar com ninguém Seu, não podia trocar uma ideia com os cara, só com o monitor que cuidava de ti... Eu acordava, arrumava a cama, rezava e tomava um café magrinho, depois ia trabalhar na roça, voltava pro almoço, podia tomar um chimarrão e voltava pra outro serviço na roça, rezava e fazia uma atividade que na real era ouvir um cara mais velho falar da vida dele, só ouvia... Aí jantava e tinha que rezar de novo, às vezes tinha um filme de superação pra olhar e depois ia dormir... Se tu fizesse alguma coisa sem o monitor saber tu levava uma advertência, aí a tua situação nunca

melhorava lá dentro, ficava sempre caído na mesma, comendo pouco, levando punição, podiam até te mandar embora... No começo é assim, mas depois tu vai vendo quem é quem lá dentro... Quem vai te caguetar, quem é de apoio... Acabei ficando mais de um ano lá... O pessoal do Ação Rua foi me visitar algumas vezes e disseram que iam levar a minha mãe pra me ver, que ela ia ficar muito feliz de eu estar me recuperando bem. Quando fechou um ano e três meses a direção me convidou para continuar na fazenda e ser o primeiro Jovem Monitor, mas eu não quis Seu, esse lance de ficar no mato rezando não era comigo, eu já tava com muita vontade de voltar pra Porto Alegre e ver o que ia rolar pra mim... Voltei de carona com um monitor de lá que virou meu amigo, fiquei com a família dele uma noite e no outro dia fui embora. Eu fiquei bem sereno Seu. Nunca mais botei pedra na boca.

Mas quando tu sai de lá tu não tem nada... Não arrumei um trampo, tava liso, sem dinheiro, sem celular, sem roupa, tênis... Nisso tu te revolta... Até que me chamaram para fazer umas entrega de droga. Fui várias vezes com um cupinxa até os polícia me pegar de novo... Aí Seu... Caí a terceira vez por tráfico e tava lá no POA 1 de novo... Terceira FASE na paleta... Dessa vez ainda me arrumaram tipo um estágio que eu trabalhava meio turno na lancheria que tem do lado da administração da FASE. Tirei um dinheiro ali e final de semana podia ir pra casa da minha mãe... Que eu quase nunca ia porque ficava de lazer na baia de umas mina. Só que é muito difícil tu tá na rua e ter que voltar lá pra dentro... Tu ainda vê os nego grandão, se erguendo na boca... Aí num domingo me anojei e não voltei, fiquei de foragido da FASE, dei fuga mesmo, azar... Queria passar meu aniversário na rua. Cheguei lá na boca e já fui pro fluxo... Dando teco e vendendo malote de droga sem parar, fiquei uns 3 dias assim... Aí depois disso eu não lembro Seu... Acordei no Hospital Cristo Redentor amarrado na cama... Tentei fugir mas não consegui nem me mexer... Não sentia quase nada... Usando fralda... Cego... Com o tempo consegui mexer um braço e uma perna... Depois me contaram que eu tinha levado um tiro na cabeça... Que foi um contra... Fiquei um tempo no hospital e depois me levaram pra acabar de cumprir minha medida pela fuga na enfermaria da FASE. A Dona Rose cuidava de mim como um filho. Saí de lá e minha mãe me levou embora.

Teve um dia que uma psicóloga do POD foi lá em casa saber quem era o guri que tomou um tiro na cabeça e não tinha morrido. Nisso ela viu que era eu. Eu já conhecia ela do abrigo e da vez que passei pelo POD...

Dias de POD: Relatos de meus encontros com Xirú

“Aqui estou mais um dia...” sentado num banco em frente ao corredor que dá acesso as salas onde o POD acontece. Os dias se iniciam quase sempre assim, depois de bater o ponto sento e aguardo a chegada dos jovens. O que pode parecer uma rotina repetitiva na verdade revela os minutos que antecedem o imprevisível. Do banco onde me encontro consigo observar grande parte do estacionamento da instituição assim como da rua que dá acesso ao portão de entrada. Aprendi que o tempo de deslocamento desde o momento em que o jovem aparece no meu campo de visão, andando na rua, até chegar à minha frente é de 3 minutos. Neste tempo existe a necessidade de processar uma série de informações sobre aquele sujeito que se desloca. Lembrar o seu nome, a sua Vila, se pertence a algum embolamento, se possui desafetos no programa, seu temperamento, quais os encaminhamentos e ações discutidos com a equipe, as impressões da última vez em que participou das atividades... Até mesmo a atividade proposta para o dia pode ser alterada de acordo com quem comparecesse. O que não era necessariamente um problema. Dependendo da combinação de jovens presentes o desenvolvimento da oficina poderia se tornar muito mais difícil. No limite nem mesmo acontecer. Meninos mais agressivos, outros mais tranquilos, alguns sob efeito de maconha e cocaína, outros de carbamazepina e risperidona, drogas lícitas e ilícitas faziam parte do cenário. Lideranças com várias interações nas costas ao lado de jovens inexperientes, as “vítimas” que caem no sistema. Todos estes elementos quando combinados poderiam produzir qualquer desdobramento. Por outro lado, a proposta de atividade para a oficina socioeducativa, geralmente elaborada com antecedência, nos transmitia uma impressão de segurança em relação ao que deveria ser feito.

Enquanto bebo a primeira xícara de café avisto aquele corpo de movimento inconfundível. Xirú anda com dificuldades pela calçada até desistir e se arremessar

para meio da rua. Ele fuma um cigarro e gesticula para os carros que buzina e desviam. Rapidamente organizo minha abordagem para recebê-lo. São apenas 8:30 da manhã e a atividade começa somente às 10:00. Durante essa 1 hora e meia em que ficaríamos juntos algo não planejado deveria ser realizado. Enquanto os demais componentes da equipe mergulhavam em prontuários descrevendo ações, participavam de reuniões junto aos CREAS, ligavam para escolas à procura de vagas, eu deveria permanecer junto dos meninos. Trabalho de educador... Durante alguns meses a tensão deste convívio gerava grandes preocupações...

Imagine-se em meio a 12 adolescentes recém desinstitucionalizados, parte destes havia “puxado” a internação na mesma unidade, às vezes na mesma ala ou até no mesmo “brete”, alguns são conhecidos e conversam entre si, outros mantêm distância e permanecem em pé pelos cantos com olhares desconfiados. Os silêncios absolutos eram terríveis, traziam histórias nas entrelinhas. Já as grandes agitações eram desconcertantes. Apagávamos incêndios. Quem poderia garantir que algum encontro indesejável não aconteceria? Que alguma “ladaia” da FASE pudesse ser resolvida ali mesmo? O discurso de determinados jovens reforçava aspectos dos códigos de conduta amplamente difundidos no universo prisional. Duas perspectivas opostas vinham à tona. Se por um lado diziam, “Ô Seu, as “ladias” da cadeia morrem na cadeia”, por outro alertavam, “As “ladias” lá de dentro a gente deixa pra resolver aqui fora”. Incidentes mais graves não eram a regra, embora a permanência dos jovens “egressos” na instituição mobilizasse olhares desconfiados dos trabalhadores e educandos dos demais projetos. Os meninos do POD estariam sob uma suspeição permanente, o que poderia incluir inclusive alguns profissionais que os acompanhavam. Por vezes me senti enquadrado por olhares desconfiados. Como se houvesse um tipo de contágio no contato cotidiano com os chamados “guris da FASE”.

Levei tempo até desenvolver certa habilidade no trato cotidiano com Xirú. Dias em que o jovem aparecia no programa revoltado por algum motivo. Dias em que não conseguíamos dar a atenção necessária a suas demandas. Onde uma palavra-fagulha era capaz de desencadear um grande incêndio. Pude observar incidentes deste tipo com diferentes profissionais da equipe... Fui um deles. Quando o jogo avançava neste terreno sempre perdíamos. Jogo de xadrez, onde era necessário sempre tentar antecipar a próxima ação. Bloquear jogadas. Sacrificar peças. (Diário de Vida 02-12-13)

“Hoje não vou pra aula Seu...”, ele diz. “Mas por que Xirú?”, pergunto. “Bah Seu, não tenho passagem, emprestei o cartão de isenção para minha mãe...”, “Olha só, pra hoje podemos te arrumar passagens pra isso, mas depois vamos ligar pra escola para saber se tu foi...”, respondi. Ele segue a resenha, “É que não tem como ficar na aula com fome Seu...”. “Mas lá tem janta pela noite meu “bruxo”, fiquei sabendo que a comida é boa, tu mesmo disse...”, afirmei. Ele esbravejou, “Qualé que é Seu, tá me “pegando”, tá de polícia pra cima de mim?!”, “Claro que não Xirú, digo isso porque acho importante que tu vá na escola, tu tem falado bem de lá, dos teus colegas, das gurias, do rango...”, respondi. Ele recuou e disse, “Sabe o que é Seu, arrumei uma “ladaia” com a professora de hoje, aí não quero ver ela...”. “Entendi meu... Mas assim, essas coisas acontecem, se tu quiser podemos ligar pra tua escola e marcar uma conversa com a diretora, tentar arrumar essa situação aí, depois de toda correria que fizemos até agora, não vamos nos entregar na primeira...”, argumentei. “Tá na mão Seu...”. (Diário de Vida 07-10-13)

“Jogo de cintura. Todo o dia após a realização das oficinas os jovens se deslocavam até a sala da equipe para assinar a lista de chamada e solicitar as passagens de ônibus. Xirú, mesmo possuindo um cartão de isenção no transporte coletivo entrava na fila e exigia suas passagens. Todos ali sabiam que ele não receberia passes adicionais, especialmente ele. No entanto, repetia diariamente este ritual. Ao receber a negativa reclamava como o maior dos injustiçados. De tanto repetir esta cena um dia pedi seu cartão de isenção dizendo que tiraria uma cópia para anexar em seu prontuário. Também fiz isso. No entanto, tirei dezenas de outras cópias em folhas de ofício, recortei cada imagem e combinei com Maria, a auxiliar administrativa do POD, que sempre que Xirú pedisse entregaríamos um cartão de papel. “E as passagens Dona?”, pediu no dia seguinte. Ao receber o “cartão”, sob os olhos atentos da equipe que observava, ficou surpreso ao ver sua foto impressa no papel. Ninguém segurou o riso depois que Maria disse, “Até amanhã! Boa Viagem!”. (Diário de Vida 15-11-13)

“O fato concreto é que os três minutos já se passaram e Xirú está parado na minha frente. “E o lanche Seu?”, pergunta. “Ainda não são 9 horas Xirú...”. “Bah Seu, todo dia essa mesma história...”, dispara. “Pô Xirú, tu chegou no POD bem antes de mim... Conhece todas as regras melhor do que eu... Tu sabe bem como as coisas funcionam...”. Sentamos no banco. “Vamos esperar o pessoal da padaria finalizar o

lanche e depois a gente vai lá dar uma espiada...”. “E os guris Seu, mais alguém já chegou?”, perguntou. “Ainda não, tu chegou antes de todo mundo, mas daqui a pouco a gurizada chega...”.

Perguntei, “Por que tu vem tão cedo pra cá? Como tu faz?”. Ele responde, “Acordo 5 e meia da manhã Seu, não tenho mais sono, fumo um cigarro no pátio e minha mãe já se levanta para começar a arrumar as coisas para os pequenos irem pra aula. Tem vezes que ela ajuda a me vestir, amarra meu tênis, senão eu já deixo eles com o cadarço amarrado e a bermuda com a cinta colocada. Se tem pão ela faz um pra mim, senão tomo um café preto e saio de casa. Eu ando devagar né Seu, tu sabe. Chego na parada e pego o ônibus pro Centro. Subir no ônibus é difícil e quando o “motora” arranca eu quase caio no chão. É foda se equilibrar. Tem vezes que empresto meu cartão pra algum vizinho, aí peço para o cobrador pra sentar na frente. Levo quase uma hora pra chegar no Camelódromo. Aí tenho que caminhar dali até a (Avenida) Salgado Filho onde pego o segundo ônibus. Venho louco de fome, mordido... Se tenho cigarro fumo, senão vou pedindo pra quem está fumando na rua. Naquela hora ainda está cheio de moradores de rua dormindo. Tem gente saindo dos inferninhos e bailes do Centro, fica cheio de doidão nas paradas de ônibus. Se alguém me empurra eu já saio xingando... Não aceito pra ninguém Seu, tu sabe... Pego o ônibus e venho escutando um funk no celular, senão eu pego no sono ali mesmo... Tenho mais uma hora pela frente....

Já passavam das 9 horas quando Xirú interrompe a história se levanta e diz, “O Seu, tô só pelo lanche e pelo cafezinho...”. “O teu lanche tá garantido, mas o cafezinho não vai rolar, tu sabe que é só para funcionários, já andaram reclamando que tô tomando muito café...”. Ele desafia, “Então vamos apostar uma corrida até a padaria valendo um café? Vou contar até 3...”. Nos posicionamos numa linha de partida imaginária. Pensei em deixá-lo ganhar a disputa, em dar aquela força, afinal, dadas as suas condições físicas não haveria uma disputa equilibrada. Abriu a contagem e no 2 disparou correndo em alta velocidade, o corpo pendia para o lado direito. A perna esquerda apenas apoiava o corpo que se projetava à frente. Cor(Ria). Mal dava para acreditar. Precisei acelerar para ultrapassá-lo e consegui apenas na entrada da padaria, a qual ele passou reto tentando frear. Fiquei surpreso com aquela explosão de energia vindo de um corpo tão frágil. Disse, “Seu, tu tinha que me ver correndo da

polícia antes de tudo o que me aconteceu...”. Eu sabia o que havia acontecido, mas na época não me sentia confortável em tocar no assunto... Entrei na padaria e pedi para que ele aguardasse no lado de fora. Ele falou, “Pega dois lanche pra mim aí Seu... Tu sabe o jeito...”. Ele sabia mais do que qualquer um que não era permitido. No entanto, sabendo que a quantidade de lanches era maior do que a de jovens e que até àquela hora ninguém mais havia aparecido, certamente alguma coisa sobraria... Quando fui ao seu encontro levando dois lanches ele apareceu comendo um terceiro. “Mas da onde tu tirou esse lanche Xirú?”, perguntei. “Tenho meus contatos Seu, o Seu Airton (diretor da padaria) me apoiou num salgado, fui lá na sala dele, ele é meu bruxo...”. “Então vou devolver o lanche que peguei a mais pra ti...”, respondi. Ele dispara, “Não Seu! Deixa aqui na minha!”. Comeu. Antes de ingressar em outro assunto Xirú me convidou a acompanhá-lo até a sala de aula do curso de costura. Disse que além de ser um curso cheio de gurias queria pedir para a professora costurar sua mochila que rasgara na altura do fecho. Fomos até lá e prontamente a professora se comprometeu em fazer o serviço, devolveria a mochila antes do almoço. Ao voltar para o pátio Xirú concluiu, “Ô Seu, tem um funk que diz assim ó “A humildade é a essência da vida”, acho que as pessoas me ajudam porque eu sou humilde...”. Pode ser.

Sáímos andando pelo pátio e nos deparamos com o diretor geral da instituição, um padre com cerca de 60 anos de idade. Enquanto inspecionava as atividades dos “colaboradores” nos abordou de forma simpática e deu início a uma conversa. “E como vão esses rapazes?”, perguntou. “Vamos bem padre”, respondi. Xirú completou, “Olha padre, eu ficaria melhor se o senhor me apoiasse aí nuns 5 real para eu comprar um massa (maconha) lá na minha boca...”. Demorei alguns segundos para acreditar que o jovem estava pedindo dinheiro para um padre para comprar maconha. O padre, por sua vez, aparentemente sem entender o que Xirú o havia solicitado, abriu um sorriso amarelo, típico de quem obteve uma resposta inesperada. Desconversou e rapidamente saiu de cena. Num primeiro momento aquela situação constrangedora me deixou completamente desconcertado. Situações “cômicas” como esta se repetiram diversas vezes e, através delas, com o passar do tempo, fui percebendo que apresentavam um conjunto de códigos e de posturas que eu deveria aprender. Nas mais diversas situações entrar no jogo era mais produtivo do que negá-lo, impedi-lo era praticamente impossível. Nossa relação foi se estabelecendo desta maneira,

inicialmente aos trancos, negociando detalhadamente cada ponto, mas também sabotando as negociações e deixando o barco correr. Com o tempo uma espécie de confiança foi ganhando corpo e o que parecia improvável se fortaleceu. Nestas interações fui aprendendo e encontrando melhores tempos, melhores abordagens, os momentos mais adequados para falar, saber a hora de ficar frio, mas, ainda assim, sem saber como proceder em diversas situações”. (Diário de Vida 02-12-13)

A relação de Xirú com as mais diferentes instituições por onde circulou nunca foi exatamente tranquila. No POD isso não era diferente. Dificuldades que vidas como a dele encontram para estabelecer relações com os serviços públicos em geral. Os problemas deste relacionamento, oriundos tanto de fatores externos ao POD como a falta de vagas escolares, de oportunidades de trabalho, quanto de fatores internos ao programa como a falta de conhecimento da equipe em relação àqueles modos de vida e da dificuldade de diálogo com os adolescentes, produziam obstáculos na construção cotidiana do trabalho. Neste sentido, era extremamente interessante e desafiador observar os motivos que levavam adolescentes como ele a participarem daquela política de acompanhamento.

Diferentes jovens experimentavam o POD de diferentes maneiras. Desde o convite inicial realizado ainda no período de internação na FASE (através da oficina de sensibilização Conhecendo o POD), passando pelo Círculo de Compromisso⁶, pela audiência no poder judiciário (que poderia determinar ou não a extinção da MSE,) pelo comparecimento do jovem e seu responsável na instituição executora do programa (o que era dificultado pela impossibilidade de alguns jovens em circular por determinados territórios da cidade), até a efetiva matrícula num dos tão desejados cursos de profissionalização (com todas as suas especificidades relativas a disponibilidade de

⁶ Com procedimentos ético-metodológicos inspirados nas práticas da Justiça Restaurativa (ver Schuch, 2009), no “círculo de compromisso” participam o/a jovem, técnicos da FASE, familiares, membros da comunidade e representantes do POD. Além da avaliação do período de internação onde todos são convidados a falar, especialmente o/a jovem e seus familiares, neste encontro planeja-se as ações do PIA (Plano Individual de Atendimento), documento que registra uma série de combinações que são construídas a partir das demandas, desejos e deveres dos jovens, com vistas a organização de suas atividades após a desinstitucionalização da FASE. Dentre os possíveis compromissos assumidos no PIA alguns acabam figurando como obrigatórios, como a necessidade de retornar para o ensino regular no caso dos/as jovens menores de idade através da garantia de matrícula em escolas públicas, mas, também, por outro lado, existem compromissos voluntários como, por exemplo, a adesão ao POD Socioeducativo.

vagas, a idade e a escolaridade), um longo caminho era percorrido. Entre alguns profissionais da FASE e colegas da equipe forjou-se a impressão de que havia adolescentes que aderiam ao programa como uma estratégia temporária de se manter distante dos atos infracionais procurando *"dar um tempo no crime"*, outros jovens conseguiriam conciliar as atividades do programa e as infracionais em seu cotidiano, alguns estariam realmente determinados a *"mudar de vida"* e, por fim, um grupo que inicialmente seduzido pelos benefícios do POD como o auxílio financeiro, refeições, acompanhamento técnico aos serviços públicos e possibilidade de iniciação e formação profissional, estariam *"em disputa com o crime"*. Com o passar do tempo e das conversas informais com os adolescentes entendi que estas classificações ainda que possíveis não conseguiam dar conta do permanente movimento empreendido por estas vidas jovens, revelando que não haviam posições definitivas e sim atravessamentos permanentes movidos pela imprevisibilidade do futuro.

Em determinados períodos do acompanhamento alguns jovens mobilizavam mais a atenção da equipe do que outros. E isto por motivos diversos. Aqueles que possuíam maior escolaridade conseguiam de forma mais tranquila e rápida sua inscrição nos diversos cursos oferecidos pela instituição executora do POD. Da mesma forma acessavam as melhores oportunidades de estágio e emprego. Na linguagem da equipe técnica esses jovens muitas vezes *"aderiam bem aos encaminhamentos e ações planejados pela equipe"*. De maneira geral esses eram as exceções.

Xirú, por outro lado, era caracterizado como um jovem que *"não aderiu bem aos encaminhamentos realizados"*. Até aí tudo bem. As questões que disparavam as maiores preocupações da equipe se referiam ao comportamento do jovem, produtor de confrontos no cotidiano da instituição aliado às restrições físicas que apresentava. Além de possuir escolaridade baixa para a sua idade (19 anos na 4ª série) tais limitações físicas impossibilitavam sua inscrição na grande maioria dos cursos profissionalizantes oferecidos na instituição como mecânica, informática e padaria. Sendo assim, desde o seu retorno ao POD e durante todo o ano de 2013, Xirú permaneceu participando das atividades socioeducativas, sendo elas as oficinas de cidadania (rodas de conversa, apresentação de filmes), oficinas de artesanato, algumas atividades físicas, grupo terapêutico e passeios mensais. Mas para além deste conjunto de atividades, o que mais seria possível visto que Xirú, ao mesmo tempo em que

aparentemente “*não aderia bem aos encaminhamentos*” e apresentava um “*comportamento problemático*”, cobrava ações da equipe? A materialização de seu retorno ao ensino regular, simultâneo a minha entrada no POD, representou a abertura de um novo campo de possibilidades para a equipe e para o jovem. Por outro lado, isto não reduzia os conflitos do cotidiano. Não foram poucas às vezes em que Xirú assumia posturas conflitivas contra membros do POD ameaçando abandonar a escola e o programa para reingressar no crime.

“No dia seguinte da realização de nosso passeio mensal, atividade em que assistimos a um filme no cinema público da UFRGS, enquanto eu ainda digería junto à equipe a emoção de circular com o grupo de jovens pelo centro da cidade e pensava nos incidentes que marcaram o evento, sobretudo o desmaio de Xirú na Avenida Salgado Filho, o grupo de educandos se apresenta para mais um dia de atividades. No cardápio de hoje teríamos a oficina de musicalização. Enquanto alguns jovens falavam sobre a abordagem policial que receberam na Redenção, parque localizado ao lado do campus da universidade, percebi que Xirú estava aparentemente irritado e batia com força no pandeiro que mantinha sobre as pernas. Isso até Valéria, psicóloga do POD, pedir para que ele maneirasse um pouco na força para não estragar o instrumento. Neste instante Xirú olha para ela e dispara de forma ríspida “Vai se fudê Dona”. Todos ali ficam surpresos. Imediatamente os demais jovens repreendem a postura de desrespeito de Xirú frente a uma “Dona do POD”. Neste momento me volto para ele e também o critico pela atitude. Ele se vira para mim e provoca “E qual é a tua Seu?”. Com um alto grau de confiança e ousadia (sustentado a partir da aproximação que tivemos no intenso e produtivo dia anterior) viro o rosto para o outro lado deixando apenas a mão direita que sinaliza um gesto amplamente utilizado pelos jovens quando se desinteressam por um assunto, o “Fala com o Batman”. Xirú revoltado com o gesto, arremessa o instrumento no chão, se levanta, cata uma pedra e apontando pra mim esbraveja “Vai te fudê filho da puta!”. Enquanto tentava mostrar uma falsa tranquilidade pensava “É agora que vou tomar uma pedrada na cara...”. Ele continuava, “Vou te quebrar seu arrombado!”. Pra minha sorte os demais jovens conseguiram acalmá-lo e o convenceram a soltar a pedra. A oficina foi encerrada sem ao menos ter começado. Voltei para a sala de atividades com o grande grupo enquanto Valéria permaneceu no pátio com Xirú dando início a um atendimento individual. Ainda

preocupado com a reação do jovem pensei que a frágil relação que havíamos construído ao longo dos últimos três meses poderia ter acabado ali. Conversando com Motta durante o almoço ele referiu que incidentes como este eventualmente aconteciam, que os altos e baixos da relação faziam parte do jogo de convívio com os guris. Segundo ele, a postura tranquila que mantive associada ao fato de não tê-lo caguetado junto a coordenadora do programa provavelmente me legitimaria junto a ele e aos outros jovens. Aquele acontecimento serviria como uma espécie de teste e poderia no futuro até mesmo fortalecer nossa relação.” (Diário de Vida 04-08-13).

Felizmente foi isso que aconteceu. Passados alguns dias Xirú já havia se reaproximado pedindo desculpas pela ameaça e exigindo que eu não tirasse mais “onda” com sua cara na frente dos guris. Este acontecimento se estabeleceu como um marco no fortalecimento da nossa relação (passo central na produção desta dissertação) e somado a tantos outros produziu uma profunda transformação na maneira como eu até então entendia a participação de Xirú no POD. Acreditei que estabelecer uma relação de composição e de aliança abriria mais possibilidades para o desenvolvimento do processo socioeducativo e da pesquisa em curso, o que levou a direcionar meu olhar para a agência de Xirú, seus desejos e o complexo campo de forças que o cerca.

Xirú habitava o POD de forma diferente. Ainda que de maneira conturbada e por vezes até conflitiva ele permanecia como o jovem mais frequente no programa. Sua presença era tão constante que até mesmo nos dias em que não havia atividades ele se fazia presente. Nessas oportunidades exercitávamos o diálogo, realizávamos temas escolares e atividades experimentais. O tom da relação permitiu que suas narrativas saíssem do lugar comum reproduzido pela maioria dos adolescentes.

“Como de costume no início de todas as tardes eu procurava organizar as listas de chamada do dia anterior rastreando aqueles educandos que a pelo menos 3 dias não compareciam ao POD. Com os nomes e contatos em mãos iniciei as ligações por um jovem que havia sido inscrito no POD ainda no início daquela semana. Mal conhecemos “Giletinho”. Em seu primeiro (e único) dia no programa chamou a atenção por sua aparência e postura. Oriundo do CSE (Unidade reservada para jovens adultos de perfil “agravado”), tinha 20 anos de idade, era branco e cursava o ensino médio, aspectos que já o diferenciavam do grande grupo de adolescentes que naquela

momento participavam do acompanhamento. Extremamente educado, demonstrou interesse em participar do curso de mecânica automotiva pelo turno da manhã, trabalharia com familiares no turno da tarde e daria sequência aos estudos à noite. Realizou acolhimento com os psicólogos, foi apresentado aos demais jovens e participou do final da oficina de artesanato. Após a distribuição do lanche se despediu e partiu com os novos colegas rumo ao centro. Pois bem, realizei a ligação para “Giletinho” e fui informado pela irmã do jovem que ele havia sido assassinado na noite anterior dentro de sua casa com três “balas na cara...”. No dia seguinte em conversa com Xirú comuniquei o incidente deixando-o em estado de choque. “Eu podia ter morrido junto Seu...”, disse. “Como assim, tu era cupinxa dele? Tu nem mora no mesmo bairro...”, questionei. “O Seu, o Giletinho me chamou para assumir uma boca pra ele lá na Vila que ele mora... Como eu tô sempre caído eu disse que ia lá ver qual era... Olha pra mim Seu... Deficiente... Quem vai me dar um emprego? E não foi só com ele... Todo dia quando saio de casa me chamam de volta... Eles sabem que minha vida foi o crime... Eu preciso fazer alguma coisa rápido... Tô me envenenando de novo...”. (Diário de Vida 06-12-13)



No POD. Acerto Pessoal.

Como equipe de trabalho não tínhamos noção da complexidade das situações que Xirú (e Giletinho) enfrentava. A reorganização de sua existência era marcada por uma profunda sensação de imprevisibilidade. Em diferentes momentos de um mesmo dia afirmava, *“Quero fazer um curso, estudar e trabalhar”*, logo depois, quando se deparava com a tensão provocada por alguma regra ou burocracia institucional reagia, *“Eu sou o crime Seu...”*. Em períodos de instabilidades mais evidentes o programa assumia maior importância em seu cotidiano. Enquanto muitos jovens desistiam do acompanhamento, outros eram assassinados e alguns novamente presos, Xirú permanecia vivendo o POD ao seu modo.

“... Após nos despedirmos do padre, enquanto caminhamos em direção à sala de atividades do POD, percebo a chegada de Lincoln e Nainho, velhos conhecidos de Xirú que recentemente foram integrados ao programa. Entre abraços e cumprimentos uma atração incomum os aproximava. Os três juntos eram insuperáveis. Companheiros nos “bretes” da FASE e nas ruas de Porto Alegre se encontravam agora no POD. Juntos falavam sobre seus “corres” no crime, das fugas e dos confrontos com a polícia, dos períodos de internação. O corpo de Xirú vibrava ao recuperar estas lembranças. Em meio a isto eu escutava tudo sem conseguir interagir. Por outro lado, dificilmente a atividade proposta para aquele dia produziria um efeito tão profundo e intenso quanto o diálogo daquele encontro. Com o tempo percebi a importância de dar abertura para que estes momentos tivessem espaço no cotidiano do trabalho. Ao produzir narrativas sobre sua vida no crime Xirú habitava um território de vida. Se assuntos relacionados ao tráfico tomavam a atenção dos jovens em meio a tantas discussões menos interessantes, era justamente sobre isto que precisávamos falar. Assim passamos a manhã. Ao sair da sala de atividades Xirú fez questão de ir até a sala da equipe pegar seu “cartão de papel” e assinar a lista de chamada. Fomos andando até o refeitório parando antes no curso de costura para retirar a sua mochila. Ele agradeceu a professora e antes de sair disse, “Muito obrigado Dona! Amanhã posso trazer umas calças pra senhora fazer uma bainha?”. Me intrometi dizendo, “Não vamos abusar da professora”. Ela arrematou, “Não tem problema, eu costumo fazer esses servicinhos pros funcionários e nunca cobro nada...”. “Viu só Seu, tá sereno, fica de boa”, concluiu Xirú. Subimos em direção ao refeitório. Eu Nainho e Lincoln entrando pela porta de entrada do espaço e Xirú pela de saída. Àquela hora o salão se encontrava

completamente vazio, apenas as cozinheiras corriam para organizar o almoço da centena de funcionários que ali comeriam. Enquanto fizemos toda a volta no prédio até a entrada, Xirú já estava parado à porta da cozinha conversando com as funcionárias, todas elas com idade por volta de 35, 40 anos. Riam enquanto ele fazia os convites mais inusitados. Convidava-as para ir num bailão, para irem à praia no fim de semana, para jantar um dia em suas casas. Parei ao lado de Xirú, fiz um rápido sinal para elas e fui para a mesa de sempre, bem ao fundo. Xirú serve o prato, repousa a bandeja sobre a mesa e senta na minha frente, ao lado de Nainho. Antes de começar a comer me alcança um pequeno pote reservado para a sopa com um ovo cozido. “Peguei uma semente pra ti Seu”. Xirú criou o hábito de dar um ovo cozido para Guilherme o antigo educador do POD pelo fato deste ser vegetariano. Com a demissão do colega a prática se estendeu a mim. Quando se deu por satisfeito levou a bandeja até a mesa onde eram recolhidas. Enquanto se despedia das meninas da cozinha uma delas se aproximou e lhe alcançou uma nota de 10 reais acompanhada de dois cigarros avulsos. Ele falou, “Semana que vem tá na mão Dona. Valeu mesmo”. Ela piscou e retornou para a cozinha. Saímos os quatro andando pelo pátio enquanto ele comemorava o empréstimo do dinheiro. Passou pelo porteiro, acendeu um cigarro e disse, “Viu a humildade Seu?”. (Diário de Vida 02-12-13)

CAPÍTULO 2: “Seu, eu pareço uma vítima?”

No final de 2013 Xirú recebeu a notícia de que foi aprovado na escola. Passou de ano. Ao saber da novidade foi até o POD nos informar de sua mais recente conquista. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Chico Mendes havia se transformado ao longo deste ano num importante espaço de convivência e circulação para o jovem dentro de sua comunidade. Xirú passou a mobilizar grande parte de sua rotina em torno de atividades ligadas ao universo escolar. *“Escola de favela é sereno pro cara estudar, não tem playboy... Mas no começo fiquei com vergonha porque tu encontra todo mundo que mora na Vila... De tarde eu dou uma descansada, tomo um banho, pego o tênis do meu irmão emprestado e vou na aula... Preciso me arrumar pra ver as gurias Seu... Lá na Chico Mendes tem professores e uns colegas que me ajudam a copiar a matéria, deixam eu sentar bem na frente para enxergar melhor o quadro, lá eu também janto e depois tem lanche no intervalo... O rango é muito bom Seu... Quando salto de cena e vou pra casa encontro os guris na “boca”, troco uma ideia com eles e depois sigo...”*

No período das férias escolares a equipe do POD propôs um novo desafio para Xirú, tratava-se da possibilidade de participar de um curso de verão organizado especialmente para os educandos que permanecessem vinculados ao programa no período do ano em que muitos jovens se desligavam. A equipe acreditava que as aulas dos cursos de verão, sendo elas de padaria e mecânica, serviriam como um laboratório para uma futura inclusão dos jovens nos cursos de longa duração desenvolvidos durante o ano letivo. O curso de padaria escolhido por Xirú seria dividido em 8 encontros práticos e contaria com apenas mais um colega matriculado. Acreditava-se que a educadora responsável pela atividade teria condições de desenvolver o trabalho com relativa tranquilidade, o que não dispensaria a presença permanente de um educador do POD ao seu lado, sendo esta uma das condições impostas pela coordenação pedagógica da instituição para qualquer atividade que envolvesse jovens *“egressos da FASE”*. Sabendo que as restrições físicas de Xirú o impediam de realizar determinados movimentos, Vera, a educadora, permanecia ao seu lado oferecendo suporte e participando das brincadeiras. *“Ô Dona! Só tô fazendo esse curso de padaria*

pra poder comer as coisas no final...” dizia ele. *“Olha só meu querido... Se tu sair daqui conseguindo fazer um bolinho ou se conseguir ensinar alguém a fazer um pra ti, pode comer o que tu quiser”*, respondia Vera. Entrando no jogo provocava a participação do jovem.



Atividade do Curso de Verão de Padaria. Janeiro de 2014. Acervo Pessoal

No dia 17 de fevereiro Xirú completava mais um ano de vida. Sabendo disto decidimos em equipe presentear-lo com um kit de materiais escolares já projetando o início do ano letivo. Muitos abraços e mensagens de estímulo foram distribuídos neste dia, brindamos com refrigerante e comemos um bolo feito por Xirú sem saber que seria para o seu próprio aniversário. Pequenas celebrações como esta assumiam uma profunda importância nos processos de sensibilização que construíam e animavam o cotidiano da política pública. Passados alguns dias de seu aniversário outros

acontecimentos marcantes mobilizam a atenção da equipe, dos demais educandos e especialmente de Xirú, sobretudo no que se refere aos fluxos internos do POD.

Num primeiro plano, com o final das aulas dos cursos de verão, houve o interesse da instituição e da coordenação geral do POD, programa vinculado a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em realizar uma formatura para todos os educandos participantes das atividades de verão. Nesta oportunidade recebemos autoridades do judiciário, representantes do governo estadual e os familiares de alguns jovens. Com tamanha diversidade de agentes eram visíveis os diferentes interesses em cena. Enquanto os diretores da instituição e os componentes da equipe buscavam dar visibilidade ao trabalho desenvolvido, os representantes da Secretaria e do Judiciário tentavam entender como o dinheiro era investido. Em meio a movimentos institucionais Xirú tinha o seu próprio movimento, andava com a dignidade de quem iria receber o primeiro diploma da vida. Vestia uma camisa polo azul emprestada, calça jeans escuro e tênis, havia passado gel no cabelo que acabara de cortar com o dinheiro do apoio financeiro. Marcada pela simplicidade, a cerimônia seguiu a risca o protocolo das formaturas tradicionais. As falas oficiais foram seguidas pela entrada dos 10 formandos acompanhados de seus educadores. Chamados um a um, cada adolescente recebeu o tão esperado documento das mãos da coordenadora pedagógica da instituição. Muitas fotos, cumprimentos e felicitações.

É evidente que aquela cerimônia não teve o mesmo sentido para todos os jovens. Parte dos que ali estavam não chegaram a participar de 2 aulas de um dos cursos e nem mesmo sabiam da realização da formatura. Nenhum daqueles meninos receberia uma oportunidade de trabalho a partir da apresentação daquele diploma. Menos ainda em função do que aprenderam em aula. Talvez isso ajude a explicar a quantidade de diplomas esquecidos sobre as cadeiras ao final da cerimônia. Mas, ao mesmo tempo, desejos se constituíam nestes encontros. Linhas de vida ganhavam revestimentos. Xirú carregava com orgulho o papel que não cabia em seu bolso. *“Tu guarda pra mim Seu? Não quero amassar”*.



Formatura do Curso de Verão de Padaria. Fevereiro de 2014. Acervo Pessoal.

Na semana seguinte, em plena segunda feira, Xirú informou a todos do POD que, por possuir escolaridade suficiente, seu maior desejo a partir de agora era participar do curso de iniciação profissional em padaria. Nesta modalidade os desafios seriam outros, aulas no turno da manhã, conteúdo teórico, avaliações e uma turma composta por mais 15 adolescentes muito mais jovens que ele. Neste período Xirú ingressou numa rotina de compromissos extremamente agitada, acordava por volta das 5 da manhã, atravessava a cidade em direção ao POD onde participava do curso, almoçava na instituição, permanecia à tarde para realizar temas escolares, saia dali diretamente para a sessão de fisioterapia na região central e depois para a aula na zona norte. Durante o primeiro mês de atividades referiu seu atual momento da seguinte forma, *“Nunca estive tão feliz na minha vida Seu... Está tudo dando certo. Ano passado eu só patifava...”*.

No entanto, com o andamento do curso, pequenos incidentes cotidianos envolvendo Xirú colocavam sob suspeita os aspectos positivos da sua convivência com os demais educandos. Segundo ele haviam colegas que riam de seu jeito de ser, falavam pelas suas costas e o excluía das atividades da turma. A coordenadora

pedagógica, por outro lado, afirmava que Xirú apresentava um comportamento inadequado para um ambiente de aprendizagem. Reforçava que ele deveria rever algumas atitudes e não fazer referência a determinados assuntos em sala de aula, referindo-se, sobretudo, ao “consumo de drogas” e as “experiências no crime”. O jovem protestava, “*Quem eles acham que eu sou Seu? Não sou criança não! Sou vagabundo... Quando tiram onda de mim eu não aceito mesmo...*”. Referências ao consumo de maconha faziam parte do cotidiano temático dos jovens que circulavam pela instituição, isto não era exclusividade dos “*guris do POD*”. O consumo no trajeto até a parada de ônibus também não. No entanto, eram evidentes as dificuldades da instituição executora do POD em abordar a questão de forma aberta com os educandos dos diferentes projetos. Argumentos morais e referências religiosas eram acionadas quando o tabu se impunha ao cotidiano. Neste cenário os “*guris do POD*” e, especialmente Xirú, levantavam as suspeitas sobre a possível circulação de maconha dentro e nos arredores da instituição. Não que isto não acontecesse. Por vezes acontecia. Xirú inclusive sabia quem fazia, mas jamais entregaria.

Os temas e a Vida

“Aí Seu, hoje eu tava precisando de apoio pra fazer um tema de Geografia, o senhor me ajuda?”. Neste dia fizemos o tema sobre Guerra Fria e Imigrações. Sobre pessoas que abandonam seus países em razão de conflitos. Xirú havia voltado a estudar alguns meses antes. Também ele havia sobrevivido a uma guerra. O interesse demonstrado na realização de um tema escolar me fez descartar imediatamente a atividade planejada. Caderno, lista de exercícios e estojo em mãos. Comuniquei aos colegas da equipe que faria temas com Xirú na sala de atendimentos. O menino carregava seus materiais com orgulho. Entramos, fechei a porta e nos sentamos. Abriu o caderno. A primeira página continha uma série de mensagens de carinho escritas por todos os componentes da equipe do POD. Leu cada recado atentamente. O caderno bem desgastado, assim como a mochila agora rasgada foram os presentes de aniversário recebidos por Xirú de parte da equipe do programa no início do ano. Folheu as páginas. Cada uma correspondia a uma matéria e uma aula diferente. No final do

caderno encontrou todas as folhas dobradas. Ali estava o tema de Geografia. Abriu a folha que continha 1 texto e 3 perguntas. Disse a ele, “Xirú, primeiro precisamos ler o texto para responder as 3 questões...”. Ele dispôs a folha sobre a mesa projetando a cabeça para frente, quase encostando o rosto. Iniciou a leitura com dificuldade, perguntando o significado das palavras que desconhecia. Avançou por dois parágrafos e parou. O lápis entre os dedos batia na mesa enquanto olhava distraidamente para a parede. “Vamos voltar?”, perguntei. Respondeu com um grande bocejo e voltou ao texto. O esforço dedicado à leitura mobiliza um arranjo de todo o seu corpo. Disse, “Seu, acho que não estou entendendo nada...”. “Calma cara, vamos até o final...”. Palavras escapavam da sua boca, “Muro de Berlim”, “Socialismo”, “Capitalismo”... Ele seguiu até o fim e disse “Bah Seu, já fiquei muito cansado”. Agora vamos às perguntas. Com o caderno aberto, pôs a data numa folha em branco e escreveu na parte superior “Tema de Geografia”. Percebi que de seu olho direito uma lágrima escorria. “Tá emocionado que acabou o texto?”, perguntei brincando. “Capaz Seu! Esse olho sempre escorre”. E sempre escorre mesmo, aparentemente nada de especial. Li a primeira pergunta, “Explique o que foi a Guerra Fria?”. De pronto ele respondeu “Não sei...”. “Calma meu, agora nós vamos consultar o texto e responder com base ali, não vamos inventar nada”. Mas acabamos inventando. Identificamos a passagem do texto que tratava deste ponto e disse a Xirú para lê-la novamente. Ele repetiu, “Não entendi nada de novo... EUA, URSS...”. Tentei costurar algo, “Olha Xirú, quando acabou a Segunda Guerra os Estados Unidos e a União Soviética eram os países mais poderosos do mundo. Aí os dois disputavam para ver quem ia ter o controle de tudo. Eles competiam para ver quem tinha mais tecnologia e armamentos, só que de fato eles nunca foram pra guerra de verdade, por isso Guerra Fria”. Ele refletiu, “Por isso que era Guerra Fria Seu? Quer dizer que ele só se “cachorriavam” com as armas! Só ostentavam as armas!? Lá na minha Vila é diferente Seu, lá na minha Vila a Guerra é Quente! Não tem essa de só ficar mostrando, os caras vão pra cima mesmo! É bala! Por isso que tem um monte de gente morrendo por lá...” Além de mostrar que entendeu o conteúdo, conseguiu fazer uma relação profunda deste com o lugar onde mora. Escreveu as respostas (a oficial e a inventada). Respondeu mais uma questão sobre fluxos migratórios e antes que iniciasse a terceira disse, “Ô Seu, tá na mão de fumar um cigarrinho lá na rua?”. Ao longo dos temas que já havíamos realizado, fui percebendo que aqueles momentos de

estudo deveriam se tornar mais prazerosos. Xirú apresentava limitações que eu estava disposta a entender. Uma delas dizia respeito às constantes pausas para descansar e fumar. Depois de utilizar todo o tipo de substâncias ao longo de sua vida pedia apenas o seu cigarro. No entanto, justificar isto junto a alguns colegas da equipe não era uma opção. As regras eram claras. Tentar justificar esta regra para o sujeito que melhor a conhecia não fazia muito sentido. Ao mesmo tempo, se eu autorizasse estaria me expondo profissionalmente. Ele prosseguiu, “Ô Seu, sempre quando eu dou uma sumida eu vou lá na rua e fumo um crivo bem sereno...”. “Mas como Xirú? Os educandos não tem autorização para sair...”, eu disse. “Para Seu, o porteiro já me conhece a tempo, ele sempre deixa eu ir... Tô cometendo um crime? Então?”. Perguntou mais uma vez e sem obter resposta foi. Lembrei de tantas oportunidades em que retardei o seu cigarro e o quanto isto foi decisivo para que a atividade fosse por água abaixo. Xirú tinha 20 anos de idade, já passou por inúmeras batalhas na vida, foi o único educando que compareceu no turno e ainda estava disposto a estudar... Eu precisava bancar essa postura junto à equipe. Minutos depois ele retornou, sentou e respondeu a última questão de seu tema. Concluimos a atividade.

Ao final deste dia Xirú acabou discutindo intensamente com duas colegas da equipe. O jovem parecia mais irritado nestes últimos tempos. Recentemente sua mãe se mudou para outra região da zona norte. Mesmo discordando das novas condições de moradia Xirú acompanhou sua família. Este período de instabilidade provocou debates dentro do programa. Entendíamos que o ritmo do jovem era diferente dos demais e que a quantidade de compromissos diários poderiam estar sobrecarregando-o. Curso, tema, fisioterapia, escola, mudança. Além disto, o olho direito de Xirú dava sinais de desgaste... (Diários de Vida 15-07-14).

As Formaturas e a Vida

Era segunda-feira e estávamos na semana de formatura do curso de iniciação profissional em padaria. Em menos de seis meses esta seria a segunda formatura de Xirú. Enquanto organizávamos os preparativos da cerimônia o telefone toca. É Xirú na linha. Maria repete em voz alta as informações do jovem. “Estou praticamente cego...

Aqui no centro... Tentando pegar um ônibus... Esperando alguém me ajudar...". Falas fragmentadas. Rapidamente decidimos que eu me deslocaria até o terminal de ônibus do camelódromo para acompanhar o jovem até o hospital Banco de Olhos. Chegando ao local combinado avistei Xirú parado dentro da cabine de um telefone público. Por alguns instantes permaneci imóvel à sua frente. Ele custou para me reconhecer. Aquela cena me deixou profundamente impactado. "É tu Seu?", perguntou. "Sim Xirú, aqui é o Seu Alexandre. Me conta o que aconteceu contigo". Ele descreveu a situação, "No sábado saí de casa para comprar cigarro no posto de gasolina, quando cheguei na (avenida) Manoel Elias comecei a ficar cego até não enxergar mais nada Seu... Senti que meu olho tava ficando ruim, mas daí ele apagou total... Não conseguia voltar pra casa e nem atravessar a rua pra ir no posto. Fiquei andando na calçada esperando alguém me ajudar até que veio um cara, colou em mim e começou a perguntar qual que era do meu tênis... O cara queria me roubar Seu! Aí dei a real pra ele! "Ô meu, aqui ó, fui vagabundo a vida toda, tudo que tu tá fazendo aí eu já fiz, até que tomei um tiro na cabeça e não morri... Não vêm na minha então..." O rapaz teria ouvido e respondeu, "Deixa quieto..." e foi embora. Fiquei mais um tempo parado até que um vizinho me achou e me levou pra casa. Domingo de manhã fui com a minha mãe na emergência do hospital de Clínicas... Lá disseram que eu tinha menos de 20% da visão do olho direito, mais nada... Falaram para ir no Banco de Olhos para fazer um tratamento..."

Partimos do camelódromo em direção ao hospital especializado no tratamento oftalmológico. Durante a consulta Xirú foi informado de que havia uma lesão na córnea do olho direito e que deveria utilizar três colírios diferentes durante duas semanas para não correr o risco de perder completamente a visão. Os medicamentos custavam juntos 120,00 reais e não eram distribuídos pela rede pública de saúde. Felizmente a residente de plantão possuía algumas amostras grátis dos três, o que garantiria o uso na primeira semana. Xirú estava muito feliz ao sair da consulta com os remédios em mãos. Àquela altura já enxergava melhor em função do colírio utilizado na realização do exame. Apenas a formatura no dia seguinte o deixava preocupado. Como iria até o POD? Como receberia seu diploma? Que roupa iria usar?

No início da tarde de terça-feira nos encontramos novamente no terminal do camelódromo. Conduzi Xirú pelo braço durante todo o percurso no centro. Ele perguntava insistentemente, "Será que vamos chegar na hora? Será que a minha mãe

vai me ver? Será que a Dona Rose (enfermeira da FASE) vai lá? Será que o Fabiano (porteiro da instituição) vai levar a camisa preta de botão pra mim?”. Uma ansiedade profunda havia tomado aquele corpo. Já no segundo ônibus, a caminho da zona sul, encontramos Valéria e Guilherme, igualmente ansiosos para saber do estado de sua visão. Xirú respondia “Não vejo quase nada Dona, quando coloco o colírio melhora, mas depois só vejo vultos...”. Subimos a rua da instituição e Xirú esbravejava, “Minha vida é um inferno Dona... Se eu ficar cego eu juro que vou me matar... Não vou aguentar viver assim... Da vontade de desistir de tudo... Nenhuma das pessoas que convidei vão vir aqui...”. A esta altura já estávamos mais nervosos do que ele. Ao passarmos pela portaria Fabiano nos alcança a tão esperada camisa preta de botões. Fomos diretamente para o vestiário e Anderson, jovem que nos últimos meses se tornou um dos seus principais parceiros, nos acompanhou ajudando Xirú a se vestir. Saímos de lá com a seguinte questão, quem irá acompanhar Xirú no momento de receber seu diploma? Chegando ao ginásio nos deparamos com uma grande estrutura montada, diferentemente da formatura realizada nos início do ano, esta mobilizaria educandos de todos os cursos e projetos. Enquanto decidíamos quem acompanharia Xirú durante a cerimônia, Mateus, seu colega de aula e formando, prontamente se disponibilizou para acompanhá-lo. Mateus é um rapaz de 21 anos de idade que possui limitação física nas pernas.

Sentado na plateia junto de Valéria e Guilherme consegui observar a chegada de diferentes profissionais que trabalharam com Xirú ao longo de sua circulação institucional. Eram educadores do Programa Ação Rua e de sua primeira passagem pelo POD, agentes socioeducadores da Unidade POA 1 da FASE acompanhados de 3 adolescentes em cumprimento de medida e, Dona Rose, a enfermeira que o cuidou na FASE após o tiro. Todos ali, por ele. Início da cerimônia.

“Solicitamos a entrada dos formandos do Curso de Iniciação Profissional em Padaria”. Ao fundo toca a música selecionada pela turma. “Todos os dias quando acordo, não tenho mais, o tempo que passou, mas tenho muito tempo, temos todo o tempo do mundo, todos os dias, antes de dormir, lembro e esqueço, como foi o dia, sempre em frente, não temos tempo a perder, nosso suor sagrado, é bem mais belo que esse sangue amargo, e tão sério, e selvagem...”.



Formatura do Curso de Padaria. Julho de 2014. Acerto Pessoal.

A intensidade daquele momento produziu emoção em todos os presentes. Mateus anda com dificuldade e leva Xirú até a mesa onde os diplomas são entregues. Ele recebe seu certificado e retorna passando em frente ao público que se encontra nas arquibancadas. Meninos do curso de marcenaria entoam gritos de “Xirú” a plenos pulmões. Muitos ali já conheciam a história do jovem que havia se transformado num dos personagens mais carismáticos da instituição. Fim de festa. Xirú é cercado por todos os convidados. Parecia perdido em meio a tantos abraços. Não reconhecia as pessoas que se aproximavam. Ganhou muitos presentes. Camisetas, chocolates e um perfume. Os agentes da FASE o apresentavam como um exemplo para os meninos que cumpriam medida socioeducativa. Xirú foi transformado no grande protagonista do evento. Protagonista que não havia jantado, que não tinha como voltar para casa e nem dinheiro para comprar medicamentos na semana seguinte.

Passada a formatura Xirú recebeu uma semana de atestado médico. No entanto, no terceiro dia de repouso retornou para o POD querendo continuar o curso. Neste período havia recebido seu BPC (Benefício de Prestação Continuada), se apresentou bem arrumado, de cabelo cortado, mochila nova e usando óculos escuros comprado no camelô para a proteção do olho lesionado. “Quero muito voltar a trabalhar na padaria Seu...”, dizia. Para surpresa de todos informou que havia passado de ano novamente! Rumo ao último semestre no ensino fundamental. Com o boletim

em mãos disse, “Vou continuar estudando! Se eu acabar o Fundamental vou encarar o Médio Seu... Aí vai ser em outra escola, vou conhecer umas pinta diferente”. Além disto, neste dia mais uma importante ação executada pelo programa ganhou materialidade, Xirú foi comunicado que havia sido selecionado para receber uma bolsa do Programa Jovem Aprendiz podendo assim dar continuidade a sua formação em padaria de forma remunerada. Tendo em vista o término do pagamento das parcelas do benefício concedido pelo POD, a bolsa do Jovem Aprendiz daria um importante acréscimo ao salário mínimo que o jovem recebia através da previdência social (BPC). Ainda com o olho “por um fio”, disse, “Ô Seu, na real eu não tô acostumado com tanta coisa boa assim... Até vou embora mais cedo hoje, vou passar na igreja pra agradecer, só tenho que queimar um baseado antes...”.

Ao longo do semestre desfilava pelo pátio da instituição com sua toca e jaleco brancos. Fazia provas. Notas boas, notas ruins. Conhecia todos os tipos de fermentos e seus processos. Tinha dificuldades em realizar grande parte das tarefas manuais. Desanimava. Recebeu o primeiro pagamento. Comprou um tênis da Nike e uma camiseta do Barcelona. Dividiu o aluguel com sua mãe. Pagou suas contas.

Seu olho piorou algumas vezes. Voltávamos ao hospital. Tratamentos paliativos eram ineficientes. Xirú solicitava a presença de algum técnico ou educador durante as consultas médicas. Segundo ele, “Quando eu vou no hospital sozinho eu não entendo nada do que o médico fala... Quando eu falo acho que ele também não entende... Saio de lá sem saber direito o que tenho que fazer...”. Redistribuíamos as atividades semanais da equipe de modo a não comprometer o acompanhamento dos outros adolescentes. Avaliávamos que naquelas circunstâncias Xirú necessitava de um olhar mais próximo. A partir do momento em que a equipe me destacou como responsável pelos encaminhamentos do jovem tive a oportunidade de acompanhá-lo por estes trânsitos nas instituições de saúde.

A quantidade de fichas distribuídas diariamente nos obrigava a chegar cedo ao hospital. Enquanto aguardamos atendimento havia uma intensa movimentação numa porta lateral. Por ela entram dois agentes penitenciários fortemente armados. Logo atrás um jovem algemado anda com a cabeça baixa. Ele é conduzido por um terceiro agente que mantém uma das mãos sobre sua pistola. O efeito daquela presença foi imediato. A tensão do ambiente se manifesta nos corpos das pessoas. Olhares de medo

apontam para um sujeito perigoso. Xirú observa a cena e diz em voz baixa, “Ô Seu, já passei por isso... Entrar algemado no hospital... As pessoas te olham com medo...”. A escolta leva o rapaz até o ambulatório. Entram. Alguns minutos se passam e o nome de Xirú é anunciado no alto-falante. Também entramos. A enfermeira pede para que aguardemos na sala de espera ao fundo do corredor. Sentamos nos dois únicos bancos disponíveis. Ao nosso lado, e por isso os bancos vagos, o rapaz algemado permanece em pé com o rosto virado para a parede. Sua respiração acusa a dor de um olho infeccionado. Xirú sabe que não pode falar com o sujeito. Vontade não lhe falta. “Isso não é vida Seu... É muita humilhação...”, afirma. “E como tu se sente vendo isso?”, pergunto. “Sinto que tô melhor hoje... Mais tranquilo, não tô no veneno do crime... Consigo andar de cabeça erguida na rua...”.

O ano letivo se aproxima do fim e a família de Xirú recebe uma ordem de despejo. A decisão de sua mãe em se deslocar para a zona sul da cidade com os irmãos menores determina que ele procure um novo espaço para morar. “Eu não vou me mudar pra lá Seu... Eu tô quase me formando agora... A minha Vila é aqui... Eu não sei como é o crime de lá... Aqui eu conheço todo mundo e todo mundo me conhece...”. Nesse delicado período Xirú passa a morar na casa de um amigo envolvido com o comércio local de drogas. Ele afirma que não há perigo em permanecer naquele espaço... Armas e drogas ficam distribuídas em outras casas na região. Sua decisão preocupa. A equipe se disponibiliza em procurar uma peça para que ele possa permanecer até o término do ano letivo. “O cara é meu amigo de infância Seu... Vai me cobrar 250 por mês e vai me ajudar na comida... Vou lá só dormir mesmo...”.

Com naturalidade Xirú interrompe repentinamente sua narrativa e vibra ao recordar do último passeio organizado pela escola. “Ô Seu, preciso te contar... Minha turma conheceu os Territórios Negros de Porto Alegre com um ônibus da prefeitura. Chegamos no Quilombo do Areal da Baronesa e entramos na casa do Barão, fomos na Praça do Tambor onde os escravos eram enforcados e depois no Mercado Público onde ficam as Sete Chaves do Bará... Eu ia lá quando morava na rua e pegada as moedas que as pessoas deixavam de oferenda no chão... Dessa vez eu deixei uma moeda pra ele...”.

Passadas as avaliações finais haveria uma nova formatura. Xirú concluía o ensino fundamental e estava decidido a continuar seus estudos. O processo de vida em

curso havia produzido um estudante. Um devir-estudante. A direção da Chico Mendes encaminhou sua matrícula para a Escola Estadual Anne Frank localizada no tradicional bairro Bom Fim, área central da cidade. Bairro de Playboy, Parque da Redenção, Auditório Araújo Vianna, Sala de Recursos, Dona Alexandra, “Mãe” Gislaine e Anne Frank, estes seriam os elementos da vez na composição de uma nova experiência de vida. Xirú passa o natal e o ano novo junto de sua família. Recebe um convite para retornar e aceita. Momento preciso, pois o amigo acabaria sendo preso poucas semanas depois.

O início do ensino médio marcou também a criação de um novo espaço de estudo. Reinventamos nossos itinerários pela cidade. Criamos um anexo à escola. Sentados em frente ao Auditório Araújo Vianna respondíamos as questões de seu tema de Sociologia sobre o filme “12 Anos de Escravidão”. A nova matéria escolar o conquistava a cada encontro. Na impossibilidade de assistir ao filme me dispus a narrar o essencial da trama pra que Xirú pudesse anotar os pontos que acreditava serem interessantes. Ao fim da atividade somos surpreendidos por um morador de rua interessado em nossa discussão. Fala de sua trajetória, fuma um cigarro e desaparece. O Parque da Redenção é um grande campo de forças. Atrai os mais diversos tipos de sujeitos. O comerciante local de maconha nos observa à distância. Concluímos a lição e convido Xirú para comer um pastel antes da aula. Andávamos pela calçada quando Xirú fez a pergunta emblemática, “Seu, eu pareço uma vítima?”. “Como assim?”, perguntei. “Não sei Seu... É estranho... Tá tudo dando certo na minha vida... Acho que tô ficando parecido com os caras que eu assaltava antes... Andando bem vestido, estudando, trabalhando... Tô até num colégio de playboy... Eu tava morando dentro de uma boca e não me embolei com os caras!”. Antes mesmo de sua pergunta vir à tona minha compreensão investia, ainda que de modo intuitivo, no conjunto de transformações que o jovem experimentava. Para além das roupas seminovas que usava, presente recente da assistente social do POD, Xirú percebia naquele momento o profundo movimento operado por sua subjetividade, produzia assim uma importante reflexão em torno do que estava vivendo naquele período de acesso às políticas públicas. O afeto produzido em seu encontro com a escola tornou-se a força que impulsionava a transformação de sua experiência com o mundo. Xirú produzia variações de si.

CAPÍTULO 3 - “O governo tá me levando pro crime”

*“Ô Xirú! Tu não te anima em apresentar o POD pros guris novos que tão chegando aí? Falar um pouco da tua caminhada aqui dentro, dos cursos e atividades que tu já fez...”.
Convite aceito.*

Reunimos os três jovens recém inscritos na sala de atividades do programa. Além da tradicional recepção da equipe de trabalho haveria uma espécie de apresentação informal da política pública de acompanhamento e reinserção social. Muitos jovens chegavam ao POD sem saber exatamente o que esperar do programa e da instituição que os acolhia. Pensamos que uma apresentação vivida, a partir da experiência concreta de um jovem, poderia causar uma impressão positiva para aqueles que chegavam. Outra perspectiva. Não combinamos previamente o que Xirúalaria, acreditávamos que o momento especial que vivia na instituição poderia inspirar o seu discurso.

“O POD é sereno gurizada. Aqui as Donas e os Seus ajudam o cara a sair do crime, mas é pra quem quer né!? Tem que se ajudar também! Quem tá aqui tem uma oportunidade... Segura a vaga de alguém que podia entrar... Eu tô tentando essa caminhada aí... Já aprontei muito na vida... Aqui dentro também... Se eu disser que é fácil vô tá mentindo pra vocês... O cara fica com menos dinheiro... É difícil... Mas aqui pode fazer um curso, tem um apoio financeiro de um ano pra vocês, passagem, rango e os passeios que o pessoal organiza... Os Seus falam sobre os direitos do cara...”.

Ao final do discurso Xirú cumprimenta cada um dos jovens e sai da sala. O mais velho deles comenta, “Dá pra ver que esse bicho era muito loco e que agora tá se puxando...”. A preciosa contribuição de Xirú se repetiu em outras oportunidades. Este período ficou marcado como aquele em que mais se estreitaram as relações entre ele e a política pública. No entanto, dentro da instituição, para além do POD, permanecia uma certa dúvida em relação ao seu modo de vida. Diferentes visões sobre um mesmo sujeito. Habitava um “entre” de discursos e olhares que o posicionavam ora como “jovem recuperado”, ora como “eterno criminoso”.

A ambiguidade desta posição decretou um rompimento brutal.

Para surpresa da equipe passados alguns dias fomos chamados na direção da instituição para uma reunião extraordinária com os integrantes do Conselho Administrativo. Chegando lá sentamos num círculo e logo a situação foi exposta. Segundo a denúncia de um conselheiro, Xirú (que neste momento era chamado pelo seu nome) seria o líder de um grupo formado por outros educandos do POD que estaria comercializando drogas nos arredores da instituição. Como punição o jovem seria expulso, rompendo assim seu vínculo com o curso de padaria, com o programa Jovem Aprendiz e com o POD. A decisão já estava tomada. Fomos apenas comunicados. Pior, deveríamos comunicá-lo disto.

Reagimos naquele momento. Argumentamos que era uma denúncia extremamente grave, sem provas e que poderia trazer consequências terríveis para a reconstrução da trajetória de Xirú. Neste momento, o conselheiro afirmou ter visto repetidas vezes cenas em que os jovens consumiam/vendiam drogas e que Xirú seria o pivô do movimento.

Era de conhecimento geral na instituição que alguns adolescentes de diferentes projetos consumiam maconha num determinado ponto da rua sob uma árvore. Em relação a isto, alertávamos os jovens do POD que encontrassem um lugar mais protegido para realizar o consumo. Quanto a suspeita de uma possível comercialização dentro da instituição trabalhávamos com o grupo os problemas e riscos que esta prática poderia trazer aos envolvidos e que obviamente era proibida. Como se já não soubessem...

Dado o clima de tensão instaurado semanas antes e sabendo que dois jovens integrados recentemente ao grupo poderiam realmente estar envolvidos nesse “fluxo”, inclusive criando um ambiente de desconfiança quando questionados, perguntei a Xirú se ele participava do movimento ou se algum outro jovem de fato o fazia. Ele respondeu que ali dentro não rolava nada. Também não diria quem eventualmente fazia o “corre” na rua. Não seria ele o “cagueta”.

Neste contexto, a acusação do Conselho soou nos meus ouvidos como uma tremenda injustiça. Os dois psicólogos da equipe presentes na reunião demonstraram aos conselheiros de forma categórica o quanto aquela decisão se mostrava absolutamente arbitrária na medida em que não estabeleceu diálogo com a equipe do programa, não possuía critérios técnicos definidos e utilizava Xirú como o bode expiatório de uma

questão muito mais ampla. Afirmávamos que ele não era o responsável por aqueles acontecimentos. O Conselho permanecia irredutível quanto a sua exclusão. Afirmamos que continuaríamos acompanhando Xirú fora dali, na modalidade que nomeamos de acompanhamento externo. Movimento que não diminuiria a dramaticidade do quadro que se desenhava. Ele estaria excluído do curso de padaria, perderia a bolsa Jovem Aprendiz e não poderia mais entrar na instituição perdendo um importante espaço de referência em sua vida. Além disso, deveríamos informá-lo desta decisão protegendo aqueles que o acusavam, visto que, mediante este tipo de injustiça, retaliações seriam esperadas.

Passados alguns dias Xirú foi informado pelos psicólogos do POD que estava afastado das atividades dentro da instituição. A justificativa foi difusa, recaiu sobre o seu “comportamento”. Os colegas afirmaram que éramos todos contrários àquela medida e que mesmo assim fomos votos vencidos. A decisão teria vindo “de cima”. Mesmo sabendo que seu comportamento nunca foi exemplar, Xirú não compreendia o desfecho. Queria os nomes de quem o expulsara... Disse que mesmo não podendo mais participar do curso e perdendo a bolsa continuaria indo até a instituição para encontrar a equipe, seus “cupinxas” e almoçar. Assim o fez.

No dia seguinte Xirú se fazia presente. Enquanto apresentávamos o filme “Falcão: Meninos do Tráfico” para o grupo de educandos do POD, em meio ao caos produzido por alguns jovens que se recusavam a participar da atividade, Xirú circulava pelo pátio contando aos funcionários que encontrava pelo caminho o quanto havia sido injustiçado. Neste mesmo dia uma das colegas da equipe técnica do programa descobriu que o Conselho havia solicitado a presença de uma viatura da Brigada Militar para revistar os jovens dentro da instituição. Se colocando radicalmente contra aquela medida de criminalização fez com que os conselheiros recuassem em sua decisão. No entanto, o pedido de revista dos educandos do POD na rua seria mantido. Ao saber disto fomos até o refeitório onde apenas Xirú ainda almoçava. Sem hesitar o informamos que naquele dia haveria uma abordagem policial na rua e que ele seria um dos alvos. Xirú afirmou com tranquilidade que estava com a “consciência limpa”. Perguntou ainda se estaria em pé nosso compromisso em procurar alguma vaga de estágio no centro da cidade pelo turno da tarde. Almoçou e partiu.

Passadas algumas horas Xirú não apareceu em nosso ponto de encontro.

Em meio a multidão de pessoas circulando na Avenida Borges de Medeiros avistei dois meninos que haviam participado da atividade do POD no turno da manhã. Disseram que viram Xirú sendo abordado pela Brigada Militar junto de Erwin e Edson no trajeto até a parada de ônibus. Não pararam para ver o desfecho com receio de serem também abordados. Fiquei extremamente preocupado com o que poderia ter acontecido e dali me desloquei até a escola Anne Frank. Não acontecendo algo pior Xirú certamente iria à aula no final da tarde. Aguardei por mais de uma hora na porta da escola até perceber a sua aproximação. Ao me avistar de longe grita, “Qual vai ser Seu?!”. Aparentemente estava bem. Disse que fiquei preocupado com o incidente envolvendo a polícia. Ele me interrompe e diz... “Ô Seu, os brigadianos desceram armados de fuzil para revistar a gente, eles queriam saber quem era o “manquinho” que estava traficando na (rua) Aracajú e disseram que foi o diretor (citou o nome) da instituição que me acusou e fez a denúncia”. Disse ainda que foi ameaçado de tomar uns tapas e que “não era mais aluno da instituição”, sendo assim, não deveria mais andar por ali. Xirú comentou que os policiais se “encarnaram” depois de perceberem que ele não conseguia colocar uma das mãos na cabeça no momento da revista, sendo aí identificado como o “manco”, líder do grupo. Características estas informadas pelo próprio diretor. Contava a história com a emoção de quem revivia aquele momento, cheio de intensidade. Em seguida ficou abatido e disse que não iria mais ao POD, havia sido humilhado na frente de crianças e demais educandos, havia sido “corrido” da instituição. Disse isto e entrou rapidamente na escola para não perder a janta.

Na manhã seguinte Xirú se encontra parado aguardando a abertura dos portões com os demais educandos do POD. Sempre que chegava à instituição éramos informados pelo porteiro. Ele não impedia a sua entrada, nem nós. Nesta oportunidade Xirú veio retirar sua carteira de trabalho. Nestes dias minha maior preocupação se dava em torno de um possível reencontro entre ele e o diretor geral. O que de fato aconteceu. Andávamos pelo pátio quando o tal diretor surge caminhando em nossa direção. Não era mais possível desviar o rumo. Xirú permaneceu andando, esperando a aproximação daquele que havia proibido a sua presença. Ficamos tensos. O que poderia acontecer? A tão anunciada “facada” prometida no dia da abordagem policial? O diretor esboça um sorriso e estende a mão para Xirú na forma de um cumprimento. De maneira surpreendente o jovem vira o rosto e não oferece sua mão. Recusa o gesto. Neste

instante seu rosto demonstrou o prazer de uma pequena vingança, de uma vitória simbólica. Visivelmente constrangido o diretor segue seu caminho. De forma inabalável o jovem diz, “O cara me fode e quer me cumprimentar depois...”.

Mais uma semana se passa e ele retorna novamente. Desloca-se diretamente para a sala do Conselho. Disse querer conversar “numa boa” com o diretor e trazer a sua versão dos fatos. Ninguém o impediria. “Não vou assumir a bronca de ninguém! Eu não sou traficante!”, diz em voz alta. No entanto, neste dia não havia ninguém na sala. Dalí nos dirigimos ao POD. Chegando lá outra surpresa. O jovem pede para ser desligado do programa. Dissemos a ele que não deveria tomar essa decisão. A complexidade daquela situação vem à tona. A direção pede a sua saída, joga a responsabilidade sobre a equipe que por sua vez não concorda com a decisão e, sem poder reverter o quadro, se propõe a acompanhá-lo nas atividades externas acreditando que algumas ações ainda deveriam ser encaminhadas.

Sem definições claras de sua situação o jovem diz, “Ô Seu, já não sei o que fazer, quando eu quero ficar me mandam embora, agora que quero sair vocês não deixam”. Estávamos todos perdidos nos labirintos de uma política pública.

Outros acontecimentos marcariam aquela semana profundamente. Eles ilustram de modo geral a instabilidade da política pública e a imprevisibilidade do futuro que se anunciava. Mediante os sistemáticos atrasos do Estado nos repasses financeiros à instituição, houve a decisão do Conselho em reduzir o número de trabalhadores do POD. Haveriam demissões. Fui afastado juntamente com um psicólogo e a assistente social. Em meio a sentimentos um tanto confusos, do alívio à revolta, chegava ao fim minha história no POD Socioeducativo.

Daquele momento em diante a vinculação de Xíru ao programa se limitou a alguns encaminhamentos para estágios e consultas médicas. Quanto a nova realidade escolar, recebia atendimento individual na sala de recursos da instituição com a pedagoga Alessandra, ali realizava parte de seus temas e se preparava para as avaliações. Além disto, tomava café e comia pedaços de cuca preparados pela professora. Em sala de aula conheceu Gislaine, aquela que depois de alguns meses de convívio veio a chamar de “mãe”. Gislaine era uma mulher casada, cuidadora de idosos e moradora do bairro São José localizado na zona lesta da cidade. Ganhou centralidade na história de Xíru inicialmente ajudando-o a copiar os conteúdos escolares e depois o convidando para

conhecer sua família. Preparou um pequeno quarto em sua casa onde o jovem passava alguns dias. De acordo com Xirú, por ter dificuldades para engravidar ela não pôde realizar o sonho de se tornar mãe. “Ela me chama de filho Seu! Passo o fim de semana na casa dela, domingo tem churrasco, fumo um baseado com meu “avô” e depois me deito no sofá para ver um filme!”. Sendo tão bem recebido por esta família Xirú passou a revezar temporadas ali e outras na casa de sua mãe e irmãos de sangue.

Quanto a nossa relação, mesmo distante do POD meu desejo em continuar acompanhando Xirú em suas andanças estava consolidado, uma aliança foi constituída. A ideia de transitar com mais liberdade pelas ruas, de experimentar novos espaços, de ampliar nossos repertórios seria posta em prática.

Circulação e Veneno

O princípio da circulação, marcado em diferentes períodos da vida de Xirú como estratégia de fuga das capturas institucionais, nos servia agora de inspiração para a formação de um desejo de vida que circula acessando novos espaços de direitos e experiências pela cidade. Circulando Xirú resistia. Se deixando levar pelos encontros e possibilidades.

Neste período Porto Alegre respirava os ares do debate sobre a Redução da Maioridade Penal. Diversos eventos eram realizados por organizações sociais, universidades e partidos políticos em diferentes pontos da cidade. Meu envolvimento nestas atividades se estendeu aos convites para que Xirú também participasse desta cena. Fomos à luta.

Num destes dias nos encontraríamos no Parque da Redenção para assistir a um evento público “Contra a Redução” a ser realizado na Faculdade de Educação da UFRGS. Enquanto me deslocava pelas ruas do centro, me chamou a atenção a movimentação de dois jovens que andavam na Avenida João Pessoa. Observando-os à distância tive uma sensação estranha, havia alguma coisa no andar daqueles sujeitos que provocava tensão. Ao passar por eles na calçada a impressão inicial ficou mais intensa. Aparentemente estavam no “veneno”, pela “maldade”, dispostos a fazer alguma “correria”. Observaram-me dos pés à cabeça com um olhar atravessado. Fui afetado de

tal forma por aquele acontecimento que decidi atravessar a rua para acompanhá-los por mais um tempo. Andávamos os três em direção à Redenção. Descemos a João Pessoa, passamos por baixo do viaduto Imperatriz Leopoldina, local conhecido como Brooklin e entramos no parque andando no mesmo sentido. A atração que senti por aqueles sujeitos foi similar àquela que me acompanhou nos primeiros contatos com jovens em cumprimento de medida socioeducativa e egressos a FASE. Uma curiosidade arriscada.

A imprevisibilidade dos encontros no espaço público reservaria um desfecho inesperado. Avistei Xirú sob a sombra de uma árvore num local onde não havia nenhum movimento. Os jovens também o perceberam e foram na sua direção com o passo acelerado. Xirú estava cercado. Com uma pedra na mão me desloquei por entre as árvores. Não fui percebido. Acompanhei com tensão o momento em que os dois se distanciaram de Xirú e desapareceram nos labirintos do parque. Corri na sua direção.

“Xirú! O que aqueles caras queriam contigo?!”, perguntei. “Ô Seu, na moral eles vieram pra me roubar achando que eu era uma “vítima”, tavam no “veneno”, mas daí eles viram que eu era malandro também... Malandro conhece malandro... Depois me pediram um cigarro e eu não tinha... Desenrolei os caras Seu... ”.

Momentos como este manifestam a centralidade de uma modalidade de conhecimento fundamental para a sobrevivência cotidiana de Xirú. Conhecimento em manusear aquilo que jovens com experiências similares a dele chamam de “veneno”. O “veneno” necessário para não se tornar uma “vítima” na mão dos “malandros”.

O “veneno” utilizado para a defesa contra os “malandros” era também utilizado para o ataque, sobretudo, para o contra ataque. Xirú sabia muito bem disto. Viveu grande parte de sua vida dentro desta premissa, se fosse necessário voltaria a ela. Narrava em diferentes momentos de nossos encontros o quanto as condições precárias de vida “envenenam” os sujeitos, levando-os para o crime. Nestes casos o “governo” era o principal responsável.

Nossos percursos à procura de tratamentos de saúde expunham esta situação de forma extrema.

Mesmo tendo feito uma pequena cirurgia para reduzir a abertura da pálpebra direita, o olho de Xirú continuava apresentando infecções constantes. Segundo o oftalmologista do Hospital Banco de Olhos, o tiro na cabeça acabou reduzindo a

movibilidade dos músculos da face e isto se refletia numa grande dificuldade em movimentar a pálpebra para piscar o olho. Diante da atual infecção uma série de medicamentos seriam necessários. Naquele momento o hospital não poderia oferecer amostras grátis, elas já haviam acabado. Dos três colírios apenas um era distribuído na rede de farmácias públicas. Estava em falta. Os outros dois custariam cerca de 100 reais. Um total de 120 reais para recuperar sua retina e não ficar cego até o final daquela semana. Xirú não poderia esperar a virada do mês para receber seu benefício. Sem alternativas em vista esbravejou, “Sabe o que dá vontade Seu... Chegar numa farmácia, pedir os três remédios, perguntar o preço e quando a atendente se virar sair correndo pra rua... Aí, se eu for preso e aquele filho da puta do Motta (apresentador do programa Balanço Geral da Rede Record) me entrevistar vou falar pra câmera que estou roubando para não ficar cego!”.

Enquanto eu pensava nas possibilidades de adquirir aqueles medicamentos por alguma via judicial, Xirú reformulou sua frase, “Não tenho saída Seu... Vou ter que falar com os caras da boca... Pedir pra traficar por uma semana e levantar esse dinheiro... Não posso ficar cego Seu, não posso ficar cego...”.

Dessa vez Xirú não ficaria cego. Também não foi necessário se “envenenar”. Mediante uma articulação feita com antigos colegas do POD, me comprometi em pagar o valor à vista dos medicamentos sendo reembolsado por eles posteriormente. Por sua vez, Xirú garantiu que iria reembolsar os 120 reais das pessoas que o ajudassem, pagaria 10 reais mensais. Seu comprometimento no pagamento das dívidas assumidas era incomum. Atravessava a cidade quando necessário para quitar seus débitos nos bares da zona norte. Segundo ele, “Não posso perder a confiança de quem me apoia Seu...”.

Ficar cego nestas condições, sem acesso à medicação, o transformaria numa “vítima” do governo. Isso também seria inaceitável. Se necessário voltaria para o tráfico.

No entanto, Xirú continuava resistindo ao aumento do “veneno”. Permanecia estudando e inclusive havia sido aprovado para iniciar o segundo ano do ensino médio. Frequentava a casa de Gislaine, a fisioterapia numa importante instituição que desenvolve tratamentos de reabilitação física (fruto das articulações realizadas pelo POD) e procurava oportunidades de estágio. Uma rede de serviços e de afetos permanecia constituída ao seu redor. Entre altos e baixos seguia.

Em meio a protestos Contra a Redução da Maioridade Penal, Contra o Aumento das Passagens do Transporte Público, apresentações de teatro de rua e desfiles de escolas de samba, convidei Xirú para assistir ao show dos Racionais Mc's em Porto Alegre. Fui presenteado com três ingressos para o evento que seria realizado na noite de sábado numa grande casa de shows da cidade, o Pepsi On Stage. Não havendo mais o rigor institucional por trás de nossos encontros, o constrangimento em convidar o jovem para participar destes eventos acabara. Nos encontramos no centro da cidade e partimos de trem da Estação Mercado em direção a Estação Aeroporto. A noite chuvosa e o tempo frio não nos desanimariam. Iríamos ao show daqueles que embalaram tantas vezes nossas atividades socioeducativas, nossas oficinas de cidadania e nossas conversas informais. Sentado no último vagão do trem Xirú mergulha em suas memórias e canta, "Hoje eu ladrão, artigo 157, as cachorra me ama, os playboy se derrete, Hoje eu vou ladrão, artigo 157, a polícia bola um plano, sou herói os pivete...". A letra da música "Eu sou 157" evoca um território existencial habitado por Xirú durante muitos anos de sua vida. Estabelece uma linha de subjetivação que organiza e significa o seu passado, período em que afirmava "Eu sou o crime". "Bah Seu! Eu cantava esse rap quando tava preso, todo mundo curtia Racionais na cadeia. Era vida de bandido!"

Descemos na estação e caminhamos até o lado de fora do Aeroporto. Chegando à rua Xirú acende um cigarro e diz, "Se liga aí Seu, eu trouxe três carteira de Bill (cigarro) pra gente queima junto, sem miséria pra nós hoje, vâmo ostenta". E ostentamos mesmo. Com a venda de um dos ingressos seria possível pagar o alto preço das bebidas na festa. Xirú caminhava com dificuldade em meio ao público da área VIP. Nos deslocamos para a lateral do palco onde havia uma escadaria que conduzia até os banheiros. Deste ponto mais alto Xirú fez a seguinte observação "Aí Seu, se liga nessa cena, só tem vítima nessa área VIP...". Feita esta consideração, percebi que ele era um dos únicos negros que ocupavam aquele espaço. O alto valor do ingresso para aquele setor se refletia num público predominantemente branco e pouco identificado com a estética e a simbologia do rap. Olhares desconfiados se voltavam para Xirú.

Os Racionais sobem no palco ao som de Vida Loka parte I.

Xirú vibra. Canta do início ao fim. “Fé em Deus que ele é justo, Ei irmão nunca se esqueça, Na guarda guerreiro levanta a cabeça truta, Onde estiver seja lá como for, Tenha fé que até no lixão nasce flor...”.

Ao final da música um homem branco se aproxima e lhe fala algo. Sem entender o que o sujeito diz me chama. Pergunto, “Diz aí meu?”. Ele responde, “Perguntei pro menor se ele tem um pó pra negociar...”. “Ele não tem meu... Viemos só curti o show mesmo”. O sujeito retorna para o seu grupo de amigos. Bebem champanhe.

Permanecemos ali. Entre uma música e outra Xirú saca seu celular, dança e filma parte do show. Anuncia o nome de cada música, “Aí Seu, Jesus Chorou!”, “Essa é Da Ponte pra cá!”, “Essa é aquela que o senhor gosta, O Mal e o Bem!”.

No intervalo do show a cena descrita anteriormente se repete mais duas vezes. Xirú é abordado por outros sujeitos. Sem escutar pede meu auxílio. Ambos repetem o discurso que acabávamos de ouvir “Teu amigo não tem um baseado ou pó aí pra vender?”. Na terceira vez devolvi a pergunta, “Por que tu acha que ele ia ter?”. O homem se surpreende com a minha questão, “Ô irmão, não me leva a mal...”. Continuei, “Não cara... Tranquilo... É pra saber mesmo”. Sua resposta foi evasiva, “Teu amigo tá aí de canto, de capuz na cabeça, tem jeito de que tá fazendo um corre...”. Aquele “tem jeito” se referia a um conjunto de marcas corporais e simbólicas que, associada a aspectos contextuais, acompanhava Xirú em diferentes situações. “O que o cara queria Seu?”, pergunta. “Ele queria saber se tu tinha pó pra vender pra ele”, respondi. Xirú reflete, “Aí Seu, eu tenho cara de traficante?”.

Tal questão nos desloca para diferentes cenários da cidade onde situações como esta se repetiam.

Andávamos pelas ruas do centro sem um itinerário definido, guiados pelos enredos das histórias que Xirú ia tecendo. Ao entrarmos na Praça da Alfândega um jovem negro se aproxima e questiona Xirú, “Ô pai, tu não tem um fininho pra negociar aí?”. Ele responde, “Não tenho meu bruxo... Não vejo mais essa mão aí...”. Pergunto, “Tu conhece o cara que falou contigo?”. Ele responde, “Nunca vi na vida Seu... Já me disseram que eu tenho a cara do crime, deve ser por isso...”. Seguimos. Vamos contornando a praça que ganha novos relevos através de suas narrativas. “Eu dormia em cima do banheiro público que tinha aqui, transava com umas mina naquele canto, guardava minhas coisas no meio desse canteiro e pedia dinheiro na frente do Shopping

Rua da Praia...”, relembra. “E como é voltar nesses lugares e lembrar desse tempo?”, pergunto. “É estranho Seu... Era o veneno... Pensando hoje minha vida era bem sofrida... Quando fumava pedra tinha dias que era foda... Mas na época eu não achava tanto... Eu não tinha os problemas que tenho hoje, meu corpo era normal...”.

Entramos no shopping. Somos atraídos pelas vitrines das lojas. Nesse movimento atraímos a atenção dos seguranças. “Eu quero comprar aquele Nike azul ali Seu... Vou lá perguntar o preço”. Xirú entra na loja e nenhum vendedor se aproxima. Olhares desconfiados. Imagino que naquele momento muitas câmeras do sistema de vigilância estão apontadas para nós. Ele sai da loja sem saber o valor do tênis. “Como assim ninguém te atendeu?”, pergunto. “Deixa assim Seu, hoje não tô por fazer bolo... Até pensei em fazer uma confusão lá dentro... Mas já levei dois paredão hoje, um da brigada e outro da Força Nacional lá na minha Vila. Agora que tô desempregado não adianta mais mostrar a carteira de trabalho...”. Abordagens policiais permaneciam compondo sua rotina cotidiana.

Mesmo enfrentando um período de maiores instabilidades Xirú foi aprovado na escola e cursaria o terceiro ano do ensino médio em 2016. No entanto, ao longo deste último semestre, alguns pontos da sua rede de apoio acabaram se fragilizando.

Gislaine acabou evadindo da escola no decurso de 2015, adiando mais uma vez a tão sonhada conclusão e formatura do ensino médio. A necessidade de assumir um terceiro turno de trabalho impedia sua presença nas aulas. Seu afastamento do ambiente escolar também comprometeu a permanência de Xirú junto aos estudos. Ele acreditava não ser capaz de prosseguir sem o auxílio de sua “mãe”. Com o fim da rotina escolar a relação foi perdendo a sua vitalidade.

De forma paralela seu acompanhamento na clínica de fisioterapia não teria continuidade. Desde o início do processo de reabilitação sempre houve uma série de condições para que Xirú acessasse o serviço. Seu atendimento estava condicionado ao acompanhamento de algum profissional do POD, pois, segundo a equipe técnica da clínica, Xirú possuía um perfil de comportamento “problemático”. Embora tivesse a oportunidade de acessar uma série de especialidades médicas fui percebendo que o tipo e o tempo de atendimento destinado a ele era diferente dos outros usuários, sobretudo quando comparado a crianças e idosos. Tive a impressão de que o histórico que Xirú carrega provocava posicionamentos morais ambíguos junto aos diferentes

profissionais e serviços que o acompanham. Como se além de carregar o peso de um corpo marcado pela violência extrema devesse carregar o sobrepeso da avaliação moral dos outros. O fardo de uma desconfiança permanente.

Em meio a uma série de avaliações médicas realizadas por diferentes profissionais da clínica, sempre surgia a pergunta, “Como foi o seu acidente?”. Diante da resposta, “Levei um tiro na cabeça”, reações constrangidas. “Foi bala perdida?”, perguntavam. Inicialmente Xirú respondia, “Não Dona... Foi do tráfico mesmo...”. Com o passar do tempo e das circunstâncias suas respostas se modificavam. Por vezes silenciava.

No início de 2016 Xirú declara, “Tô agarrado no colégio Seu... Mas preciso arrumar mais algum curso ou um trampo... Tá faltando tudo lá em casa...”. Realizou cadastros em agências de estágio especializadas em vagas destinadas para portadores de necessidades especiais. Pude acompanhá-lo em algumas entrevistas. Numa destas oportunidades recebemos um encaminhamento para vaga de estágio em uma empresa de investimentos financeiros. Xirú chegou para a entrevista vestido com uma camisa de botão quadriculada, calça jeans escuro e tênis impecável. O cabelo cortado recebeu luzes loiras na parte superior. Sua corrente de prata permanecia no pescoço no lado de dentro da camisa. Aguardou ansiosamente a resposta da seleção. Foi negativa. Negativa também foi a resposta da agente de saúde ao informar que seu medicamento anticonvulsivo estava em falta.

Depois que retornou com sua família para a zona norte de Porto Alegre Xirú passou a acessar com frequência a Unidade Básica de Saúde e o CRAS da sua comunidade. No entanto, referia que tais espaços enfrentavam a falta de profissionais e de recursos básicos.

Na escola ouviu de uma professora pouco simpática que era um “malandro”, “e quem nasce malandro, morre assim...”.

De fato, seu “veneno” aumentou muito neste período. Aos poucos foi se distanciando da escola.

Faltando duas semanas para a conclusão do ensino médio, desapareceu.

Perdemos contato por um tempo. Respeitei sua vontade de não conversar.

Passado um mês nos reencontramos nas ruas da (Vila) Mário Quintana. Fui em sua casa a convite de sua mãe. Muitas coisas aconteceram neste período e Xirú tinha novas histórias.

A rede institucional constituída ao longo dos últimos anos havia praticamente desaparecido. Neste cenário, Xirú buscou reorganizar sua vida a partir dos encontros com antigos profissionais e amigos dos serviços e instituições por onde passou.

A escola voltaria a se tornar um espaço de resistência. Mas não tão cedo.

Retornamos até a escola Anne Frank e descobrimos que a pedagoga Alessandra havia sido transferida. Além disso, o atendimento na sala de recursos para alunos com necessidades especiais estava com atividades suspensas por falta de pessoal. Acessamos a Secretaria Estadual de Educação e recebemos a confirmação que sua matrícula seria efetivada em alguma instituição de ensino. Apenas não sabiam quando e onde...

Passamos meses em meio a indefinições e angustias. Quando voltávamos de mais uma reunião na Secretaria de Educação, sentados na escadaria em frente à prefeitura de Porto Alegre, Xirú dispara a seguinte frase que conclui parcialmente esta narrativa, “Seu, o governo tá me levando pro crime”.



Acervo Pessoal.

CAPÍTULO 4: Das linhas aos confrontos

Ao longo dos capítulos procurei descrever o percurso de vida de um jovem em seus encontros com as margens do Estado. O movimento de acompanhar sua circulação em meio a um conjunto de territórios institucionais caracterizados aqui como tecnologias de governo deu margem para a apreensão de uma complexa trama político-subjetiva, de uma subjetividade produzida entre políticas. Neste sentido, centralizei meu olhar nas aberturas e possibilidades que um jovem chamado Xirú encontrou para a reconstrução de sua trajetória a partir do acesso a diferentes políticas públicas de saúde, assistência e educação evidenciando suas estratégias cotidianas de resistência. Da mesma forma, me mantive atento ao modo como estes dispositivos produziram intervenções (capturas e rupturas) de modo a gerir esta vida em conflito com as normas, imprimindo determinados valores, modos de conduzir a vida e de se relacionar consigo.

Apoiado no arranjo analítico desenvolvido na primeira parte deste trabalho, a triangulação entre a *produção desejante*, os *processos de subjetivação contemporâneos* e a *ação dos dispositivos estatais*, pretendi cartografar paisagens psicossociais em transformação. Nos encontros de Xirú com as referidas políticas públicas os três movimentos de composição da produção desejante expressos por Rolnik (2011) ganharam suas texturas. Nos termos da cartografia sentimental proposta pela autora toda e qualquer formação do desejo no campo social se dá através do exercício ativo dessas três linhas, sempre emaranhadas e imanentes umas às outras.

De forma detalhada Rolnik nos informa que a primeira linha da produção desejante, a *linha dos afetos*, emerge da atração produzida no encontro dos corpos em seu poder de afetar e serem afetados, tema spinozista por excelência. Mais do que linha, nesta perspectiva os afetos são fluxos que nascem a partir dos encontros entre os corpos humanos e não humanos (ROLNIK, 2011). Na imprevisibilidade dos múltiplos encontros que experimentamos ao longo da vida existem aqueles que produzem afetos que reforçam os territórios existenciais que nos constituem enquanto que outros propiciam a produção de afetos que não obtêm passagem em nossa forma de

expressão atual, dos territórios que nos reconhecemos. Por sua vez estes afetos escapam traçando linhas de fuga.

Na sequência a linha de *simulação* é caracterizada por constituir um duplo traçado, num primeiro movimento que vai da invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente produção de territórios. É o percurso do movimento que constitui um processo de territorialização. Num segundo momento, em um deslocamento inverso, a linha corre do visível, consciente, dos territórios, para o invisível, inconsciente dos afetos que escapam. É o percurso do movimento de desterritorialização. Logo, tal linha possui uma face voltada para o fluxo das intensidades e outra para o plano da expressão. De acordo com Rolnik,

“lascas que se desprendem das máscaras vigentes causam pequenas fissuras pessoais ou coletivas. Lascas de mundos desmanchados e, ao mesmo tempo, passíveis de se comporem com outras lascas, investidas e agenciadas por partículas soltas de afeto, gerando novas máscaras, mundos novos; mutações secretas. O plano que essa segunda linha cria em seu traçado é feito de um estado instável”. (ROLNIK, 2011, p. 51).

Ao final, a terceira linha do desejo é definida como finita, visível e consciente da *organização dos territórios*. É um traçado que cria roteiros de circulação no mundo: “*diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos*” (ROLNIK, 2011). Nesse movimento ocorre a formação das “*máscaras sociais*”, da segmentação dura que estabelece seus sedentarismos, do plano da representação que, apoiado nas matérias de expressão, condensa os fluxos de intensidades. A autora refere que a terceira linha é finita, pois finita é a duração dos territórios e a funcionalidade de suas cartografias, visto que sempre escapam afetos aos territórios e isso, mais cedo ou mais tarde, impõe seu fim.

De um lado, o movimento *molecular*, fluxo invisível, desestabilizador, nômade, traçado pelas linhas soltas do *afeto*, e de outro, uma linha *molar*, consciente, visível, feita da estabilidade relativa da segmentação flexível que a *simulação* vai riscando em sua migração junto da segmentação dura dos *territórios*. Configura-se assim a operação de um inconsciente produtivo, criador de devires inéditos, múltiplos e imprevisíveis. Este inconsciente pode ser definido como a própria busca de matérias

de expressão, de maneiras de inventar o mundo a partir de agenciamentos múltiplos (ROLNIK, 2011, p. 33).

Utilizando-me desta matriz teórica para cartografar os afetos produzidos nos encontros de um jovem negro, pobre e morador de periferia, com um conjunto de políticas públicas e com as múltiplas forças que compõe o tecido social da cidade, foi possível perceber a exteriorização das intensidades desta vida sob a forma de diferentes máscaras sociais (ROLNIK, 2011, p. 36).

A formação das referidas máscaras se deu a partir dos efeitos de uma intensa circulação institucional produtora de classificações sobre esta vida jovem. Sendo assim, é importante afirmar que Xirú se constituiu como sujeito ao mesmo tempo em que era constituído pelo mundo a sua volta. Políticas de saúde, assistência, educação e justiça produziam narrativas e intervenções que marcavam um processo biopolítico de constituição de um sujeito “*medicalizado*”, “*judicializado*” e “*institucionalizado*”, em suma, de uma vida a ser governada. Em meio a esta trama emergia a figura de um jovem com “*dificuldade de aprendizagem*”, “*usuário abusivo de substâncias psicoativas (crack)*”, “*com a família desestruturada*” e de forma permanente “*em conflito com a lei*”.

De acordo com Judith Butler o “*enquadramento*” que certas vidas recebem publicamente interfere na precariedade e na “*condição precária*” de suas existências. Para a autora, a precariedade é a condição de existência de qualquer vida visto que “*não há vida sem necessidade de abrigo e alimento, não há vida sem necessidade de redes mais amplas de sociabilidade e trabalho, não há vida que transcenda a possibilidade de sofrer maus-tratos e a mortalidade*” (BUTLER, 2015, p. 45), ou seja, não há vida sem cuidar ou ser cuidado. Já a *condição precária* “*designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte*” (BUTLER, 2015, p. 46).

Imerso em condições precárias de existência Xirú era alvo de um conjunto de medidas de “*proteção especial*” e “*socioeducativas*” alinhadas em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que determinavam outros enquadramentos e intervenções que ora o definiam como “*adolescente em conflito com a lei*”, ora como “*adolescente a ser protegido*”. Em ambos os cenários o jovem era exposto a esquemas

de vulnerabilidade social e/ou violência, como vítima ou como agressor. Sua subjetividade e seus desejos foram enredados em meio a esta multiplicidade de definições.

Mesmo assim, Xirú não sobrevivia passivamente a mercê destas determinações estruturais. De forma paralela operava novas articulações a partir destes conteúdos e do aprofundamento das experiências que vivenciava pelas margens. A mais importante delas marca a emergência de duas noções fundamentais para a problematização proposta nesta dissertação, *a formação do desejo no campo social em sua interface com as políticas estatais*. As máscaras do “crime” e da “vítima” se estabeleceram como as representações mais sedimentadas nas narrativas apresentadas por Xirú no decorrer de nossos percursos institucionais e pelas ruas da cidade. Além de marcar o movimento de formação de novas paisagens psicossociais elas expressam em sua constituição as relações de força entre o Estado e sua vida.

Antes de embarcar propriamente no processo relacional que constitui as referidas máscaras sociais e no deslocamento que Xirú opera entre elas se faz necessária uma incursão nas referências de apoio que balizam minha discussão teórica.

Governar, matar ou moralizar?

Inscrever o conjunto de políticas públicas vivenciadas por Xirú na perspectiva das tecnologias de governo estabelece uma vinculação profunda deste trabalho com a tradição dos estudos em biopolítica (FOUCAULT 1979; 2002; 2008), sobretudo no que se refere aos modos de governo e a criação de categorias de nomeação para determinadas populações (LANCELLOTTI, 2016). De acordo com Helena Lancellotti, “os conceitos não devem ser considerados como naturais, mas como processos inventivos realizados por diversos saberes em contextos específicos. Considero as categorizações dentro de processos de construção e regulamentação de populações” (LANCELLOTTI, 2016, p. 136).

No caso de Xirú, o entrelaçamento de saberes psi, jurídicos e pedagógicos na constituição de sua conduta “desviante” nos remete a formação da figura do

“indivíduo a ser corrigido”, aquele que “requer um certo número de intervenções específicas em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma tecnologia de reeducação, da sobrecorreção” (FOUCAULT, 2001, p. 73). Sua composição é parte da complexa tríade constituinte da figura do Anormal⁷, indivíduo que emerge numa articulação entre saberes psiquiátricos e a justiça, e que tem como ponto de ancoragem o exame médico-legal produzido na França do século XVIII.

Foucault nos mostra que é sobre estes corpos desviantes que a biopolítica vai operar controles precisos, regulações de conjunto e mecanismos de segurança, para exigir mais vida, majorá-la e, dessa forma, geri-la (PORTOCARRERO, 2008). Esse modo de administrar a população, para Foucault, é contemporâneo do aparecimento da figura dos *anormais*, como o delinquente, o perverso, entre outros (ibidem). Ao identificar cientificamente essas anormalidades, as estratégias biopolíticas passam a estar em uma posição privilegiada para supervisioná-las e administrá-las.

Neste sentido, é importante observar que determinados enquadramentos e esquemas seletivos e diferenciados de controle e violência além de ampliar as condições precárias de existência destas vidas, sobretudo daquelas definidas como *anormais*, ainda estabelece uma ligação estreita com o fenômeno da formação de *corpos abjetos*. Em etnografia realizada nas *“cracolâncias”* paulistas, Rui (2014) argumenta que a abjeção ao corpo do usuário radical de crack (o *nóia*) emerge *“porque este perturba as ficções de identidade, sistema e ordem: porque não respeitam fronteiras, posições e regras; em suma, porque são ambíguos”* (RUI, 2014, p. 22). Inspirada no trabalho de Butler a antropóloga afirma que este corpo à margem torna-se abjeto quando sua *“vida não é considerada legítima e, portanto, é quase impossível de se materializar”* (RUI, 2014, p.26).

⁷ O indivíduo "anormal" que, desde o fim do século XIX, tantas instituições, discursos e saberes levam em conta, deriva ao mesmo tempo da exceção jurídico-natural do monstro, da multidão dos incorrigíveis pegos nos aparelhos de disciplinamento e do universal secreto da sexualidade infantil. Para dizer a verdade, as três figuras - do monstro, do incorrigível e do onanista - não vão se confundir exatamente. Cada uma se inscreverá em sistemas autônomos de referência científica: o monstro, numa teratologia e numa embriologia que encontraram em Geoffroy Saint-Hilaire sua primeira grande coerência científica; o incorrigível, numa psicofisiologia das sensações, da motricidade e das aptidões; o onanista, numa teoria da sexualidade que se elabora lentamente a partir da *Psychopathia sexualis* de Kaan. (FOUCAULT, 2001, p. 418).

Para tanto, ao situar a formação de um corpo e de uma subjetividade embaralhada em complexas tramas de classificação e poder, onde os modos contemporâneos de gestão da vida definem um tipo de tratamento específico para sujeitos e condutas caracterizadas como desviantes, anormais e abjetas, é importante considerar os limites que a abordagem foucaultiana tradicional sobre a biopolítica apresenta para a compreensão das forças sociais que incidem sobre Xirú. Neste sentido, acho necessário recuperar mesmo que momentaneamente a tentativa mais violenta de apagamento desta existência como um exemplo de sua exposição a um *“regime de morte”*, daquilo que Achille Mbembe (2016) define como Necropolítica. Segundo Mbembe, o regime de desumanização operado pela necropolítica aciona uma noção de soberania como *“a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é”* (MBEMBE, 2016, p. 135). Ao determinar o extermínio do outro como seu objetivo central, esta *“política de morte”* indica um estreitamento contínuo entre as práticas dos Estados escravagistas e dos regimes coloniais contemporâneos. De acordo com o pensamento do autor africano, a naturalização deste processo insere a aberração no corpo político, simultaneamente, *“como força móvel de razão e como tentativa de minimizar o erro, reforçar a verdade e eliminar o inimigo”* (LEMÕES, 2017, p. 117). Inspirado no argumento de uma suposta *“luta contra o terrorismo”* (MBEMBE, 2016), o trabalho realizado por Lemões (2017) junto à atuação política do MNPR (Movimento Nacional da População de Rua) indica que o poder estatal e não estatal também produz uma versão ficcional do inimigo público interno, sendo ele comumente referido como o *“traficante”*, o *“detento rebelde”*, *“adolescente incorrigível”* e o *“mendigo vagabundo”*. De acordo com o antropólogo, seriam estes alguns dos grupos *“expulsos da humanidade”*, enquadrados por experiências de *“ausência de liberdade, controle, massacres, restrições espaciais, mortes cotidianas, novas hierarquias e a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais que estabelecem direitos diferenciais a distintas categorias de pessoas”*. (LEMÕES, 2017, p. 118).

Ainda que de forma breve, ao fazer referencia ao conjunto de enquadramentos que Xirú recebeu ao longo da vida pretendo ilustrar parte das condições que contribuíram para a formação de uma vida eliminável. No entanto, de forma permanente, tais enquadramentos produziram efeitos em sua trajetória de vida que

me conduziram a outros referenciais teóricos que tomam a biopolítica como objeto de análise contemporânea. No período em que acompanhei Xirú por uma série de instituições e serviços públicos, de forma específica no POD e a partir dele, momento de inscrição e acesso a um conjunto de políticas, outras dimensões biopolíticas se manifestaram.

Nesta direção, entendo que é possível complexificar a experiência estatal de Xirú referente ao seu acesso, permanência e exclusão das políticas a partir das reflexões de Didier Fassin (2007, 2009) sobre Políticas da Vida e Economia Moral. Através do primeiro conceito o antropólogo francês procura compreender como se criam as desigualdades e diferenças entre as vidas singulares dos seres humanos num período da história em que a vida é valorizada de modo geral. Para tanto, Fassin se propõe a atualizar a noção de biopolítica como *“política sobre a vida”*, deslocando o enfoque analítico foucaultiano sobre os aspectos biológicos e populacionais para considerá-la em seus sentidos morais e valorativos. Ao contrário de Foucault (2002, 2008), Fassin não considera a biopolítica como um processo de normalização e como forma de governo, situando tal fenômeno através dos significados e valores distintos atribuídos às vidas humanas, sobretudo daqueles grupos que vivem às margens. Segundo o autor,

“o que as políticas fazem para a vida (e as vidas) não é apenas uma questão de discursos e tecnologias, de estratégias de táticas. É também uma questão dos modos concretos pelos quais os indivíduos e grupos sociais são tratados, sob quais princípios e em nome de qual moral, implicando-se nisso desigualdades e falsos reconhecimentos” (FASSIN, 2009, p. 57, minha tradução).

A partir desta perspectiva é possível pensar que as avaliações e diferenciações atribuídas às vidas dos sujeitos, moldadas por opções políticas e valores calcados na cultura, determinam quais vidas merecem atenção, políticas e cuidado e quais não. Para aprofundar o debate referente à valoração da vida e à compreensão de como as ações estatais e dos diferentes atores sociais são atravessadas por princípios e escolhas produzidos culturalmente, Fassin (2009) associa a noção de Política da Vida a de Economia Moral. Conforme a sua apropriação do conceito, a Economia Moral diz respeito aos princípios construídos nos processos culturais baseados em uma

concepção de “*justiça moral*” que influenciam e moldam decisões individuais, políticas e sociais. Tal conceito opera hierarquizando vidas e operacionalizando formas de acesso aos direitos a partir de concepções morais, daquilo que as diferentes instituições e agentes estatais definem como *justo, certo e errado*. Nas palavras de Fassin (2008), a moral deve ser entendida como “*a crença humana na possibilidade de distinguir o certo do errado e na necessidade de agir em favor do bem contra o mal*” (FASSIN, 2008, p.334). Portanto, ao conceber as “*intervenções*” produzidas na/pela cultura, tal conceito propicia a análise dos valores, normas, afetos e sentimentos compartilhados acionados nas decisões que definem nosso mundo moral (FASSIN, 2006).

Neste sentido, podemos entender que a trajetória individual de Xirú junto aos programas sociais e às políticas públicas foi marcada por dilemas que escancaravam a presença de paradoxos morais. As facetas dos regimes morais emergiam através dos enunciados e decisões de professores, gestores e técnicos sociais que condicionavam o acesso, a permanência e a qualidade dos direitos a um suposto ideal de *recuperação moral* do jovem, revelando um conjunto de princípios avaliativos sobre a sua conduta e sua história de vida. Os meios institucionais acessados se mostraram perpassados por concepções de bem e mal, onde a construção de cenários e situações tidas como “*problemáticas*” acabaram por fragilizar a afirmação e a garantia de sua cidadania. A trajetória de Xirú em meio ao POD é particularmente importante para explicitar os embates e atravessamentos entre moral e cidadania.

Estado Venenoso

Os processos de subjetivação acionados pelo Programa de Oportunidades e Direitos na construção de novos projetos de vida têm como pilar fundamental o discurso de acesso à cidadania. Profundamente ligado à gramática que afirma as garantias que jovens como Xirú possuem e que ao longo de suas trajetórias de vida foram anuladas ou precariamente efetivadas, o POD atua de modo a garantir aos *sujeitos sem direitos* o acesso às políticas públicas de educação, saúde, formação profissional e assistência social. No entanto, a garantia e o acesso concreto aos direitos

e as oportunidades eram por vezes condicionadas por moralidades que se chocavam com as necessidades mais urgentes destas vidas jovens. Neste aspecto a situação de Xirú é emblemática.

Para acessar e permanecer vinculado às diferentes políticas públicas Xirú deveria corresponder a certas expectativas oferecendo uma contrapartida moral traduzida na comprovação de seu afastamento do mundo do crime. O jovem teria que modificar radicalmente seu comportamento eliminando aqueles conteúdos, práticas e conhecimentos de vida que o ajudaram a significar parte da sua existência e que ainda eram capazes de resolver questões práticas de seu cotidiano. Nos termos informados pelo próprio jovem, este deveria abrir mão ou reduzir ao máximo o seu “*veneno*”.

A etnografia de Lemões (2017) já indica a existência de certos mecanismos que orientam o acesso aos direitos mobilizando regimes éticos e morais que fazem da cidadania uma disposição a ser apreendida e ativada no campo das competências individuais. De acordo com autor,

“a inauguração de um novo posicionamento frente ao mundo supõe que o indivíduo tenha ao seu dispor uma gama de possibilidades (e oportunidades), entre as quais ele supostamente possui a liberdade de escolher e se empenhar nessa escolha, seja para combater e deslegitimar o modo negativo pelo qual ele é socialmente percebido, ou para transformar a si mesmo” (LEMÕES, 2017, p. 131).

No caso de Xirú a noção de cidadania foi tensionada por concepções morais de “*recuperação*” e “*reincidência*”, onde uma “*conduta ambígua*” marcada por uma suposta vinculação com o “*crime*” seria suficiente para inviabilizar seu acesso aos direitos e oportunidades. Neste ponto, acredito que o complexo conjunto de experiências e classificações que repousaram sobre sua trajetória, somadas as marcas que carrega no corpo como a cor de sua pele, seu modo de falar, de se vestir e se comportar atuaram na constituição de um sujeito “*perigoso*”. Neste sentido, Fassin (1996) nos esclarece que os conceitos não são usados apenas para descrever e qualificar determinadas pessoas ou práticas, eles também atuam na própria ação e organização política, ações que influenciam a maneira como o indivíduo é visto e no modo como se dá o seu acesso ao mundo.

Quando focamos a trajetória e as condições concretas de vida a que Xirú foi exposto, para além da polarização moral *“reincidência”* x *“recuperação”*, reconhecemos vivências de trânsitos entre fronteiras de espaços simbólico e subjetivamente estruturados como *“vida no crime”* e dispositivos que operavam a *“garantia de direitos”*. Constituiu-se como um sujeito em movimento. Nos três períodos registrados nesta dissertação, marcados a partir de seu retorno ao POD e nomeados como *“Eu sou o crime”*, *“Eu pareço uma vítima?”* e *“O governo tá me levando pro crime”*, percebi como o seu acesso à cidadania foi atravessado por marcadores morais ligados a uma suposta *“periculosidade”*, desdobrando-se na produção de suas cartografias e de suas máscaras sociais.

No desafio de reconstruir sua vida após o evento crítico marcado pela tentativa de homicídio, período em que seu corpo e subjetividade foram estilhaçados, em que a ação de educadores e técnicos sociais o reconduziram para dentro do POD, foi buscando evitar um mergulho terrível na sensação de desorientação que a enunciação *“Eu sou o crime”* foi capaz de produzir novos velhos sentidos nesta vida jovem. Foi a partir dos agenciamentos das matérias de expressão produzidas nos encontros da vida que Xirú foi juntando os pedaços dispersos de sua existência na constituição de um território de vida possível, de uma cristalização existencial (ROLNIK, 2011, p. 33).

A afirmação da máscara *“Eu sou o Crime”* marca a luta de Xirú contra a intolerável posição de *“vítima”* que nesse momento lhe era atribuída. *“Vítima”* dos processos macro econômicos e sociais, das violações dos direitos fundamentais e humanos e da violência urbana extrema. Diferentes trabalhos (AROSI, 2013; CORDEIRO, 2016), vêm apontando o deslocamento e ampliação do uso político da categoria *“vítima”* nos debates públicos e no campo jurídico. Neste trabalho, a noção de *“vítima”* prontamente recusada por Xirú se aproxima daquela registrada por Dassi (2010) em sua etnografia com jovens em cumprimento de medidas socioeducativa, casos em que a *“vítima”* era considerada um *“não sujeito, ao deixar que sua agência fosse anulada por completo”* (DASSI, 2010, p. 164). Em relação à composição e utilização desta categoria Dassi (2010) também destaca movimentos em que seus interlocutores se posicionavam intencionalmente sobre a figura da *“vítima”* procurando garantir o controle e a agência sobre dada situação. De acordo com a autora, *“acionar a “forma de vítima” deste modo, torna a relação duplamente*

assimétrica, pois o jovem se coloca na posição de inferioridade para poder assumir o controle da situação” (DASSI, 2010, p. 144). Por seu lado, Xirú recusava veementemente esta postura, embora afirmasse ter-se utilizado dela amplamente em outros contextos, sobretudo quando habitava as ruas.

No entendimento de Xirú a figura da “*vítima*” ocuparia o polo fragilizado numa relação social. Seria esta a postura daqueles sujeitos que se curvam e padecem frente às dificuldades impostas pela vida. Logo, haveria nela um componente de conformidade e aceitação das condições de existência entendidas como injustas. “*Vítimas*” seriam sujeitos submetidos que figuram como os “*oprimidos do sistema*”, indivíduos que assumem uma posição de vulnerabilidade. Tal figura é constituída em oposição a do “*crime*”, nomeação esta também expressa através de variações como “*malandro*”, “*vagabundo*” e de forma menos utilizada “*bandido*” e “*criminoso*”. Quase sempre vinculadas ao universo do “*crime*”, as referidas figuras adquirem poder, autoridade e consistência na realização de práticas criminais. No entanto, é importante perceber que em casos específicos um sujeito enquadrado como “*vítima*” pode se tornar um “*malandro*”, o que assegura o caráter relacional do encontro. Ele se manifesta quando, numa determinada situação de risco, uma potencial “*vítima*” consegue desviar ou se desvencilhar da ação de um “*malandro*”. A título de exemplo, Xirú narrou episódios em que foi posicionado como “*vítima*” tornando-se alvo do “*veneno*” de sujeitos do “*crime*”, casos em que precisou afirmar o seu “*veneno*” de modo a antecipar ou desenrolar determinada situação de risco.

Em casos como este o “*veneno*” age como uma substância que aciona a malandragem do sujeito a ponto de, em níveis elevados, atuar na composição das figuras ligadas ao “*crime*”, o “*malandro*”, o “*vagabundo*” e seus derivados. As etnografias realizadas por Viera (2009) e Dassi (2010) junto de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação e semiliberdade expõe a circulação deste elemento no cotidiano dos meninos envolvidos com o “*crime*”. Os jovens entrevistados por Dassi (2010) se referem a “*ficar no veneno*” como um sentimento misto de “*agonia, raiva e tristeza e está sempre associado a “pensar maldade”*” (DASSI, 2010, p. 77). Maldades que segundo seus interlocutores se expressam nos atos de “*roubar, matar e fugir*” (Idem). A respeito desta categoria o

diálogo de Vieira (2009) com um jovem institucionalizado chamado Joe aponta para casos em que “*o veneno fortalece*” o sujeito. De acordo com o jovem, nesta dimensão,

“os sofrimentos e o fato de ter que lidar com situações diversas de violências tornam a pessoa mais forte. Desta forma, violências sofridas podem ser a *causa* de acúmulo de “*veneno*”, de “sofrimento” e, ao mesmo tempo, ser *efeito* do “*veneno*”, quando utilizadas para expurgá-lo” (VIEIRA, 2009, p.101).

De acordo com a autora, a categoria “*veneno*” não se reduz a uma forma de representação descolada de uma referência material. Ao contrário, ela é profundamente imbricada com sensações e experiências que se dão nos corpos dos sujeitos. Como categoria ele representa substâncias que podem circular, se acumular e ser expelidas, podendo enfraquecer ou fortalecer o sujeito. (VIEIRA, 2009). Neste sentido, o diálogo de Vieira com Theophilos Rifiótis é importante por recuperar outras categorias nativas que estabelecem relação similar a da noção grega de “*pharmakos*”, detentora de um duplo sentido, tanto do remédio que fortalece, quanto de veneno que causa sofrimento (VIEIRA, 2009). Trata-se de uma questão de dosagem.

No caso de Xirú é oportuno observar que a recusa da posição de “*vítima*” e a consequente afirmação do seu “*veneno*” se refere tanto as avaliações e enquadramentos produzidos por sujeitos vinculados ao “*crime*”, os “*malandros*” e “*vagabundos*”, principalmente seus colegas do POD, como de parte dos poucos agentes estatais que caracterizavam sua trajetória a partir deste código (frente à ampla maioria que o referenciava a partir da figura do “*malandro*”). Num momento de profunda fragilidade física e subjetiva, de reestruturação necessária de sua vida, Xirú buscou fortalecimento elevando o seu “*veneno*” dentro do POD, única política pública que acessava no período. Tal postura gerava um curto circuito nesta relação. Portando um corpo fraturado pela violência extrema, o jovem produzia um território existencial possível, mesmo sendo este a cartografia que habitara recentemente. Para espanto da equipe do programa Xirú afirmava um retorno ao “*crime*” enquanto possibilidade.

De um lado, o programa acionava uma “*linguagem dos direitos*”, procurando inscrevê-lo em espaços de garantia à educação, saúde e assistência ao mesmo tempo em que realizava atividades socioeducativas diversas articuladas em torno do modelo de oficinas, operando um “*investimento na educação de seus sentidos e sensibilidades*”

para o autocontrole e transformação da vida” (SCHUCH, 2016). As linhas de subjetivação operadas pelo POD também acionavam conjuntos de preceitos morais ligados a modelos de vida saudável, procurando de maneira sutil corrigir o seus comportamentos. Esta perspectiva se aproxima daquela narrada por Silveira (2016) em sua etnografia realizada na 3ª Vara da Infância e da Juventude de Porto Alegre, onde os operadores do direito consideravam o adolescente acusado da prática de ato infracional como o principal responsável pelo seu modo de vida e pela necessária saída do crime em direção a uma existência segura, honesta e produtiva através da sua inserção num projeto de vida associado à formação escolar, à capacitação profissional e ao mercado de trabalho lícito e formal (SILVEIRA, 2016, p. 183).

De outro lado, Xirú expressava uma *“gramática das urgências”* (LEMÕES, 2017) expondo as imensas dificuldades sociais e simbólicas que enfrentava em seu cotidiano junto de uma profunda desconfiança em relação às possibilidades de vida abertas pelas referidas políticas públicas. Na exposição de seu corpo e na resistência em se deixar capturar totalmente pelo aparato institucional Xirú evidenciava as marcas de uma trajetória de violações estatais. Em meio a esta trama, para não se tornar uma *“vítima”* nas mãos hostis do *“governo”* e dos demais *“malandros”* e *“vagabundos”*, era necessário se *“envenenar”*.

Mergulhado neste complexo cenário Xirú construía uma relação singular junto da política pública. Vivia o POD ao seu modo. Recusava determinadas intervenções e atravessamentos sobre sua vida criando resistências entre as fissuras do programa. No entanto, a convivência diária articulada ao trabalho socioeducativo da equipe do programa construiu canais de diálogo para a criação de novas possibilidades de vida. Com o passar dos meses Xirú solicitou sua inclusão na escola. Tempos depois surgiu a oportunidade de realizar um curso de iniciação profissional e intensificar sua reabilitação física. Tais movimentos marcam o deslocamento da sua antiga cartografia e a passagem para o segundo cenário aqui descrito como *“Seu, eu pareço uma vítima?”*.

Neste período, seu reencontro com um conjunto de políticas públicas foi marcado pelo efeito de novas experimentações. Ao lado do POD a escola se tornou um importante espaço de aprendizagem, de acolhimento e de produção afetiva. Ali conheceu Márcia, a professora de espanhol que diariamente valorizava seu esforço no

retorno aos estudos acompanhando-o até o final desta dissertação. Lá também teve contato com as atividades esportivas adaptadas do professor Hamilton e com o guarda municipal que cuidava da portaria da instituição e que aos finais de semana trabalhava como segurança do baile funk da comunidade (permitindo que Xirú entrasse sem pagar). Na escola Chico Mendes também garantia suas refeições noturnas, a janta e o lanche. Em sala de aula sua turma lhe reservou uma cadeira mais próxima ao quadro facilitando a sua visão e escrita. Procurava andar sempre bem vestido quando ia à escola, se possível usando correntes de prata, tênis e boné da Nike para chamar a atenção das colegas. A partir deste encontro com o espaço escolar Xirú produzia novas circulações e histórias em sua comunidade.

No POD, frequentando o curso de Iniciação à Padaria, teve contato com o universo dos pães, bolos e tipos de fermentação. Conheceu os fazeres da cozinha. Participou de três níveis de formação, sendo último deles remunerado junto ao Programa de Aprendizagem Profissional Jovem Aprendiz. Após a conclusão de cada etapa aguardava ansiosamente a formatura. Recebia presentes e reconhecimentos dos colegas e antigos educadores. Participava das oficinas socioeducativas e permanecia na instituição após o almoço para colocar em dia seus temas escolares. Estabeleceu vínculos com as cozinheiras, com o porteiro e com educadores dos diferentes projetos sociais executados na instituição. Acessou diversos serviços de saúde enquanto dava continuidade à fisioterapia.

De maneira geral, Xirú experimentou os efeitos de um período de permanência e continuidade junto às políticas públicas que também se modificaram para acolhê-lo em sua singularidade. Em meio a complexas tramas institucionais havia professores, educadores, técnicos em enfermagem que acreditavam na necessidade de transformação de seus espaços de atuação de modo a conseguir dialogar com os usuários dos serviços públicos em sua diversidade. Assim o jovem pode vivenciar outras formas de estar no mundo.

No processo de experimentação de novas possibilidades de vida os movimentos de simulação da produção desejante ganhavam outras matérias de expressão, novas máscaras condutoras de intensidades passaram a delinear sua existência de modo a compor um novo plano de consistência para os seus afetos. Na passagem da enunciação que centraliza o “*crime*” para a enunciação que marca a

presença de um *“estudante”*, Xirú passa por um processo de desterritorialização no qual os efeitos de subjetivação operados pelas políticas públicas produziam novos afetos e sentidos. No movimento que institui a formação de uma nova versão de si ocorreu a dissolução parcial de sua antiga cartografia acompanhada da montagem de um novo território psicossocial, uma subjetividade em pleno movimento apontava para a formação de um *“estudante”*. *“Eu vou concluir o ensino fundamental e depois o médio, quero ver todo mundo na minha formatura”*, desejava.

Neste período, políticas públicas garantiam as condições de vida que permitiram uma considerável diminuição de seu *“veneno”*. Xirú frequentava o curso de formação profissional em padaria recebendo uma bolsa auxílio no valor de meio salário mínimo (o que não impedia o recebimento de seu BPC), participava das oficinas e passeios do POD (mesmo sem haver obrigatoriedade), fazia seus temas escolares e consultas à internet na sala de trabalho da equipe técnica, realizava consultas médicas e tratamento dentário em Unidades Básicas de Saúde adquirindo medicamentos de forma quase sempre gratuita, realizou uma pequena cirurgia em função da lesão no olho em hospital especializado (pelo SUS), concluiu o ensino fundamental e se encaminhou para o ensino médio numa tradicional escola pública da cidade, deu continuidade à fisioterapia, fazia suas refeições na escola e no POD... Foi em meio a estes acontecimentos marcantes que Xirú referiu a enunciação *“Seu, eu pareço uma vítima?”*.

Depois de acessar e permanecer vinculado às tecnologias de educação, saúde e assistência provou uma série de transformações concretas em sua trajetória. Ampliou suas potências de vida. Dizia-se feliz ao mesmo tempo em que estranhava aquela nova configuração de vida. Chamou a atenção para estas transformações estabelecendo uma aproximação entre a posição de *“estudante”* e a figura da *“vítima”*. De maneira geral Xirú entendia que os *“estudantes”*, por terem uma vida tranquila, *“serena”*, e, por não precisarem andar *“envenenados”* na rua poderiam se tornar *“vítimas”* dos *“malandros”*.

Neste sentido, é possível dizer que Xirú nunca se adaptou plenamente aos disciplinamentos e rigores institucionais. O desejo estatal de capturar e sedentarizar suas forças não se efetivou de maneira plena. Acessando cada política pública o jovem produzia novos territórios, aderida a algumas medidas enquanto rejeitava outras.

Assim, continuava criando conflitos e tensões nos espaços por onde circulava, conquistando simpatias e inimizades. No entanto, num cenário em que o Estado reduziu suas intervenções violentas (policiais e de encarceramento) havia um conjunto de outras forças sociais que impediam o descolamento absoluto da velha cartografia relacionada ao *“crime”*. Ainda era necessário manter uma pequena dose de *“veneno”* para sobreviver às relações da rua, sobretudo quando se confrontava com os *“malandros”*. Seria um *“estudante”*, mas não uma *“vítima”*. A dose adequada de *“veneno”* foi manifesta no período em que, mesmo vivendo dentro de uma boca de fumo, após o despejo e a mudança de sua família para a zona sul, se manteve afastado do *“crime”*.

Contudo, diferentes deslocamentos políticos e atravessamentos morais dissolveram esta curta experiência cidadã dando lugar ao terceiro cenário aqui descrito como *“O Governo tá me levando pro crime”*. Nele ocorre uma ruptura gradativa com as instituições e espaços de garantia de direitos que anteriormente acolhiam as demandas de Xirú sob o pretexto de um suposto envolvimento com o *“crime”*. Neste processo, foi possível perceber a atuação de mecanismos de avaliação moral fundados sobre uma noção difusa de *“irrecuperabilidade”* associada a uma *“inevitável reincidência”* que acometeria sua trajetória. A gradual ruptura teve seu episódio inicial e mais radical na decisão que determinou o afastamento e exclusão do jovem da instituição que operava duas políticas centrais no processo de reestruturação de sua trajetória, o POD Socioeducativo e o Programa Jovem Aprendiz. Num mesmo movimento Xirú perdia a política de acompanhamento psicossocial aqui caracterizada como um importante canal de acesso às demais políticas públicas e o Programa Jovem Aprendiz que além de formação profissional ainda garantia um significativo incremento de renda.

Ancorado numa desconfiança permanente sobre sua conduta o mecanismo de avaliação moral acionado pelo grupo de conselheiros/gestores da instituição estabeleceu uma correlação direta entre comportamentos tidos como inadequados, situando aqui o fato de Xirú tensionar determinadas regras institucionais, seu histórico vinculado ao cometimento de atos infracionais e a cena de consumo coletivo de maconha nos arredores da instituição, resultando desta combinação a certeza de que o jovem seria o líder de uma *“boca de fumo”*.

O argumento central desta decisão destacou as inúmeras oportunidades que Xirú recebeu para mudar os rumos de sua vida e o quanto insistia numa mesma *opção*. Para agravar o quadro ainda foi acusado de tomar como cenário de suas supostas *práticas ilícitas* os arredores da instituição que abriu as portas para recebê-lo num momento de recuperação. Como consequência disso foi afastado dos projetos e do convívio com os demais educandos acreditando-se que tal relação de proximidade poderia produzir uma espécie de contágio sobre os demais. Neste caso, a percepção de um estreitamento de suas relações com crime levou a decisão institucional de reforçar esta suposta aproximação a partir de seu afastamento das atividades e da intervenção policial. Na prática Xirú foi alvo de uma emblemática substituição de políticas uma vez que o espaço que outrora promovia acolhimento agora solicitava repressão policial.

Deste episódio em diante uma série de outras rupturas marcaram a presença de mecanismos de exclusão que expuseram os regimes morais intrínsecos a execução das políticas públicas. Na escola de ensino médio Anne Frank enquanto recebia atendimento especializado na sala de recursos pedagógicos e experimentava atividades adaptadas pela professora de artes também encontrava resistência da parte de outros professores que o consideravam um *“aproveitador”*, utilizando-se de suas dificuldades físicas e de sua *“malandragem”* para obter vantagens. Na clínica de fisioterapia onde recebeu atendimento de diversas especialidades médicas foi classificado como *“jovem problemático”* e de *“difícil adesão ao tratamento”* o que resultava na redução das atividades e do tempo de acompanhamento quando comparado aos demais usuários do serviço.

Nas três instituições citadas questões relacionadas ao seu antigo envolvimento com o *“crime”* produziam efeitos no presente, sobretudo quando associadas ao seu comportamento e ao consumo de maconha, impactando de forma decisiva na materialização de seus direitos. Tais espaços exigiam a modulação de seu comportamento aos padrões institucionais desconsiderando as situações concretas que o jovem enfrentava no cotidiano de sua vida traduzidas na necessidade permanente de dosar o *“veneno”* para garantir a sua sobrevivência.

Junto aos aspectos de ordem moral que atuaram de modo a fragilizar a permanência de Xirú nos espaços de educação e saúde é de fundamental importância

associar este movimento aos mecanismos macropolíticos e econômicos de precarização extrema dos serviços públicos oferecidos aos mais pobres. De forma radical Xirú experimentou os efeitos deste processo em sua tentativa de retorno ao ensino médio depois da evasão escolar que empreendeu em junho de 2016. Ao procurarmos a escola Anne Frank no início do mês seguinte, período de férias escolares, fomos informados de que não haviam vagas para matrícula no decorrer daquele ano letivo. Assim, deveríamos necessariamente aguardar o início de 2017 ou procurar outra escola. Como Xirú havia se vinculado bem àquela instituição, sobretudo a partir do acompanhamento técnico da pedagoga Alessandra realizado na Sala de Recursos Pedagógicos, e já transitava com tranquilidade pelo território, construindo uma rede de parcerias no Parque da Redenção, não cogitou mudar de escola. Retornamos no mês dezembro com o objetivo reforçar o interesse pela vaga e para nos mantermos atualizados dos procedimentos necessários. No entanto, em janeiro de 2017 uma série de notícias desencontradas deram conta de que Xirú não poderia voltar a estudar ali. Depois de repetidas investidas na Secretaria Estadual de Educação descobrimos que a pedagoga Alessandra havia sido transferida da instituição e que em decorrência disto não haviam profissionais capacitados a dar conta das especificidades de alunos com necessidades especiais na modalidade EJA noturno. Pior que isso, a Sala de Recursos havia sido desativada neste processo. Até o final desta etnografia não havia uma escola estadual na zona norte e no centro de Porto Alegre adequada ao atendimento das demandas de Xirú. Circulávamos pela cidade em busca da referida vaga sem encontrar respostas.

De forma paralela a esta situação houve o agravamento da infecção de seu olho direito acompanhada da impossibilidade de aquisição dos medicamentos nas farmácias públicas municipais, a este tempo completamente esvaziadas. Os medicamentos anticonvulsivos que o jovem administrava desde o incidente do tiro também estavam em falta. Além disso, sem a rotina de atividades de outrora, passando mais tempo nas ruas de sua comunidade, acabava sendo abordado com mais frequência pelas forças policiais. Desde a saída do Programa Jovem Aprendiz sua carteira de trabalho perdera a capacidade de protegê-lo das investidas mais violentas. Sendo assim, sair da Vila e circular por territórios neutros como o centro da cidade além de permitir nosso acesso a inúmeras atividades culturais gratuitas proporcionava

também uma experiência de anonimato frente à polícia dali. Ao mesmo tempo, o trânsito por outros territórios causava maiores estranhamentos e desconfianças. Andando com mais *liberdade* pelas ruas da região central pude acompanhar de perto o modo como Xirú era reconhecido e representado pelo olhar dos outros. Dentro de shoppings e comércios de rua éramos vigiados por seguranças, vendedores e clientes. Em praças e espaços de cultura e entretenimento o jovem negro, deficiente físico e com pinta de funkeiro era identificado como um possível vendedor de drogas.

Num ambiente marcado por profundas instabilidades, mediante o rompimento das garantias cidadãos exposto na dissolução dos direitos sociais básicos e na impossibilidade de circular por sua comunidade em meio à perseguição e violência policial, houve mais uma manifestação gritante das condições precárias de existência a que esta vida era exposta. Neste sentido, para caracterizar uma experiência de trânsito entre políticas públicas centrando em seus efeitos na construção de novas possibilidades de vida, *da formação do desejo no campo social*, é necessário considerar a combinação da intensiva precarização dos serviços públicos associada à operação de um regime de economia moral que atua de modo a fragilizar o acesso e a permanência de determinados sujeitos à cidadania.

No período em que Xirú mais aderiu à narrativa estatal de inclusão, acesso e permanência nas políticas públicas pode experimentar também o redimensionamento moral destas mesmas políticas no que diz respeito ao acesso de determinados grupos classificados como *“usuários de crack”*, *“adolescentes em conflito com a lei”* e *“moradores de rua”*. A sombra de sua trajetória somada à força das categorias e nomeações que recebeu ao longo da vida construíram *realidades* que impuseram restrições ao exercício de sua cidadania. É desta forma que o Estado, buscando preservar a integridade e os direitos de uns sacrificando os de outros, opera uma economia moral que hierarquiza existências determinando quais vidas merecem ser protegidas e quais não. Nestas situações é possível observar que as práticas de Estado direcionadas para a administração de determinadas vidas têm sido menos voltadas à garantia do direito à vida (que definem a biopolítica) e mais a uma zona movediça entre o deixar morrer (com o abandono das políticas sociais) e o fazer morrer (este último representado pelas estratégias necropolíticas de extermínio de vidas matáveis). Sendo assim, ao fragilizar e no limite romper com a possibilidade de permanência nos

espaços de garantia de direitos, tais mecanismos reforçavam determinadas perspectivas de vida. Neste período Xirú experimentava o retorno de um antigo campo de forças enfraquecido no tempo em que teve suas demandas reconhecidas e atendidas. Dadas as novas circunstâncias, frente à indiferença de várias instituições e alvo de perseguição policial, foram criadas as condições afetivas, sociais e econômicas para o aumento de seu “veneno”. Através da enunciação “*o governo tá me levando pro crime*”, Xirú expressava o quanto o “*governo*” podia atuar de modo a submeter e aniquilar vidas produzindo o “*envenenamento*” dos sujeitos.

Neste sentido, tomo de empréstimo a noção de “*Estado Tóxico*” utilizada por Lemões (2017) quando se refere às relações de controle e as intervenções violentas destinadas aqueles que habitam as margens da cidadania. É importante considerar que a luta micropolítica empreendida por Xirú se diferencia em muitos aspectos da ação coletiva articulada pelo MNPR, sobretudo no que diz respeito às dimensões dos distintos processos. No caso da atuação política do MNPR uma aproximação demasiada com o Estado produziria uma espécie de *intoxicação do movimento* dado o potencial de captura, sedentarização e despotencialização que as forças estatais exercem sobre uma resistência de tipo nômade. Quanto à luta pela sobrevivência empreendida por Xirú, os elementos tóxicos de sua relação com o Estado se adensaram a partir rompimento dos vínculos com os espaços de garantia de direitos que atuavam na produção de novos afetos, encontros e possibilidades de vida. A falta de vagas em escolas públicas adaptadas, a falta de medicamentos nas farmácias públicas, a perseguição policial, a regra previdenciária que determina a perda de seu BPC caso encontrasse um trabalho regularizado com carteira assinada impunham a sensação (e a realidade) de um Estado que, ao deteriorar as condições de existência, transforma os sujeitos em “*vítimas*”. No referido campo de forças, evitando se tornar uma “*vítima*” do “*governo*” e sem a possibilidade de compor os territórios do “*estudante*” ou do “*trabalhador*”, havia a necessidade de se “*envenenar*”. Neste caso, sendo “*envenenado*” pelo Estado, Xirú resistia e refletia, “*Seu, o governo tá me levando pro crime*”.

Conclusão: a vida em devir

Coerente com o objetivo de acompanhar os movimentos da produção desejante de uma vida que resiste aos mais variados investimentos de poder e controle operados por aparelhos de captura que *envenenam* sujeitos, pretendo agora destacar a criação de algumas linhas de subjetivação formadas nos encontros de Xirú com o mundo. Em meio ao *envenenamento* promovido pelas intervenções estatais (e pelos maus encontros da vida) houve também a propagação de linhas afetivas que transbordaram limites institucionais. Foi no acidentado percurso de Xirú junto das políticas públicas que ocorreu a criação e o fortalecimento de redes informais de cuidado e apoio garantindo seus trânsitos *entre políticas*. Além disto, nos períodos em que o jovem se deparou com a operação de *regimes morais* que atuaram de modo a fragilizar e até mesmo impedir seu acesso aos direitos fundamentais e sociais, as referidas redes funcionaram *para além do Estado*, permitindo a ampliação das possibilidades de enfrentar as urgências da vida.

Formadas por diferentes agentes que em algum momento atravessaram sua trajetória institucional, sobretudo trabalhadores ligados aos serviços e instituições por onde passou, mas não apenas nelas, visto ser composta também por antigos vizinhos e amigos das comunidades da Vila Safira e Mário Quintana *com e sem* vinculação ao *crime*, foram estas relações que garantiam alguma dignidade quando o Estado atacava. Minha inscrição nesta rede se deu *por dentro* do Estado na posição de trabalhador em uma destas políticas públicas e, ao lado de tantos outros agentes institucionais, permaneci integrado e afetado pelas relações ali construídas quando já não havia mais um vínculo profissional em jogo.

No período em que Xirú foi afastado dos espaços de acesso aos direitos, permanecemos agenciando *por fora do Estado* estabelecendo contatos e buscando aproximações estratégicas com pontos da rede (outros profissionais) que ainda ocupavam espaços da estrutura estatal. Na composição das tramas desinstitucionalizadas o jovem buscava diálogos possíveis com as instituições. Em outras tantas circunstâncias não havia esta possibilidade, restavam apenas as linhas do *veneno*, da *circulação* e da *fuga*. De forma sintética é possível afirmar que o efeito das

referidas redes, além de tornar a existência mais suportável, mostra que o “veneno” produzido nos encontros com o Estado e com os “malandros” não emerge de uma suposta “essência” do sujeito, mas dos estados e das posições ocupadas situacionalmente. Portanto, as relações sociais que “envenenam” os sujeitos também são capazes de eliminar o “veneno”. Tornando a vida mais suportável e “desenvenenando” os sujeitos as redes afetivo-sociais produzidas nos bons encontros que Xirú teceu ao longo da vida permitiram a formação de novas linhas de subjetivação e de agenciamentos entre seus pontos.

No interesse de expressar o cruzamento de alguns pontos desta rede na produção dos processos de subjetivação promovidos no encontro de Xirú com as políticas públicas sob o arranjo de uma pesquisa-intervenção, surgiu a ideia de construir um *experimento literário cartográfico* que ilustra um agenciamento de vida criado pelo jovem. Sendo assim, a articulação das oficinas temáticas de cidadania realizadas no POD com os trabalhos escolares propostos nas disciplinas de sociologia e espanhol permitiram a construção de uma potente linha de subjetivação produtora de reverberações na trajetória de Xirú.

Procurei dar expressão a esta linha através da criação de um grande encontro ficcional onde Xirú dialoga com personagens da música e da literatura, com outras vidas perseguidas situadas no centro da política e na margem da sociedade. O desafio desta escrita passou pela tentativa de transformar intensidades em texto. Para tanto, busquei inspiração na potência e na dramaticidade das resistências de vidas expostas ao limite da condição humana. Nas entrelinhas do texto acadêmico, misturando-se a ele, emerge um trabalho construído artesanalmente em meus encontros e andanças com Xirú. Trabalho este que expõe as possibilidades de articulação entre a prática do antropólogo e do educador, entre ciência e ficção.

No desafio de dar consistência textual a um processo de ordem subjetiva o recurso ao texto ficcional se mostrou potente a partir da recuperação de alguns princípios do movimento surrealista, ou melhor, da influência deste na formação de um *surrealismo etnográfico* já referido no início desta dissertação. Com o objetivo de defender uma experimentação do pensamento recupero parte dos aspectos que referenciam a *etnoficção* da obra de Jean Rouch apresentada por Gonçalves (2008; 2009), partindo da utilização de *licenças criativas* para captar a textura de um evento e

do *significado emocional* que o texto etnográfico pode assumir. Debruçado sobre o filme “*Os Mestres Loucos*”, Gonçalves (2008) destaca o caráter surrealista e emocional do projeto de Rouch ligado a “*intuição pessoal, com a subjetividade, e não com parâmetros considerados estritamente científicos*” (GONÇALVES, 2008, p.81). Voltando às raízes do movimento inaugurado por Breton e às influências do método da *escrita automática* sobre parcelas da antropologia francesa Rouch destaca a valorização de aspectos relacionados à imaginação, apontando para a “*liberdade de criação, da criatividade, do vivido*” (IDEM, p.84). Os proponentes da *escrita automática* acreditavam ser esta uma técnica que permitiria a manifestação livre do inconsciente sem os parâmetros de controle da razão, dando espaço a liberdade criativa enquanto forma de produção artística, caracterizando-se também por uma profunda necessidade de conhecimento sedimentado sobre os fenômenos (no caso de Rouch os rituais de processão), associado aos procedimentos de *bricolagem* na amarração de fragmentos textuais (ou fílmicos). De acordo com Gonçalves (2009), Rouch explora a “*potência do falso*” na constituição de uma etnografia fílmica que, pelas inversões e reversões, do ser real e do ser falso dos personagens, ultrapassam a barreira do ficcional e do real instituindo um novo modelo para a narrativa etnográfica.

De minha parte, a experiência desta caminhada ao lado do Xirú permitiu a mobilização dos afetos produtores de um texto ficcional que rompe com o território de escrita do texto acadêmico ao modo de *linhas de fuga* que procuram novas consistências e modos de expressão. Neste sentido, minha inspiração vai ao encontro da afirmação de Deleuze e Parnet (1998) de que “*o grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma*” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 40). De modo similar à experiência de escuta dos tambores dos mortos (e dos vivos) narrados na etnografia de Márcio Goldman (2003), fui também afetado pela potência do encontro de Xirú com dois personagens do pensamento contemporâneo. Na comunicação que Xirú estabeleceu com a história de vida de *Anne Frank* e do *Clandestino* narrado na canção de Manu Chao que leva o mesmo nome, a partir de atividades promovidas no POD e nas escolas como veremos mais adiante, problematizou sua própria trajetória de maneira profunda. Ao modo das vertigens e sonhos de Goldman, consegui imaginar perfeitamente este encontro

“ficcional” a partir afetação que este devir produziu em mim. Trago agora esta experimentação do pensamento. Vamos ao texto:

Sobre Viver



Os versos da canção “Samba da Benção” de Vinícius de Moraes immortalizaram a vida como a arte do encontro.

Inspirado nesse samba o presente texto ganha corpo no encontro de três existências singulares, no encontro de três vidas que tentam resistir, de três trajetórias capturadas de diferentes formas em tentativas de esgotar suas potências. No entanto, estas vidas vazaram, produziram excessos, não foram pacificadas.

Três vidas, três tempos e três contextos. Uma mesma política.

Através do diálogo que se inicia neste texto proponho uma reflexão em torno do atravessamento entre estas existências. A arte de um encontro possível.

Anne Frank, um Clandestino (narrado por Manu Chao na música que leva o mesmo nome) e Xirú.

Mas quanto ao cenário deste encontro? Bem, poderia ser qualquer um... Algum ponto da fronteira entre México e Estados Unidos, dentro de um bote com mulheres e

crianças partindo da Síria em direção à Europa, num subúrbio de Amsterdam ocupada por Nazistas durante a Segunda Guerra ou quem sabe num beco de alguma Vila de Porto Alegre.

A jovem Anne se aproxima do ponto de encontro de forma tímida, veste uma blusa branca desbotada com bordados vermelhos, uma saia cinza que desce por suas pernas passando pelos joelhos cobertos por meias também brancas, nos pés sapatos velhos de cor preta. A pele extremamente branca revela os muitos anos de clausura. O único brilho da composição reside em seu olhar, nos grandes e expressivos olhos castanhos. Seus passos discretos dizem de uma vida recolhida ao espaço de um sótão.

Clandestino foi o primeiro a chegar. Fumando um cigarro permaneceu à espera dos outros escurado num muro. Cigarros e muros. Cigarros que marcam o tempo e muros dividem o espaço. Seu tempo não é o oficial, pois oficialmente ele nem mesmo existe, seu espaço é o entre, entre um lugar e outro, espaço da fuga. Este sujeito enigmático recompõe sua identidade todos os dias, algumas vezes é negro, outras é branco, tem traços indígenas, árabes e orientais, todos sobrepostos, já foi mulher, travesti e hoje é homem. É o que a vida desafia.

Nosso último personagem se aproxima com seu passo arrastado, observa de longe se os companheiros já estão no ponto de encontro, tem dificuldade em reconhecê-los, sua visão é turva, precisa permanecer imóvel para observar os corpos à distância. Neste dia Xirú está vestindo um tênis Nike recém comprado, uma bermuda jeans presente de uma assistente social, camiseta do Grêmio que ostenta orgulhosamente e um boné da Nike azul enterrado na cabeça a proteger seus olhos sensíveis. Xirú nasceu numa periferia de Porto Alegre e já morou em tantas as outras, também já morou no Centro, no Bom Fim, Cidade Baixa, Moinhos de Vento, Independência. Nos bairros burgueses foi vizinho de gente importante da cidade, gente rica, gente de bem. Pessoas que batem panelas em suas sacadas e estendem panos brancos exigindo o fim da corrupção e da violência. Xirú gostava deles, principalmente de suas carteiras, cordões, celulares e tênis.

As três vidas se cruzam e versam.

Clandestino acende mais um cigarro e olhando para Xiru pergunta:

“Quer um cigarro?” Xirú responde: *“Quero sim “Seu”!”*.

Clandestino fica incomodado com a formalidade, “Seu? Não precisa me chamar assim”.

Xirú diz: “Serenos... Eu peguei essa mania quando tava preso na FASE, lá a gente é obrigado a chamar os monitores e todas as outras pessoas por Seu e Dona, aí chega uma hora em que a gente fala no automático”.

Clandestino responde: “Sei bem como é estar preso... Uma vez fui preso com toda a minha família num campo de refugiados. Fugíamos de nosso país, pois estava acontecendo uma guerra entre dois exércitos, um deles queria ficar no poder, o outro queria derrubar o governo. Nessa guerra quem não escolhia um dos lados morria primeiro... Saímos da cidade durante a madrugada de um dia muito frio e caminhamos 3 dias até chegar à fronteira... Minha casa ficou para trás, destruída... Mas todo o dia minha esperança renasce.

Xirú: “Capaz “Seu”! Tú já foi preso? Tú nem parece ser do crime”.

Clandestino: “Pra tu ver... Em meu país, dependendo do Deus que tu acredita, a vida pode ser bem mais curta...”.

Xirú: “Mas “Seu”... São os AntiBala que dominam a boca que tu mora? Eles são meus contra, tãmo de guerra com eles, eu sempre me embolei com os Bala, esses AntiBala gostam de matar mulher grávida e criança...”

As primeiras palavras de Anne soam em tom baixo. “Também fui presa com toda a minha família”. Silêncio.

Os rapazes ainda impressionados com a afirmação de Anne permanecem calados.

A jovem se encoraja e prossegue... “Nasci num país onde não éramos considerados pessoas, toda minha família tinha medo dos Nazistas... Fugimos o quanto foi possível... Vivíamos escondidos... Mas aí fomos encontrados e nos levaram para um Campo de Concentração...”.

E prossegue: “O campo era uma prisão onde éramos obrigadas a trabalhar sem parar... E todos os dias chegavam mais pessoas. De tempos em tempos levavam os idosos e os doentes embora dentro de caminhões... Foi assim que levaram minha mãe... Diziam que era para um lugar chamado Câmara de...”.

Xirú a interrompe: “E esses números que fizeram no teu braço?”.

Anne argumenta: “Todas as pessoas que entravam em Auschwitz ganhavam esses números”.

Xirú segue: *“Parece as tatuagens que os guris fazem na FASE... Mas lá eram lágrimas, diamantes, coringas... Cada desenho é de uma facção... Eu nunca quis fazer... Mas aí um dia (se liga só “Seu”) fizeram uma tatuagem na minha cabeça...”*.

“Como assim Xirú...”. Pergunta o Clandestino.

Xirú: *“Na terceira vez que fui preso consegui fugir da FASE, voltei pra minha Vila e fui vender um fumo para levantar uma grana de novo... Fiquei 3 dias direto no fluxo... O movimento tava forte na Vila, eu não dormia, não comia, só queria dinheiro, dei uns teco e fiquei virado, mas uma hora o corpo desliga né “Seu”... Nessa hora eles vieram por trás e pá... Até hoje não sei como não morri, o tiro de 32 entrou por cima da minha orelha e saiu do lado do olho. Fiquei cego, surdo e com o lado esquerdo do corpo paralizado... Mas tâmo ai né “Seu”, sabe o jeito, quem menos corre voa”*.

“E hoje Xirú?”, pergunta o clandestino.

Xirú: *“Hoje eu tô sereno “Seu”, fiquei sabendo que os caras não querem mais me matar... Minha vida tá mais suave, tô tentando viver fora do crime, não é fácil, pouca grana, sem ostentação... Mas a vida de vocês está ajudando a fortalecer a minha caminhada. Conheci a história de vocês no colégio, na aula de espanhol e de sociologia, me identifiquei, vocês são Vida Loka que nem eu...”*.

Xirú emerge em meio a um heterogêneo grupo de jovens participantes do POD Socioeducativo resistindo aos termos de uma anunciada *morte social*. Além da tortuosa recuperação física era desafiado a produzir territórios existenciais capazes de dar consistência para sua vida. A radicalidade das experiências articuladas em seu corpo e subjetividade, das internações compulsórias aos confrontos do tráfico, o deixavam apreensivo em relação às possibilidades abertas pelas políticas públicas. Carregava uma grande desconfiança nas relações com o Estado.

As lembranças de nosso primeiro encontro me remetem a uma intensa preocupação e curiosidade. Preocupação frente aos olhares que aquele jovem me desferia. Quanto ao meu olhar sobre ele, colocando-o em perspectiva, estava contaminado por outros olhares e discursos que situam jovens como Xirú no lugar do

perigo eminente. Olhar que o educador precisa desconstruir no cotidiano do trabalho. A surpresa de nossos primeiros contatos vêm se atualizando ao longo dos últimos anos. Da mesma forma, a possibilidade de acompanhar Xirú ao longo deste período vem permitindo minha participação nesta trama social múltipla onde se produzem encontros e se tecem relações articuladoras de “*mais vida*”. Meu contato com alguns fragmentos da sua história, através da leitura de prontuários das mais diversas instituições por onde passou, junto aos seus próprios relatos, ora estimulados pelas atividades socioeducativas realizadas no cotidiano da instituição, ora por seu desejo de contar histórias, permitiram a construção de um pequeno mosaico.

A descoberta de um texto produzido por Xirú me revelou uma complexidade existencial até então desconhecida. A partir disto me impliquei diretamente no resgate de episódios que permaneciam incompletos nesta trama. Resgate de episódios e criação de novos capítulos. A criação destas histórias fez com que minha relação com Xirú se aprofundasse e ganhasse densidade.

Através das atividades socioeducativas abrimos canais de comunicação por onde Xirú falava de um passado fragmentado, de uma trajetória costurada em meio a intervenções estatais, dos saberes aprendidos na rua e no *crime*, da necessidade de circulação e do *veneno* para sobreviver às capturas, de tudo que viveu até ser levado para UTI do Hospital Cristo Redentor. No período em que permaneceu algemado à cama do hospital falou do ponto limite em que a morte toca a vida trazendo à tona elementos de uma verdade insuportável sobre o destino reservado para vidas como a sua. Seu testemunho nos aproxima da narrativa de Antígona apresentada por Venna Das quando esta “*mostra a criminalidade da própria ordem social*” (DAS, 2011). Da formação de mecanismos de gestão e controle destinados a governar a existência de vidas que escapam aos parâmetros da normalização biopolítica.

No entanto, em meio às capturas haviam fissuras por onde a potência das linhas de vida também se expandiam. Num determinado dia pedi a Xirú que me mostrasse uma música que ilustrasse um pouco de sua vida, desde que, antes disso, eu o mostrasse algo de meu interesse (e que imaginei que pudesse sensibilizá-lo para alguma reflexão). A trilha por mim escolhida para esta atividade foi “Clandestino” de Manu Chao, pois acreditei mobilizar um referencial estético diferente do que o jovem estava acostumado a provar e por trazer à tona uma importante reflexão em torno do

debate dos Direitos Humanos. No entanto, Xirú suportou a música por menos de 20 segundos. Reprovou imediatamente minha escolha e me pediu para escutar um Funk Ostentação. Imaginei que a tentativa de estabelecer uma troca de referências musicais havia se dado em apenas uma das direções, visto que a letra do Funk era realmente muito boa e caiu no meu gosto.

Passados alguns meses após a realização desta atividade Xirú aparece no POD absolutamente entusiasmado com um trabalho que havia desenvolvido na aula de espanhol da noite anterior. A professora Márcia havia problematizado justamente a letra de “Clandestino”. Ao fazer a leitura Xirú ficou impressionado com o quanto a sua vida se aproximava da vida dos Clandestinos narrados por Manu Chao. *“Se liga só Seu... O cara da música diz que viveu Clandestino porque não tinha documentos, quer dizer que eu também fui Clandestino, porque quando eu morava na rua não tinha identidade nem nada, eu era um Clandestino que tinha que viver fugindo da polícia”*. A possibilidade de encontrar correspondências entre momentos de sua vida com a de personagens aparentemente tão distantes produziu uma reflexão profunda sobre sua condição. Nesse momento Xirú passou em revista parte de sua história. Episódios relacionados a cor de sua pele e ao fato de consumir maconha foram outros que tiveram grandes repercussões em seus comentários. Quanto a estética do clipe ficou impressionado com o rosto de pessoas que passam por experiências parecidas com as suas, mulheres, homens, idosos e crianças de diversas etnias.

Dando continuidade a este processo, no que diz respeito a produção de capítulos de *“mais vida”*, Xirú conclui o ensino fundamental e se matricula no colégio Anne Frank com vistas a encarar seu mais novo desafio, o ensino médio. Sua vinculação com este espaço educacional foi mais difícil, sobretudo por se localizar num bairro de *“playboys”*, pois, segundo ele, se relacionar na favela é mais fácil. Um momento decisivo nesta relação se deu através de uma atividade realizada no colégio em homenagem àquela que o nomeia. A história do Holocausto e de Anne Frank foi tematizada a partir do relato de uma senhora que assim como Anne foi prisioneira no Campo de Concentração Nazista de Westerbork, ela tinha em seu corpo a perversa inscrição de código numérico nazista. Este acontecimento foi narrado por Xirú no dia em que eu o acompanhei a uma exposição sobre Anne Frank num shopping da capital e, posteriormente, numa atividade realizada no museu da UFRGS em memória às

vítimas do Holocausto. Nesta oportunidade o jovem se referiu a proximidade das experiências que ele e Anne enfrentaram ao longo de suas vidas. *“Imagina só Seu, ela foi presa quando era mais nova do que eu, pra ela deve ter sido mais difícil porque era uma menina jovem, não era do crime. E mataram ela Seu! Os nazistas mataram uma criança! Quando eu tomei o tiro na cabeça já era mais velho do que ela”*.

Estes dois acontecimentos provocaram uma grande reflexão sobre sua jornada. Ambos foram produzidos dentro de processos sociais complexos, iniciados nas tramas de escolas públicas e de uma política pública de reinserção social, mas que também ganharam outros contornos e outros espaços da cidade manifestando a necessidade de repensar os modos de subjetivação produtores de novas possibilidades de vida, na crítica, na educação e na existência.

No trânsito entre políticas Xirú constituiu uma rede de relações junto aos serviços por onde passou. Cada instituição tornou-se um ponto produtor de efeitos sobre o jovem. No período em que circular pela cidade e pelos serviços configurava um ato de resistência, os pontos estabelecidos na rede também manifestavam conexões afetivas com o mundo. Produzia territórios existenciais. Xirú manifestou um modo de vida rizomático em meio a capturas e fugas, ao circular buscava passar por entre os circuitos biopolíticos. Foi neste sentido que tive interesse em mapear as linhas de vida “invisíveis” que Xirú estabelecia com instituições, pessoas e com espaços da cidade de Porto Alegre que em algum momento cruzaram a sua errância. Invisíveis e estendidas pelos espaços da cidade, as referidas linhas constituíram uma rede pela qual sua vida se tornou possível.

“Dias de luta, dias de glória”



Formatura do Ensino Médio. Julho de 2017. Acervo Pessoal.

*A presente dissertação teve a participação direta de Xirú na escrita de diferentes passagens textuais e na escolha das imagens que ilustram os capítulos. Com o trabalho finalizado foi realizada em conjunto a leitura dos capítulos de campo e do argumento teórico central construído.

Referências Bibliográficas

AROSI, Ana Paula. **A vítima como categoria política: um estudo etnográfico sobre os movimentos de familiares de vítimas de violência no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2013.

AYDOS, Valéria. **Agência e Subjetivação na gestão de pessoas com deficiência: a inclusão no mercado de trabalho de um jovem diagnosticado com autismo**. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 22, n. 46, p.329-358, jul./dez. 2016.

BEHAR, Ruth. **Cuéntame algo, aunque sea una mentira: Las historias de la comadre Esperanza**. Tradução de Mariano Sánchez-Ventura, David Frey, Alfredo Alonso Estenoz. México, FCE, 2009.

BIEHL, João. **Vita. Life in a Zone of Social Abandonment**. University of California. Press, 2005.

_____. **Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 51, n.2, p.413-449, 2008.

_____. **Antropologia no campo da saúde global**. Horizontes Antropológicos. Ano 17, n.35, 227-256, 2011.

BIEHL, João. ; LOCKE, Peter. **Deleuze and the Anthropology of Becoming**. Current Anthropology, Vol. 51, Nº 3, p. 317-351, 2010.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado. Uma etnografia do PCC**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra. Quando a vida é passível de luto**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORDEIRO, Jair Silveira. **“Tá, então tá, vou falar a verdade”**: Relações de Poder e Produção da Verdade no Sistema de Justiça Juvenil de Porto Alegre. Tese de Doutorado PPGCS PUCRS. Porto Alegre, 2016.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL ASSEMBLEIA LEGISLATIVA Gabinete de Consultoria Legislativa **LEI Nº 13.122, DE 09 DE JANEIRO DE 2009**. (Atualizada até a Lei n.º 14.228, de 15 de abril de 2013).

DAS, Veena. **O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade**. Cadernos Pagu, no. 37, Campinas Julho/Dezembro, 2011.

DASSI, Tatiana. **“É, Vida Loka Irmão”**: moralidades entre jovens cumprindo medidas socioeducativas. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le problème de l’expression**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.

_____. **Foucault**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

_____. **Desejo e Prazer**. Magazine Littéraire. Tradução Luiz B. L. Orlandi, 1994.

_____. **Espinoza Filosofia Prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins, São Paulo: Escuta Editora, 2002.

_____. **Em Medio de Spinoza**. 2ª Ed. Buenos Aires: Cactus, 2008.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARRI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Luiz L. B. Orlandi. São Paulo. Editora 34, 2ª Edição, 2011.

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1, Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 3, Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4, Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. ; PARNET, Claire. **Diálogos**. Editora ESCUTA. 1ª Edição, 1998.

ENGELMAN, Selda. **Trabalho e Loucura: Uma Biopolítica dos Afetos**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.

ESCÓSSIA, Liliana da. ; KASTRUP, Viginia. **O Conceito de Coletivo como superação da dicotomia indivíduo e sociedade**. *Psicologia em Estudo*, Maringa, V. 10, N. 2, p. 295-304, Mai./Ago. 2005.

FASSIN, Didier. **Clandestins ou exclus? Quand les mots font les politiques**. *Politix*, n. 24, p. 77-86, 1996.

_____. **Public health as culture. The social construction of the childhood lead poisoning epidemic in France**. *British Medical Bulletin*, Oxford, v. 69, p.167–177, 2004. Disponível em: <<http://bmb.oxfordjournals.org/content/69/1/167.full.pdf+html>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

_____. **La biopolitique n'est pas une politique de la vie.** Sociologie et Sociétés, V. 38, N. 2, p. 35-48, 2006.

_____. **Humanitarianism as a Politics of Life.** Public Culture. v. 2, n.19, p. 499-520, 2007.

_____. **Beyond good and evil? Questioning the anthropological discomfort with morals.** Anthropological Theory, v. 8, n. 4, p. 333-344, 2008.

_____. **Another politics of life is possible.** Theory, Culture & Society, v. 26, n. 5, p. 44-60, 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser Afetado.** In: Cadernos de Campo 13, Ano 14, USP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. **Os Anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. A Governamentalidade. In: **Microfísica do Poder.** 16 a. Ed Rio de Janeiro: Graal. 2002.

_____. Sobre a História da Sexualidade. In: **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, p. 244, 2002.

_____. **Em Defesa da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Segurança, Território e População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. **VIRAÇÃO. Experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOLDMAN, Márcio. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2003, V.46, Nº 2.

_____. **Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia**, Ponto Urbe (Online), 2008, p.3, consultado em 14 de janeiro de 2018.

GONÇALVES, Marco Antonio. **O Real Imaginado: Etnografia, Cinema e Surrealismo em Jean Rouch**. PPGSA UFRJ, Ed. TOPBOOKS, 2008.

_____. **Confabulações da alteridade: Imagens dos outros (e) de si mesmos**. Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Org. Marco Antonio Gonçalves e Scott Head. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.

GUATTARI, Félix. **Les anées d’hiver, 1980/1985**. Paris: Bernard Barrault, 1986.

GUATTARI, Félix. ; ROLKIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Editora Vozes, 12ª Edição, 2013.

LANCELLOTTI, Helena Patini. **Tecnologias de governo, infância e rua: Um estudo sobre as categorias e as práticas dos serviços que acompanham crianças e adolescentes em situação de rua em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado PPGAS UFRGS. Porto Alegre, 2016.

LEMÕES, Tiago. **De vidas infames à máquinas de guerras: Etnografia de uma luta por Direitos**. Tese de Doutorado PPGAS UFRGS. Porto Alegre, 2017.

LYRA, Diogo. **A República dos Meninos: Juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013.

MALLART, Fábio. **Cadeias Dominadas: a Fundação Casa, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, Revista do PPGAV-EBA-UFRJ. N.32. Dezembro 2016.

MEJÍA, Rafael Estrada. **Etnografia, Cartografia e Devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas**. In: Vidas & grafias: Narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Org: Suely Kofes, Daniela Manica. 1ª Edição, Rio de Janeiro, Lamparina & Faperj, 2015.

MINTZ, Sidney. **Encontrando Taso, me descobrindo**. Dados: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.

PASSOS, Eduardo. ; BARROS, Regina Benevides de. **Por uma política da narratividade**. In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Orgs: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Ed. SULINA. Porto Alegre, 2012.

PELBART, Peter Pál. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura. Loucura e Desrazão**. Editora Brasiliense. 1 Ed. 1989.

PORTOCARRERO, V. **Os Limites da Vida: da Biopolítica ao Cuidado de Si**. In. : ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M. de; VEIGA-NETO, A. SOUZA FILHO, A. (ORGS.). Cartografias de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROLIN, Marcos. BRAGA, Cristiane. WINKELMANN, Fernanda. **POD RS Socioeducativo e a potência da prevenção terciária**. Revista Brasileira de Segurança Pública. São Paulo, V. 11, N. 1, Fev/Mar 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo**. Editora UFRGS, 2011.

RUI, Taniele. **Nas tramas do crack**. Etnografia da abjeção. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

SILVA, Hélio. R. S.; MILITO, Cláudia. **Vozes do Meio-Fio. Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SCHUCH, Patrice. **Antropologia entre o inesperado e o inacabado: Entrevista com João Biehl**. FONSECA, C. (Org); JARDIM, D.F. (Org), SCHUCH, P. (Org); MACHADO, H. C. (Org). Horizontes Antropológicos. N.46 – Tecnologias de Governo. 46 Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. V. 1. 484 p.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de Contexto: as ficções persuasivas da antropologia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TADEU, Tomaz. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Coleção Desenrêdos. N. 1. Faculdade de Artes Visuais. Goiânia, 2004.

VIEIRA, Danielli. **“Vivendo no Veneno”**: Análise de Narrativas Contadas por Jovens sobre Homicídios em SC. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2009.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br